

SIMONE FONSECA GOMES

LÍNGUAS EM EXTINÇÃO:  
ESTUDO DE UM *PATOIS* FRANCOPROVENÇAL

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2015

Simone Fonseca Gomes

LÍNGUAS EM EXTINÇÃO:  
ESTUDO DE UM *PATOIS* FRANCOPROVENÇAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística teórica e descritiva

Linha de pesquisa: Estudo da variação e mudança linguística

Orientadora: Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen.

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG

2015

G633l Gomes, Simone Fonseca.  
Línguas em extinção [manuscrito] : : estudo de um *patois*  
francoprovençal / Simone Fonseca Gomes. – 2015.  
113 f., enc. : il., p&b., color., tab.

Orientadora: Maria Antonieta Amarante de Mendonça  
Cohen.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança  
Linguística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de  
Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 99 -102.

Anexos: f. 103-113

Anexos: f. 126-141.

1. Línguas românicas – Teses. 2. Língua provençal – Teses. 3.  
Dialeto franco-provençal - Teses. 4. Sociolinguística – Teses.  
5. Mudanças linguísticas – Teses. 6 Línguas mortas – Teses.  
I. Gomes, Simone Fonseca. II. Cohen, Maria Antonieta  
Amarante de Mendonça. III. Universidade Federal de Minas  
Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título.

CDD : 440

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Maria Antonieta A. M. Cohen – responsável por despertar meu interesse pelas línguas em extinção, em especial o francoproveçal – pela valiosa e dedicada orientação no desenvolvimento desta pesquisa, discutindo ideias e indicando o melhor caminho diante dos impasses. Agradeço ainda pela confiança no meu trabalho desde a graduação e por apoiar a continuidade desta pesquisa no doutorado.

Agradeço também aos professores do Poslin, que tiveram papel crucial no aprimoramento da minha formação enquanto linguista, em especial às professoras Maria do Carmo Viegas, Sueli Coelho e Heliana Mello. Às queridas professoras de francês Juliana Gambogi, Lúcia Jacob e Márcia Arbex pela contribuição na minha formação em língua francesa.

À professora Aléxia Teles Duchowny, com quem trabalhei na Iniciação Científica, enfrentando os desafios da pesquisa com dados, compartilhando experiências e que continua sempre presente na minha trajetória. Agradeço também por sua participação na banca, pelos comentários e pelo reconhecimento dos méritos desta pesquisa.

À professora Viviane Cunha, por sua participação na banca, pela leitura dedicada e por mais uma vez trazer sua contribuição ao meu trabalho.

Ao CNPq, pela bolsa concedida para realização desta pesquisa.

Aos colegas do Poslin, com quem pude trocar ideias, discutir dúvidas e conhecer novas perspectivas. Aos amigos e familiares que sempre estiveram ao meu lado, apoiando e dando o suporte necessário ao trabalho acadêmico, compreendendo as ausências e os cansaços, em especial aos meus pais e à minha sogra, pelo apoio incondicional. À amiga Élise, que gentilmente trouxe da França os livros do Stich, que muito enriqueceram este trabalho.

Agradeço ao meu companheiro João, presente nos melhores e piores momentos, pela compreensão, pelas conversas – muitas vezes monólogos sobre “exo-endofórico, derivados de *iste/ille*, *chli*, *chla*, *chlulu...*” – pelo amor, por sempre acreditar no meu potencial e apoiar minhas decisões.

*Aos patoisants, guardiães do patois*  
*(Aux patoisants, gardiens du patois)*

## RESUMO

Nesta pesquisa de mestrado, nos debruçamos sobre o francoprovençal, uma língua românica em vias de desaparecimento. A pesquisa bibliográfica nos permitiu conhecer o contexto sócio-histórico do processo de extinção do francoprovençal na França, as características linguísticas e a diversidade de seus falares, assim como as iniciativas mais recentes de recuperação dos *patois*. Com o objetivo de compreender o que acontece com a estrutura de uma língua em processo de desaparecimento, empreendemos a análise do sistema de demonstrativos em uma variedade do francoprovençal, o *patois bressan*, falado em *Bourg-en-Bresse*, na região *Rhône-Alpes*, na França. Os dados foram coletados de um revista em quadrinhos traduzida do original francês para esse *patois*. A análise pautou-se na investigação das características linguísticas que, associadas a determinadas formas e usos do demonstrativo, propiciariam sua retenção ou sua resistência ao processo de assimilação desencadeado pelo longo e intenso contato com a língua francesa. O trabalho com os dados teve como resultados a identificação das formas dos demonstrativos no *bressan* e a constituição de um *corpus*; a descrição morfológica, semântica e sintática dos adjetivos e pronomes demonstrativos e um aprofundamento das questões fônicas envolvidas, que se mostraram importantes na análise da retenção linguística. A partir da matriz retenção-mudança proposta por Cohen (2009), identificamos características que, associadas a determinadas formas dos demonstrativos, as tornam mais marcadas ou mais pesadas de informação. Tais formas tenderiam a resistir a processos de mudança e seriam, portanto, candidatas à retenção, a despeito das pressões assimiladoras.

**Palavras-chave:** Francoprovençal, línguas em extinção, demonstrativos, retenção linguística.

## RESUME

Dans cette recherche, on étudie le francoprovençal, une langue romane en voie de disparition. La revue de la littérature nous a permis d'identifier le contexte socio-historique du processus de disparition du francoprovençal en France, les caractéristiques linguistiques et la diversité de ses parlers, ainsi que les dernières initiatives de récupération des patois. Afin de comprendre ce qui se passe à la structure d'une langue en danger, nous avons entrepris une analyse du système de démonstratifs d'une variété du francoprovençal, le patois bressan, parlé à Bourg-en-Bresse, dans la région Rhône-Alpes, en France. Les données ont été recueillies auprès d'une bande dessinée traduite de l'original français en patois bressan. L'étude s'est basée sur la recherche des caractéristiques linguistiques liées à certaines formes et usages des démonstratifs, permettant leur conservation ou leur résistance au processus d'assimilation déclenché par le long et intense contact avec la langue française. L'analyse des données a apporté des résultats tel quel l'identification des formes des adjectifs et des pronoms démonstratifs du bressan et la création d'un corpus; la description morphologique, sémantique et syntaxique des démonstratifs et un approfondissement des questions liées à la *deixis* et à l'anaphore, qui sont très importantes dans l'analyse de la rétention linguistique. D'après le tableau "rétention-changement" proposée par Cohen (2009), nous avons identifié les caractéristiques qui, étant associées à certaines formes des démonstratifs, les rendent plus marqués ou plus "lourdes" d'informations. Ces formes auraient tendance à résister à des processus de changement et seraient donc candidates à être retenues, malgré les pressions assimilatrices.

**Mots-clés:** Francoprovençal, langues en danger, démonstratifs, rétention linguistique.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 -	Línguas da França.....	15
Mapa 2 -	O domínio francoprovençal.....	16
Mapa 3 -	Região Rhône-Alpes na França e os departamentos pertencentes ao domínio francoprovençal.....	17
Figura 1 -	Quadrinhos em francoprovençal.....	33
Figura 2 -	Capa de um romance em francoprovençal.....	33
Figura 3 -	<i>Patois</i> francoprovençais.....	38
Figura 4 -	Trecho da revista <i>Léj avatar de Tintin: Lé pèguelyon de la Castafiore</i> .....	70
Figura 5 -	Trecho da revista <i>Léj avatar de Tintin: Lé pèguelyon de la Castafiore</i> .....	76
Figura 6 -	Trecho da revista <i>Léj avatar de Tintin: Lé pèguelyon de la Castafiore</i> .....	81

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 -	Conservação das vogais átonas finais no francoprovençal.....	27
Quadro 2 -	Palatalização do CA latino nos patois francoprovençais.....	27
Quadro 3 -	Morfologia do artigo definido no francês e no francoprovençal.....	28
Quadro 4 -	Evolução do <i>-o</i> (e <i>-u</i> ) pós-tônico do latim no francês e no francoprovençal.....	29
Quadro 5 -	Enfraquecimento das oclusivas entre vogais do latim no francês e no francoprovençal.....	29
Quadro 6 -	Ditongação das vogais acentuadas em sílaba aberta do latim no francês e no francoprovençal.....	29
Quadro 7 -	Matriz retenção-mudança.....	49
Quadro 8 -	Sistema de adjetivos demonstrativos no francês.....	60
Quadro 9 -	Sistema de pronomes demonstrativos no francês.....	60/ 87
Quadro 10 -	Sistema de adjetivos demonstrativos no francoprovençal.....	63
Quadro 11 -	Sistema de pronomes demonstrativos no francoprovençal.....	63/ 87
Quadro 12 -	Sistema de advérbios de lugar no francoprovençal.....	64
Quadro 13 -	Classificação elaborada para análise dos demonstrativos.....	66
Quadro 14 -	Sistema de adjetivos demonstrativos no <i>bressan</i> .....	68
Quadro 15 -	Adjetivos demonstrativos do <i>bressan</i> na função exofórica.....	75
Quadro 16 -	Adjetivos demonstrativos do <i>bressan</i> nas funções endofórica e endo-exofórica.....	78
Quadro 17 -	Classificação e frequência das formas do adjetivo demonstrativo no <i>bressan</i> .....	82
Quadro 18 -	Sistema de pronomes demonstrativos no <i>bressan</i> .....	86
Quadro 19 -	Sistema de advérbios de lugar no <i>bressan</i> .....	88
Quadro 20 -	Matriz retenção-mudança (adaptada) .....	98
Tabela 1 -	Morfologia e frequência das formas do demonstrativo no <i>bressan</i> .....	67

## LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

adj.	adjetivo
adv.	advérbio
art.	artigo
dem.	demonstrativo
esp.	espanhol
fem.	feminino
fr.	francês
inv.	invariável
masc.	masculino
port.	português
prep.	preposição
pron.	pronome
sing.	singular
subst.	substantivo
plur.	plural
SN	sintagma nominal
∅	posição vazia ou sem palavra correspondente
*	forma não atestada, reconstituída
>	resultou (evolução histórica)
<	provém de (evolução histórica)

## SUMÁRIO

Introdução.....	10
Primeiro capítulo: Contextualização histórica.....	15
1.1 Francoprovençal, que língua é essa?.....	15
1.2 Francês X patois: uma guerra declarada.....	19
1.3 Uma língua, muitos falares.....	23
1.4 Descrição geral da língua.....	26
1.5 Os registros escritos.....	30
1.6 Uma língua que ressurge.....	32
1.7 Dinamismo da língua na atualidade.....	34
Segundo capítulo: Pressupostos teórico-metodológicos.....	38
2.1 O <i>corpus</i> .....	38
2.2 Línguas em contato e línguas ameaçadas.....	41
2.3 Estudo de fenômenos de retenção e mudança.....	48
2.4 Estudo dos demonstrativos.....	50
2.4.1 A natureza dos demonstrativos .....	51
2.4.2 Origem e características dos demonstrativos nas línguas românicas.....	57
2.4.3 Os demonstrativos no francês.....	60
2.4.4 Os demonstrativos no francoprovençal.....	62
Terceiro capítulo: Os demonstrativos no <i>bressan</i> .....	66
3.1 Os adjetivos demonstrativos.....	68
3.2 Os pronomes demonstrativos.....	86
Conclusão.....	96
Referências.....	99
Anexos.....	103

## INTRODUÇÃO

Segundo o documento *Language Vitality and Endangerment*, publicado pelo grupo especialista em línguas ameaçadas da UNESCO<sup>1</sup> (2003), aproximadamente 97% da população mundial falam cerca de 4% das línguas do mundo, ou, inversamente, 96% das mais de 6.000 línguas do mundo são faladas por apenas 3% da população do planeta. Essa estatística nos leva a deduzir que a maior parte da diversidade linguística está sob a guarda de comunidades minoritárias que, em geral, sofrem pressão de línguas majoritárias, de sociedades com alto poder político e econômico (ver também COHEN, 2009).

Esse quadro geral das línguas do mundo tem culminado na ameaça e no efetivo desaparecimento de línguas e culturas. À medida que culturas minoritárias são assimiladas pelas grandes sociedades, suas respectivas línguas passam por processos de mudanças que podem levar à ruptura da transmissão intergeracional, à redução de seus domínios comunicativos e, conseqüentemente, ao seu desaparecimento e substituição por línguas majoritárias em todas as modalidades de uso.

A partir da década de 1970, a temática das línguas ameaçadas começou a habitar as preocupações de linguistas e de antropólogos, que passaram a dar maior atenção à problemática da manutenção de línguas e de culturas minoritárias. Nas últimas décadas, essa situação das línguas do mundo tem despertado o interesse de diferentes grupos e instituições sociais, as quais têm se mobilizado na busca de ações que visam reverter esse quadro. Comunidades linguísticas, profissionais da linguagem, ONGs (Organizações não governamentais) e associações como a UNESCO, têm se dedicado a essa questão chamando a atenção para o fato de que a perda da diversidade linguística significa uma perda para toda a humanidade.

Os fatores extralinguísticos, ou seja, sociais, políticos e culturais, desempenham um papel decisivo no fenômeno de extinção de uma língua. O mesmo processo histórico e social de desenvolvimento das comunidades, caracterizado por disputas de território, migrações, contatos linguísticos mais ou menos intensos, etc, que atua como fator diferenciador de línguas e de dialetos no espaço e no tempo pode, por outro lado levar à perda da diversidade linguística, na medida em que algumas línguas ou dialetos se sobrepõem a outros. Isso ocorreu, por exemplo, na formação dos Estados Nacionais europeus – quando

---

<sup>1</sup> *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

uma língua é alçada a língua nacional a despeito das demais línguas faladas nesses territórios – e na colonização da África e das Américas – com a imposição da língua e da cultura do colonizador.

Ainda hoje, várias são as forças que levam à ameaça e ao desaparecimento de línguas e dialetos. Segundo o documento da UNESCO (2003), essas forças podem ser externas ao grupo ou comunidade cuja língua está ameaçada, tais como a subjugação militar, econômica, religiosa, cultural ou educacional imposta pelo grupo majoritário e/ou de maior poder, ou virem do interior da própria comunidade: a atitude negativa dos falantes em relação a sua própria língua. Essa atitude negativa do falante é um fator de extrema importância, visto que ela atua diretamente na ruptura da transmissão intergeracional de uma língua ou dialeto, o que acelera o processo de assimilação da cultura dominante e conseqüente perda da diversidade linguística e cultural.

Do ponto de vista propriamente linguístico, questiona-se o que ocorre na estrutura da língua que se extingue: quais características podem ser consistentemente observadas, as tendências, os fenômenos recorrentes que direcionam as mudanças na língua rumo à extinção. Estudos como os de Cohen (2002 e 2003) sobre o francoprovençal e o judeu-espanhol, o de Scheinbein (2006) sobre o *hakitia* e os trabalhos de Dorian (1977 e trabalhos posteriores) sobre o gaélico escocês mostraram que línguas minoritárias, com baixo prestígio social, que se encontram em intenso contato com uma língua dominante passam por processos complexos de mudança linguística que, dependendo do contexto social e político, podem levar à substituição de uma língua por outra. Tal processo pode caracterizar-se por fenômenos linguísticos como o empréstimo, a interferência, as assimilações e as simplificações mas também por fenômenos de retenção, ou seja, de elementos que resistem ou são passíveis de resistir à extinção (COHEN, 2009).

Embora os fenômenos linguísticos observados em contextos de extinção de línguas possam ser bastante similares a outras situações de mudança linguística, eles refletem uma situação sociolinguística bastante *sui generis*, que deve ser melhor descrita e analisada. Por isso, as situações de extinção de língua se mostram um objeto rico para o estudo dos efeitos do contato linguístico e da atuação dos fatores extralinguísticos no desenvolvimento de uma língua.

Wetzels *et al.* (2000) também destacam a importância do estudo de línguas em extinção para o conhecimento de como as línguas são estruturadas (ver também Harrison, 2007) e das diferentes maneiras como as diferentes línguas constroem a relação entre forma (som, palavra, estrutura da sentença) e significado, possibilitando o conhecimento do que são

os “constantes” linguísticos e de suas variações possíveis. McMahon (1994) entende o fenômeno de “morte de língua” como um tipo de mudança linguística – com suas especificidades – e salienta as importantes implicações desses estudos para a teoria linguística, os estudos sobre a aquisição da linguagem e sobre a mudança linguística em geral.

Além disso, não se pode negligenciar a importância e a necessidade de se descrever e registrar línguas minoritárias em vias de desaparecimento. Qualquer estudo sobre uma língua em extinção já é uma contribuição para sua preservação. Essas línguas são patrimônio de toda a humanidade e interessantes em si mesmas, enquanto expressão da cultura de um povo. Por isso, cabe às diferentes instâncias da sociedade, dentre elas a comunidade acadêmica, o levantamento da situação de línguas ameaçadas, sua descrição, sua documentação e sua revitalização, se for este o caso, assim como o apoio a suas comunidades.

Nesta dissertação empreendemos o estudo de uma língua da família românica que se encontra hoje nas listas e mapas de línguas em extinção no mundo: o francoprovençal. Na academia, fiquei sabendo da existência dessa língua nas aulas de Filologia Românica, quando tive a oportunidade de tomar conhecimento de projetos<sup>2</sup> já em andamento sobre línguas em extinção e iniciar meus estudos sobre o tema. Para complementar a bibliografia já existente no Brasil sobre o francoprovençal, realizamos uma busca através da *internet* de publicações, trabalhos acadêmicos, sítios de divulgação e outros materiais relacionados à língua. Foi possível então reunir uma bibliografia importante e tomar conhecimento de diversas iniciativas atuais de divulgação da língua, o que tornou possível a execução deste trabalho estando no Brasil.

Com o objetivo de compreender o que acontece com a estrutura de uma língua em processo de desaparecimento, empreendemos a análise do sistema de demonstrativos em uma variedade do francoprovençal, o *patois bressan*, falado em *Bourg-en-Bresse*, na região *Rhône-Alpes*, na França. Devido à dificuldade de se obterem dados reais de fala, sobretudo por tratar-se de uma pesquisa de mestrado com limitações de tempo e de recursos, os dados foram extraídos de uma revista em quadrinhos traduzida do original francês para esse *patois*. A análise pautou-se na investigação das características linguísticas que, associadas a determinadas formas e usos do demonstrativo, propiciariam sua retenção ou sua resistência ao processo de assimilação pelo longo e intenso contato com o francês.

A dissertação organiza-se como se descreve a seguir.

---

<sup>2</sup> Projetos CNPq coordenados pela profa. Maria Antonieta A. M. Cohen: *Reanálise e retenção: propulsores da evolução linguística II* (proc. 312008/2006-6) e *Restrição de uso e retenção linguística: línguas em extinção* (proc. 306976/2010-2).

No primeiro capítulo, delimitamos o território de domínio francoprovençal e discutimos a origem e o desenvolvimento dessa língua na Gália. Foi feito um levantamento do seu grau de extinção, baseado nos dados mais atualizados disponíveis e buscamos as causas sócio-históricas e culturais que contribuíram para que essa língua fosse abandonada, sobretudo a partir do século XIX, em decorrência da política linguística iniciada com a Revolução Francesa. Mostramos como o francoprovençal, embora constitua um domínio linguístico, se apresenta como uma diversidade de *patois*, que variam no espaço, caracterizando o que Gaston Tuaille (1988) chamou de “língua em estado dialetal puro”. Além disso, apresentamos uma descrição das características linguísticas do francoprovençal, sobretudo no que diz respeito aos traços distintivos em relação ao francês e ao occitano. Por fim, fizemos um recenseamento dos registros escritos existentes e das iniciativas mais recentes de recuperação e revitalização dos falares francoprovençais. Apresentamos, ainda, resultados da pesquisa mais recente sobre o dinamismo da língua na atualidade.

No segundo capítulo, expomos o quadro teórico-metodológico da pesquisa. Discutimos a coleta e a constituição do *corpus* analisado, assim como sua natureza e suas limitações para a análise linguística enquanto produto de iniciativas de recuperação da língua. Discorremos sobre as principais teorias acerca do contato linguístico e dos estudos do fenômeno de extinção de línguas que orientaram esta pesquisa, com foco em trabalhos empíricos que trataram de línguas ameaçadas. Apresentamos e discutimos a matriz retenção-mudança (COHEN, 2009), construída a partir de estudos de línguas em processo de extinção e de fenômenos do português brasileiro, e que apresenta generalizações sobre casos de retenção linguística, distinguindo os fatores que favorecem a mudança, ou seja, a interferência de outra língua, e os que favorecem a retenção de uma forma ou estrutura linguística.

No que tange ao estudo do sistema de demonstrativos, analisamos sua natureza e suas características, em especial as relacionadas a sua capacidade referencial. Investigamos a origem latina desse sistema e seus desdobramentos nas línguas românicas, com destaque para os sistemas do francês e do francoprovençal (supradialetal), que foram descritos detalhadamente porquanto foram tomados como ponto de referência para a análise do *bressan*.

A escolha dos demonstrativos como objeto de estudo se justifica por havermos observado que o sistema de demonstrativos seria especialmente afetado por fenômenos de mudança e retenção linguística devido a suas capacidades fônicas, que inclui as referências exofônicas, endofônicas e endo-exofônicas. Cohen (2009) apresenta o grau de referência endo-exofônica como um dos fatores atuantes na retenção linguística. O estudo dos demonstrativos

se justifica, ainda, pela importância desse tema no estudo comparado de línguas românicas dado o desenvolvimento peculiar de cada língua em relação à matriz latina, conforme Cambraia e Bianchet (2008), e pelo fato de o francoprovençal não ser objeto de pesquisas recentes sobre o tema.

No terceiro capítulo, empreendemos a descrição e análise dos dados coletados do *patois bressan*. Elaboramos um sistema de classificação, baseado na revisão bibliográfica do tema, para descrição dos demonstrativos quanto a suas características morfológicas, semânticas e sintáticas. Apresentamos então as formas identificadas e suas respectivas frequências no *corpus* e, em seguida, tratamos essas formas de acordo com sua função: primeiro os adjetivos (modificadores) e depois os pronomes (núcleo do SN). Os sistemas de adjetivos e de pronomes do *bressan* foram descritos quanto à sua origem latina: formas derivadas de *iste* ou *ille* e quanto à presença de marcação morfológica para expressar o gênero, o número e as noções de perto/longe, advindas do demonstrativo latino. Cada ocorrência foi avaliada quanto a suas características fóricas: exofórica (espacial ou temporal), endofórica (anáfora, catáfora ou ana-catáfora) ou exo-endofórica. Tratamos ainda dos casos de referência [-definida] e da presença de um traço que denominamos [+enfático], observado em alguns usos do adjetivo demonstrativo. No sistema de pronomes demonstrativos, analisamos ainda a presença do advérbio *-tye* na morfologia do pronome (*chlitye*, *chlatye*, etc.) e suas implicações enquanto uma possível forma de reforço. Essas características foram interpretadas com base na matriz retenção-mudança proposta em Cohen (2009) e avaliadas quanto à possibilidade de favorecerem ou não a retenção de determinadas formas.

Por fim, na conclusão, resumimos os resultados e tecemos as considerações finais.

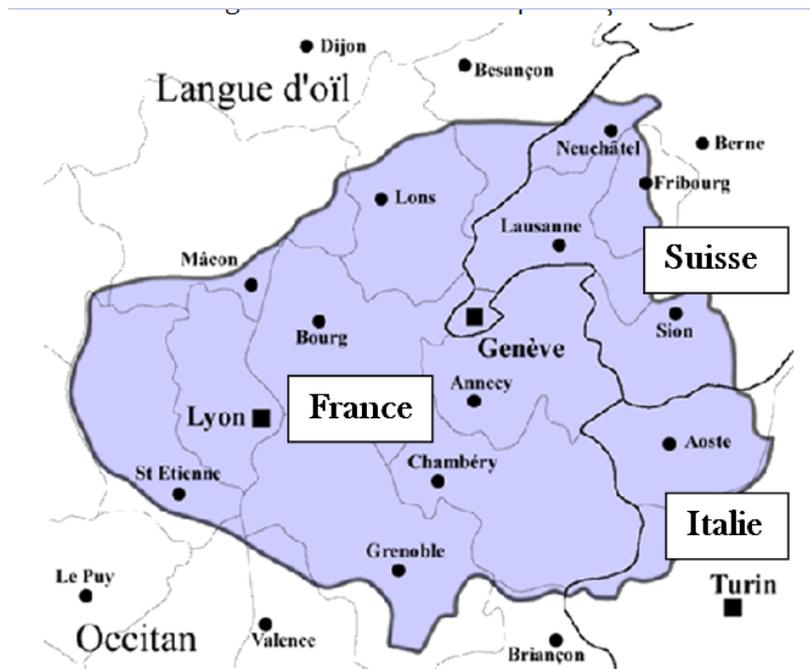
Em seguida, fornecemos as referências do material usado na pesquisa e como anexo, apresentamos o *corpus* dos demonstrativos no *bressan*.



Encontramos também outras línguas nas fronteiras do território francês: o catalão (língua ibero-românica), o basco (língua cuja origem é desconhecida), o bretão (pertencente à família das línguas célticas), o flamengo, o alsaciano e o frâncio loreno (línguas germânicas). Além disso, na Córsega, território pertencente à França desde 1769, fala-se o corso, também uma língua românica (WALTER, 1997).

O francoprovençal compreende, portanto, o sudeste da França, entrando pela Suíça e Itália. Seu domínio inclui os departamentos franceses da Sabóia e da Alta Sabóia, do *Ain*, do *Rhône*, grande parte do *Loire*, do *Isère* e do Jura, uma pequena porção da *Saône-et-Loire* e do *Doubs*. Na Suíça inclui os cantões *romands* (Genebra, *Vaud*, Neuchâtel, parte de Friburgo e do *Valais*), exceto o cantão de Jura e o Jura bernês. Na Itália o francoprovençal está presente no Vale d'Aosta e nos altos vales entre Aosta e *Suze* (STICH, 1998). O mapa 2 mostra os limites do domínio francoprovençal na França, Suíça e Itália, e suas principais cidades.

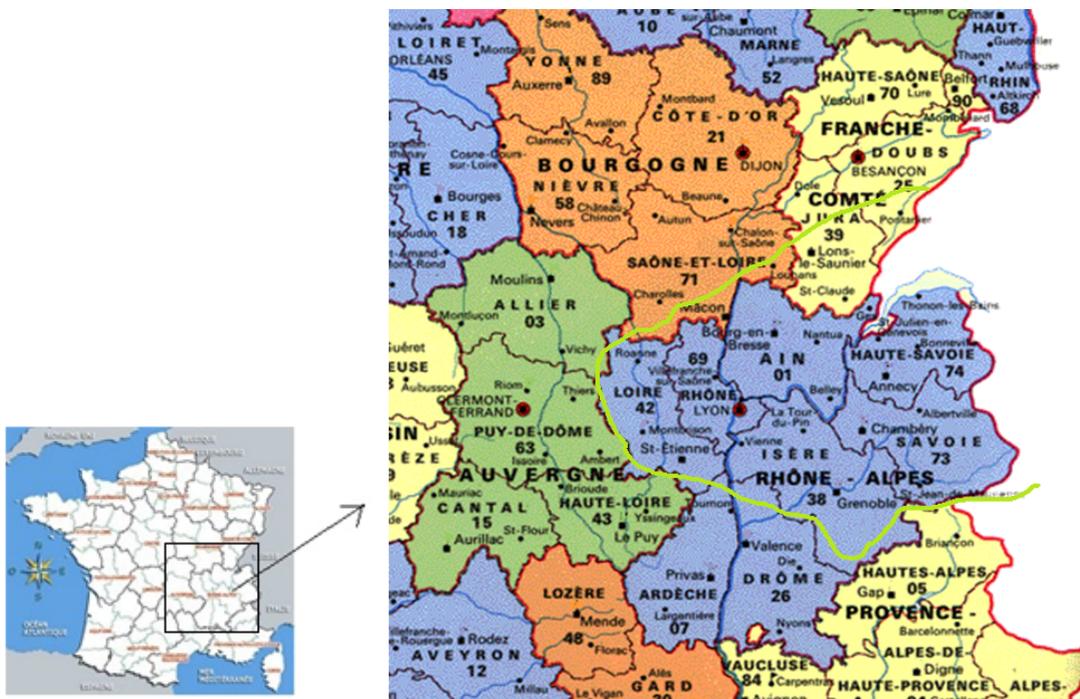
Mapa 2: O domínio francoprovençal



Fonte: adaptado de Bert e Costa (2009, p. 14)

O mapa 3 mostra as regiões e os departamentos do domínio francoprovençal na França e suas principais cidades.

Mapa 3: Região Rhône-Alpes na França e os departamentos pertencentes ao domínio francoprovençal



Fonte: extraídos e adaptados de <http://www.carte-france.info/> e [http://www.cartes-de-france.fr/carte\\_france.html](http://www.cartes-de-france.fr/carte_france.html). Acesso em: 18 jan. 2015.

Como enfatiza Tuailon (1988), o francoprovençal não é uma mistura entre o francês e o provençal, como o nome, forjado pelo dialetologista Ascoli no século XIX na tentativa de mostrar a especificidade da língua, pode erroneamente sugerir, mas sim uma língua com formação e história próprias. Trata-se de uma língua regional, minoritária, considerada atualmente uma língua em extinção.

O sítio *Ethnologue* fornece alguns dados sobre o número bruto de falantes do francoprovençal na atualidade: 60.000 falantes na França, 7.000 na Suíça e 70.000 falantes na Itália<sup>3</sup>. Deve-se levar em conta, no entanto, que a aferição do número de falantes de uma língua em desaparecimento e a própria definição do que seja um falante são uma problemática importante neste campo de estudos, visto que grande parte desses falantes possui uma competência parcial da língua.

As avaliações mais recentes sobre a vitalidade do francoprovençal nos permitem dizer que a língua encontra-se em avançado processo de desaparecimento, ou seja, de restrição de uso, sendo substituída pelas línguas majoritárias dos domínios vizinhos. O sítio *Ethnologue*, em sua avaliação das línguas ameaçadas no mundo em uma escala que vai do nível “0 internacional” até o “10 extinta”, classifica o francoprovençal como “8a moribunda”

<sup>3</sup> Fonte: [ethnologue.com](http://ethnologue.com)

(a dois níveis da extinção)<sup>4</sup>: os últimos falantes ativos da língua são membros da geração dos avós ou mais velhos. Com relação à transmissão da língua, a classificação é “6b-7 com problemas”: a transmissão intergeracional está sendo rompida, mas a geração fértil ainda pode usar a língua, tornando possível que esforços de revitalização possam restaurar a transmissão da língua em casa<sup>5</sup>.

Esse quadro atual do francoprovençal é resultado da maneira como se processou o contato linguístico e cultural na região no decorrer de sua história. Na França, esse processo pode ser recortado e sintetizado da seguinte maneira: com a queda do Império Romano, as invasões bárbaras e a fragmentação territorial, social, econômica e política da França na época feudal, delineia-se uma situação de plurilinguismo. A intensificação da diferenciação regional, devido ao enfraquecimento do contato e do comércio entre as várias regiões da França, teria como produto a diferenciação dialetal, ou seja, o surgimento de diversas línguas e suas variantes por toda a Gália (WARTBURG, 1946). Com a expansão do francês, um dos dialetos do norte da Gália, e seu alçamento a língua nacional inicia-se um processo que tende ao monolinguismo, passando por várias fases e tipos de bilinguismo francês/línguas regionais.

As causas e circunstâncias que levam ao bilinguismo ou ao plurilinguismo, assim como as consequências resultantes desses fenômenos, são de ordem social e histórica. Para se compreender porque, em algumas situações de contato linguístico, o bilinguismo/plurilinguismo se mantém estável e em outras há morte de um dos sistemas linguístico e retorno ao monolinguismo, é preciso levar em conta fatores socioculturais, históricos e, sobretudo, fatores políticos. Desta forma, faz-se necessário um retorno à origem e ao percurso histórico do francoprovençal na Gália.

O domínio linguístico francoprovençal é produto da latinização da Gália do norte que se ramificou a partir de *Lugdunum* (atual Lion) com a expansão do Império Romano. Com a queda do Império e a chegada dos povos germânicos, uma grande mudança se processaria na região, atingindo, sobretudo, a Gália ao norte do rio *Loire* e dando origem ao domínio *oïl*, cujo dialeto central produziria o francês (TUAILLON, 1988). A região do francoprovençal, assim como a região sul da França onde se desenvolveu o occitano (domínio *d'oc*), permaneceu fora do domínio germânico e, portanto, de suas influências linguísticas. Essa separação entre a língua *d'oïl* e o francoprovençal data aproximadamente, segundo Tuailleon (1988), da época carolíngia (século VIII).

---

<sup>4</sup> Escala completa disponível em <http://www.ethnologue.com/about/language-status>.

<sup>5</sup> Fonte: <http://www.ethnologue.com/language/frp>.

## 1.2 FRANCÊS X PATOIS: UMA GUERRA DECLARADA

Na França, o estado monárquico iniciou sua contribuição para o esfacelamento das culturas periféricas a partir do século XIII, quando a língua francesa começou a ser sistematicamente imposta por meio dos atos públicos. Mais tarde, em 1539, com o decreto de *Villers-Cotterêts* por Francisco I, o latim é substituído pelo francês em todos os escritos oficiais e o francês ganha o apoio das Igrejas – tanto católica quanto protestante. Embora o tratado de *Villers-Cotterêts* visasse somente a proibição do uso do latim, dando espaço aos idiomas particulares, a partir de meados do século XVII, após a anexação das províncias recentemente conquistadas como a Alsácia, todos os éditos exigiam o uso exclusivo do francês. O objetivo não era tanto, naquele primeiro momento, afrancesar as massas, mas sim evitar o autonomismo nas regiões e fortalecer a centralização monárquica (CERTEAU *et al.*, 1975).

No entanto, até o século XIX, os falares francoprovençais eram adquiridos e falados como primeira língua, embora o francês estivesse presente (sobretudo a partir do século XVI). O bilinguismo se mantém da seguinte forma: a língua regional, o *patois*, era a língua do cotidiano, enquanto o francês era a “língua do domingo”, dos atos solenes, da vida pública e das classes cultivadas (TUAILLON, 1988).

No final do século XVIII, com a Revolução Francesa, a situação das línguas regionais começa a mudar. Almejando a adesão popular, a Revolução teve que lidar com a questão linguística de maneira diferente. Para os agentes da Ilustração, a resistência à nova ordem tinha como fonte a ignorância e os preconceitos sobretudo das províncias. As línguas regionais eram associadas então a costumes atrasados, grosseiros, supersticiosos. Era preciso levar “as luzes” a cada canto da França (CERTEAU *et al.*, 1975).

Desta forma, para transmitir os novos decretos, os novos sentimentos, hábitos e costumes aos cidadãos era necessário, inicialmente, traduzir as leis nas línguas locais, além de elaborar uma política de instrução pública. Num primeiro momento da Revolução, os *patois* e outras línguas regionais são reservadas para objetivos puramente pedagógicos. No entanto, a partir de 1793 as políticas linguísticas tornam-se mais rígidas, inicialmente nas regiões onde se falava línguas consideradas estrangeiras como o alemão, o bretão, o italiano e o basco, e onde identificou-se a difusão de ideais contrarrevolucionários. Passou-se a exigir ali o uso exclusivo do francês, mesmo em contextos privados.

Dessa política, resultou o *Rapport sur la nécessité et les moyens d’anéantir les patois et d’universaliser l’usage de la langue française* (Relatório sobre a necessidade e os

meios de destruir os *patois* e de universalizar o uso da língua francesa) apresentado à Convenção em 1794 pelo abade Grégoire, padre originário da região de Lorena que dedicou-se à causa revolucionária. Esse relatório dizia respeito aos questionários relativos aos *patois* e aos costumes enviados pelo abade a clérigos, professores e outras personalidades e profissionais da justiça ou médicos nas diversas cidades e vilarejos do interior da França. O questionário buscava coletar – por meio do depoimentos de pessoas, em sua maioria conhecidas do abade, consideradas esclarecidas e adeptas aos ideais revolucionários – informações sobre o uso do francês e de outras línguas ou *patois* na região, sobre suas características linguísticas, informações sobre os efeitos da Revolução na comunidade e a adesão dos cidadãos, a situação do ensino, entre outros. Os objetivos centrais do relatório eram destruir os *patois* enquanto língua de uso cotidiano e preservá-los apenas como relíquias do passado (CERTEAU *et al.*, 1975, p.15).

Em seu *Essai sur la Régénération physique, morale et politique des juifs* (1788), Grégoire exprime já a sua visão a respeito dos *patois* na França, considerados, no caso de Lorena, uma espécie de gíria ou jargão usado pelos judeus alemães. Segundo o abade:

Na Europa e em nenhum outro lugar que eu saiba no planeta, nenhuma língua nacional é universalmente falada pela nação. A França tem em seu seio talvez oito milhões de sujeitos dos quais alguns podem balbuciar com dificuldade algumas palavras estropiadas ou algumas frases deslocadas do nosso idioma; os outros o ignoram completamente. Sabe-se que na baixa Bretanha e pra lá do Loire, em muitos lugares, o Clérigo ainda é obrigado a pregar em *patois* local, sob pena de não serem compreendidos se falarem francês. Os governos ignoram ou não sentem como a destruição dos *patois* importa à expansão das luzes, ao conhecimento refinado da religião, à fácil execução das leis, à felicidade nacional e à tranquilidade política (GREGOIRE, *apud* CERTEAU *et al.*, 1975, p.21)<sup>6</sup>

Muitos documentos da época mostram como as línguas regionais eram associadas à ignorância, ao atraso do Antigo Regime, consideradas a origem dos conflitos no interior e um entrave à difusão dos ideais revolucionários. Vejamos a seguir um trecho dos *Archives parlementaires* do *Comité des Rapport à la Constituante* de 1790, presidido por Grégoire (*apud* CERTEAU *et al.*, 1975, nota p.22):

---

<sup>6</sup> Tradução nossa. Do original: “En Europe et nulle part que je sache sur le globe, aucune langue nationale n’est universellement usitée par la nation. La France a dans son sein peut-être huit millions de sujets dont les uns peuvent à peine balbutier quelques mots estropiés ou quelques phrases disloquées de notre idiome; les autres l’ignorent complètement. On sait qu’en basse Bretagne, et par-delà la Loire, en beaucoup de lieux, le Clergé est encore obligé de prêcher en *patois* local, sous peine de n’être pas compris s’il parlait français. Les gouvernements ignorent ou ne sentent pas assez combien l’anéantissement des *patois* importe à l’expansion des lumières, à la connaissance épurée de la religion, à l’exécution facile des lois, au bonheur national et à la tranquillité politique”.

(...) os problemas que subsistem no Quercy, no Périgord, no Baixo Limousin e uma parte da Baixa Bretanha (...) As municipalidades das regiões onde esses problemas acontecem pensam que eles nascem primeiro da ignorância da língua.<sup>7</sup>

Em seguida, temos a manchete do jornal *Le Patriote français* de 1790, que ajudou na difusão do questionário de Grégoire e o *Prospectus de la Feuille villageoise* também de 1790, ambos defendendo a universalização da língua francesa:

A educação das pessoas do campo é e sempre será um dos meios mais eficazes para sustentar a constituição. A universalidade da língua francesa por todo o reino é um outro meio não menos essencial. M. abade Grégoire, que não cessa de se ocupar da coisa pública e que dirige neste momento sua atenção para esses dois pontos importantes, propõe as questões seguintes aos patriotas e sem dúvida obterá as respostas que o possibilitarão atingir seus objetivos (*Le Patriote français*, apud CERTEAU *et al.*, 1975, p.25)<sup>8</sup>

Nós nos propomos fornecer na forma de um dicionário as definições precisas de todas as palavras pouco usadas que entram necessariamente na língua constitucional e, sem nos estendermos à gramática francesa, nos ajudarão a substituir por um idioma mais puro, mais uniforme, todos esses diferentes patois que são restos grosseiros da tirania feudal e uma prova vergonhosa da distancia e da diminuição onde os Grandes continuam a multidão. Coisa surpreendente! A língua francesa falada em toda Europa é balbuciada com dificuldade em muitas de nossas províncias. (*Prospectus de la Feuille villageoise* apud CERTEAU *et al.*, 1975, p.48)<sup>9</sup>

Na *Encyclopédie*, ou *dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* pode-se confirmar a visão que os iluministas tinham do *patois*: “Patois, linguagem corrompida tal como é falada em quase todas as províncias... Não se fala a língua senão na

---

<sup>7</sup> Tradução nossa. Do original: “(...) des troubles qui subsistent dans le Quercy, le Périgord, le Bas Limousin et une partie de la Basse Bretagne (...) Les municipalités des pays où ces troubles ont lieu pensent qu’ils naissent 1° de l’ignorance de la langue”.

<sup>8</sup> Tradução nossa. Do original: “L’éducation des gens de la campagne est et sera toujours un des moyens les plus efficaces pour soutenir la constitution. L’universalité de la langue française par tout le royaume est un autre moyen non moins essentiel. M. l’abbé Grégoire, qui ne cesse de s’occuper de la chose publique et qui dirige maintenant ses vues sur ces deux points importants propose les questions suivantes aux patriotes et sans doute il obtiendra des réponses qui le mettront à même d’atteindre son but”.

<sup>9</sup> Tradução nossa. Do original: “Nous nous proposons de donner par forme de dictionnaire des définitions précises de tous les mots peu usités qui entrent nécessairement dans la langue constitutionnelle et, sans nous étendre sur la grammaire française, nous aiderons à substituer un idiome plus pur, plus uniforme à tous ces différents patois qui sont un reste grossier de la tyrannie féodale et une preuve honteuse de la distance et de l’abaissement où les Grands tenaient la multitude. Chose étonnante! La langue française parlée dans toute l’Europe est à peine balbutiée dans plusieurs de nos provinces”.

capital”. “O patois é o ‘mal’ que corrompe o francês”.<sup>10</sup> (*Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, apud CERTEAU et al., 1975, p.51*).

Impressiona também a visão pejorativa do *patois* presente na obra *Les Gasconismes corrigés* (1766) de M. Desgrouais, professor em Toulouse:

“Porque caímos nos gasconismos”... Todo gasconismo vem do patois da região. As crianças falam o patois antes de falar francês... Dominados pelo hábito, não sabemos senão traduzir quando falamos francês”. Quando alguém “abre os olhos” dos Gascões e “os faz perceber os erros que eles cometem, eles reconhecem com surpresa: eles se espantam de terem falado ridicularmente toda sua vida. Eles são os primeiros a reconhecer a fonte do mal, o patois”. (DESGROUAIS, *Les Gasconismes corrigés apud CERTEAU et al., 1975, nota p.51*).<sup>11</sup>

A partir do século XIX, com a instauração do ensino obrigatório, implantou-se uma severa política linguística e educacional na França, a qual priorizava a língua nacional. Nessa época, houve uma forte campanha contra o francoprovençal e outras línguas regionais que se apoiava no adágio *le patois est l'ennemi du français* (o *patois* é inimigo do francês). Assim, as famílias começam a abandonar o *patois* na educação das crianças, as quais passam a ter o francês como primeira língua (TUAILLON, 1988). Por conseguinte, a língua regional ganha um forte estigma social.

Segundo Tuailon (1988) nos vilarejos onde se começou o ensino do francês às crianças desde o início da escola obrigatória (1890), o *patois* desapareceu por volta de 1950. Nos lugares onde o ensino do *patois* permaneceu até 1914, após 1918, com a volta dos combatentes habituados a falar francês durante os cinco anos de guerra, optou-se pela língua nacional na educação das crianças. Nessas regiões ainda existem falantes do francoprovençal. Além disso, outros fatores contribuíram para o declínio dos *patois*: o abandono do campo e o isolamento de pessoas no meio rural. Essa situação tornou cada vez mais difícil a prática do *patois* devido à dificuldade de se encontrar interlocutores

Em sua pesquisa de pós-doutorado realizado na *Université Stendhal* no período de 1996/97, Maria Antonieta A. M. Cohen observou que o francoprovençal não é uma língua falada no dia-a-dia e que as pessoas têm em relação ao *patois* um sentimento misto de preconceito e orgulho. Num país onde a identificação com a língua nacional é muito forte, ser

<sup>10</sup> Tradução nossa. Do original: “Patois, langage corrompu tel qu’il se parle presque dans toutes les provinces... On ne parle la langue que dans la capitale”. “Le patois est le ‘mal’ qui corrompt le français”.

<sup>11</sup> Tradução nossa. Do original: “Pourquoi tombe-t-on dans les gasconismes?... Tout gasconisme vient du patois du pays. Les enfants parlent le patois avant de parler français... Dominé par l’habitude on ne sait que le traduire lorsqu’on parle français’. Quand quelqu’un ‘ouvre les yeux’ des Gascons et ‘leur fait remarquer les fautes qu’ils font, ils les reconnaissent avec surprise: ils sont étonnés d’avoir parlé ridiculement toute leur vie. Ils sont les premiers à reconnaître la source du mal, le patois”

um *patoisant*, falar o *patois*, é visto de forma pejorativa como sinônimo de “sem instrução” ou “caipira”. Nas entrevistas que realizou na cidade de Autrans, Cohen constatou tratar-se de semi-falantes, que se utilizam do *patois* apenas nas ocasiões da colheita do feno (COHEN, 2002).

### 1.3 UMA LÍNGUA, MUITOS FALARES

Desde sua origem, a língua denominada francoprovençal se apresentava como um conjunto de falares, ou *patois*, que variam nas diferentes regiões, configurando o que Tuailon (1988) chamou de “língua em estado dialetal puro”. Não houve, que se saiba, tentativas de unificação em benefício de uma língua urbana ou literária. Apesar dos registros escritos, nenhuma cidade tentou impor uma forma linguística unificada e normatizada. Também não havia uma ortografia supradialetal (TUAILLON, 1988).

O caráter fragmentário do francoprovençal pode ser explicado, em parte, pelo fato de Lion, centro diretor da região, ter abandonado a língua regional a favor do francês no final da Idade Média, tornando-se importante polo de difusão da língua francesa. Por conseguinte, os falares francoprovençais passaram por evoluções abundantes e frequentemente autônomas, o que impediu o surgimento de famílias dialetais como ocorreu com o occitano e com outras línguas românicas. O que se observa no domínio francoprovençal é uma pluralidade de falares que raramente correspondem a obstáculos geográficos naturais ou a fronteiras administrativas ou políticas (MARTIN, 2011).

Além disso, nessa região fragmentada entre três países, não havia um rei ou uma língua do rei. A única referência era o Rei da França e sua língua era o francês. Os escritores que escreviam em *patois* utilizavam-se das convenções gráficas do francês, adaptadas para os diversos *patois*. Desta forma, como esclarece Tuailon (1988, p.190):

o domínio francoprovençal é então constituído por tantos *patois* quantas são as comunidades, isto é, pelas comunidades sociopolíticas de base, agrupadas em torno de suas igrejas ou templos e de suas casas comunitárias, agrupadas em torno de seu patrimônio material e espiritual e, se elas os conservaram, em torno de seus *patois*, de suas línguas locais.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Tradução nossa. Do original: “le domaine franco-provençal est donc constitué par autant de *patois* qu’il y a de communes, c’est à dire de communautés sociopolitiques de base, groupées autour de leur église ou de leur temple et de leur maison commune, groupées autour de leur patrimoine matériel et spirituel et, si elles l’ont conservé, autour de leur *patois*, la langue du lieu”.

O nome francoprovençal, escrito franco-provençal (com hífen) desde o seu surgimento no século XIX, nunca agradou muito seus falantes e mesmo os linguistas, por permitir a conclusão errônea de que a língua seria uma mistura do francês com o provençal. Junto aos seus falantes prevalece a denominação *patois*, em geral acompanhada por uma caracterização geográfica: *patois bressan*, *patois savoyard*. O termo *arpitan* tem aparecido frequentemente, sobretudo na *internet*, mas parece ser usado principalmente pelos mais jovens (COSTA, 2011). Como já observado para outras línguas ( cf. SCHEINBEIN, 2006 e COHEN, 2009), essa diversidade de nomes é característica de línguas minoritárias e em processo de desaparecimento e reflete seu caráter, em geral, fragmentário, tanto no espaço físico como no espaço social, de uso da língua.

É preciso compreender bem o que se chama aqui de *patois*. A palavra *patois* no francês possui uma conotação pejorativa e era utilizada até meados do século XX para designar tudo o que não era língua francesa. Esse tipo de classificação das línguas faladas no território francês (francês X *patois*) servia para rebaixar e desvalorizar línguas como o bretão, o basco, o occitano (STICH, 1998). No entanto, no domínio francoprovençal a palavra *patois* não possui esse sentido pejorativo. O termo é utilizado, em geral, para designar o falar de uma comunidade, de um vilarejo (*patois d'Hauteville, d'Argon*).

O *patois* deve ser considerado um falar humano completo e rico que responde a todas as necessidades ligadas à vida e ao meio ambiente de seus falantes, e não uma língua pobre ou mal falada em relação à língua francesa. No domínio galo-romano, os *patois* derivam todos do latim e tiveram um desenvolvimento paralelo ao francês padrão, com empréstimos de outras línguas como o gaulês, o germânico e o próprio francês – como todas e quaisquer línguas em contato. É preciso, ainda, reconhecer a diversidade linguística de países que são, do ponto de vista linguístico, frequentemente reduzidos à língua dominante, a um *patois* que teve maior êxito na região (STICH, 1998).

Tuailon (1988) também esclarece a importância da noção de *patois* no domínio francoprovençal. Segundo o autor, os *patois* são linguagens fortemente uniformizadas, com regras gramaticais e fonéticas bem definidas e que todos seguem com rigor. Tanto a diferenciação dos *patois* entre si como sua homogeneização interna estão fortemente relacionadas à questão da identidade de cada comunidade linguística. Cada região é distinguida e reconhecida a partir das particularidades de seu *patois* – através da língua, os falantes são capazes de identificar a região de origem uns dos outros. No entanto, apesar dessas particularidades, os *patois* compartilham um número importante de palavras e regras

que garantem uma compreensão mútua. Uma língua dialetal não existe senão sob a forma de uma infinita variação geolinguística, ou seja:

Um dialeto, uma língua dialetal, é a soma das semelhanças que os patois têm entre si e que possibilitam a intercompreensão. Em uma conversação entre patois de comunidades distintas, somos, de início, sensíveis às diferenças, na medida em que as semelhanças linguísticas, por sua vez essenciais e discretas, asseguram a boa compreensão de todos (TUAILLON, 1988, p.191).<sup>13</sup>

É a partir de uma base comum, que une todos os *patois* num sistema linguístico compartilhado, que as diferenças aparecem e podem ser identificadas pelos seus falantes. A comunicabilidade entre os *patois* nos revela a existência de uma única língua, o francoprovençal. Mas para compreender sua dinâmica, seu funcionamento, é preciso retornar aos *patois*, às suas características internas e às relações que estabelecem entre si (TUAILLON, 1988).

Dada essa fragmentação do francoprovençal em diferentes *patois*, e a inexistência de uma unidade política regional unificadora, cada dialeto era escrito à sua maneira, mas sempre com influências dos sistemas ortográficos de línguas vizinhas como o francês, o italiano e o occitano.

No último século vê-se um movimento geral para dar coerência ortográfica aos dialetos. Grandes linguistas como Ernest Schüle e Gaston Tuailon colaboraram na busca de uma grafia que pudesse representar os diversos falares. A ideia de uma grafia unificada, uma grafia supradialetal, não pretende unificar os dialetos diminuindo suas diferenças, mas sim proporcionar a intercompreensão na escrita. Uma palavra antes escrita de diversas formas poderá ter uma forma compartilhada, mas pronunciada diferentemente segundo cada *patois* (STICH, 1998).

Stich (1998) propõe, então, uma ortografia supradialetal denominada ORA (*Orthographe de Référence A*), que contenha o essencial para representar o francoprovençal e que possa ser modificada de acordo com as necessidades de cada dialeto (ORB, ORC, etc). O autor esclarece que essa grafia foi inspirada na ortografia das duas línguas mais próximas do francoprovençal: o francês e o occitano. Além disso, levou-se em conta os hábitos gráficos

---

<sup>13</sup> Tradução nossa. Do original: “Un dialecte, une langue dialectale, est même la somme de ces ressemblances qu’ont entre eux des patois qui permettent l’intercompréhension. Dans une conversation tenue avec des patois de plusieurs communes, on est d’abord sensible aux différences, tandis que les ressemblances linguistiques, à la fois essentielles et discrètes, assurent la bonne compréhension de tous”.

dos próprios falantes do francoprovençal. Dada as características do francoprovençal, optou-se por uma grafia morfológica, arcaizante e etimológica.

Através do estabelecimento de supra-fonemas, chega-se a uma grafia comum. Por exemplo, a palavra equivalente a “cavalo” (francês *cheval*) que possui diferentes formas nos falares francoprovençais: em *patois savoyard* apresenta as formas *shvô*, *stevô*, *tsevô*; em *dauphinois*, *tsavâ*, *chivâ*; na Suíça, *tsavô*, *tsevô*, *tchèvô*; em *forézien*, *chavau*, *chiveau*; em *valdotain*, *tsevà*, em *bressan*, *shevô*, etc; passa a ter como referência a grafia **chevâl** (STICH, 1998).

#### 1.4 DESCRIÇÃO GERAL DA LÍNGUA

Desde sua origem, a língua denominada francoprovençal se apresentava como um conjunto de falares, ou *patois*, espalhados pelo território e, até o século XIX, eram considerados dialetos, atribuídos ora ao domínio *oïl*, ora ao domínio *oc*. Em 1873, Graziadio Isaia Ascoli, um dos fundadores da dialetologia, reconheceria a especificidade dos falares da região e proporia reagrupá-los sob o nome francoprovençal, atribuindo-lhe o *status* de língua galo-românica.

Ascoli destacou duas características que diferenciavam o francoprovençal dos falares *d'oïl* e do occitano: a primeira é a evolução do *a* tônico do latim antes de consoante não palatal que permaneceu *a* em francoprovençal (*amare* > *amar*, *pratu* > *prat*), mas que passou a *é* nos falares *d'oïl* (*amare* > *aimer*, *pratu* > *pré*). A segunda característica diz respeito à evolução do *a* antes de consoante palatal que passa a *i* ou *é* em francoprovençal (*manducare* > *mangier*, *mangér*), e permanece *a* em occitano (*manducare* > *manjar*) (BERT; COSTA, 2009).

Descrever o francoprovençal não é, portanto, tarefa fácil, visto que exigiria uma análise das diferenças e semelhanças de todos os *patois* em seu domínio. No entanto, é possível fazer algumas comparações e destacar os fenômenos linguísticos distintivos. Nesta seção, enfatizaremos algumas características que distinguem o francoprovençal do francês e do occitano, tendo como base os trabalhos de Tuailleon (1988), Stich (1998) e Cohen (2002).

Um dos traços que distingue o francês do francoprovençal é a tendência à oxitonização no francês e a tendência à acentuação paroxítona no francoprovençal. No entanto, a influência do francês vem forçando a oxitonização de muitas palavras do francoprovençal. Tuailleon (*apud* Hoyer, 1993, p.3) identificou esse fenômeno, que ele chamou de *neo-oxyttons*, nos *patois* de Grenoble e do *Grésivaudan*. Através da análise da

versificação, o autor atestou que a particularidade entonacional desses *patois* pode datar do fim do século XVII ou início do XVIII ([ˈpena] torna-se [penˈa]).

Outra característica é o fato de o francoprovençal ter conservado as vogais átonas finais, o que o aproxima do occitano, ao passo que no francês essas vogais se enfraqueceram até desaparecerem, como mostra o quadro abaixo (no francoprovençal, a vogal acentuada está sublinhada):

**Quadro 1: Conservação das vogais átonas finais no francoprovençal**

Latim	Francoprovençal	Occitano	Francês
spina	épo <u>e</u> na	espina	épine [epin]
spinas	épo <u>e</u> né	espinas	épines [epin]
filia	f <u>i</u> lyi	filha	fille [fi]
cubitum	co <u>d</u> ou	code	coude [kud]
porto	de po <u>r</u> to	porti	je porte [pɔrt]
portant	po <u>r</u> ton	portan	ils portent [pɔrt]
patre	pa <u>r</u> é	paire	père [pɛr]

Fonte: adaptada de Tuailon (1988).

A palatalização do *CA* latino também acontece de forma diferente no francoprovençal. Se no francês o *CA* evoluiu para o *ch* gráfico, pronunciado de início [tʃ] e posteriormente [ʃ], no francoprovençal temos a possibilidade de outros sons, o que dá aos *patois* grande diversidade: [ts], [st], [s], [ø] (*sh* gráfico), [f]. Abaixo temos um quadro comparativo entre a palavra francesa *chardon* e seus equivalentes em diferentes *patois* francoprovençais (TUAILLON, 1988).

**Quadro 2: Palatalização do CA latino nos patois francoprovençais**

Francês	Suíça Francesa	Bresse e Sabóia	Albeville Megève	Lanslebourg
chardon	tsard <u>o</u> n	shard <u>o</u> n	stard <u>o</u> n	far <u>d</u> oun

Fonte: adaptada de Tuailon (1988).

Observamos também no francoprovençal que o ‘-l’ latino em final de sílaba torna-se ‘-r’ como em *pârma* < *palma* (latim) e *ârba* < *alba* (latim). Esse fenômeno também pode acontecer em final de palavra: *caelum* (latim) > *cièr* (variante de *cièl*) (STICH, 1998).

Outro tema de interesse é o da morfologia do artigo definido do francoprovençal, trabalhado por Cohen (2002). O que chama a atenção na análise dos artigos definidos dos *patois* é o fato de que, em diferentes épocas e até na atualidade, é o artigo masculino o

principal traço diferencial em relação ao francês. Abaixo temos um quadro comparativo entre os artigos definidos no francês e no francoprovençal;

**Quadro 3: Morfologia do artigo definido no francês e no francoprovençal**

		Masculino	Feminino
<i>Francês Moderno</i>	<b>Singular</b>	le [lə]	la
	<b>Plural</b>	les	les [le]
<i>Patois de Autrans (séc. XX)</i>	<b>Singular</b>	lo/l'	la
	<b>Plural</b>	lou, lous	lé
<i>Patois de Saint-Martin-de-la-Porte (séc. XX)</i>	<b>Singular</b>	lo/l'	la/l'
	<b>Plural</b>	lo/loz	lè/lèz
<i>Patois francoprovençais dos séculos XVII e XVIII</i>	<b>Singular</b>	lo [lo]	la [la]
	<b>Plural</b>	lou [lu]	le [le] ou [l']

Fonte: elaborado pela autora a partir das informações de Cohen (2002).

Pode-se observar que no feminino não há diferença entre o sistema de artigos do francês e dos *patois*: tem-se *la* para o feminino singular e *le/lè/lé/lèz* para o plural. No entanto, no masculino as diferenças se evidenciam: enquanto no francês tem-se *le* (pronunciado [lə]) para o singular e *les* (pronunciado [le]) para o plural, no francoprovençal o masculino apresenta variações das posteriores [u] ou [o] – singular *lo* [lo] e plural *lou* [lu], *lous* [lus], ou *lo/loz* [loz]. Desta forma, a manutenção do artigo definido masculino representa um dado da resistência às mudanças e à assimilação pelo francês (COHEN, 2002).

O *u* longo latino, que no francês torna-se [y] – som distintivo do francês em relação às outras línguas românicas – teve resultados diferentes no francoprovençal. Em muitas regiões, esse movimento de palatalização vocálica aconteceu muito tardiamente e não chegou a atingir o contexto *u* (longo) + N: onde no francês temos *un* [œ̃] ou [ɛ̃] como na palavra *quelqu'un*, no francoprovençal temos *on*, como em *carcon* ou *oun*, *carcoun*. Algumas regiões desconhecem o som [y] em qualquer contexto: *corou*[u] (fr. *couru*[y]), *mordou*[u] (fr. *mordu*[y]) (TUAILLON, 1988).

O francoprovençal conservou o *-o* (e *-u*) pós-tônico do latim, o que não aconteceu em geral com as outras línguas galo-românicas. Veja o quadro 4.

**Quadro 4: Evolução do -o (e -u) pós-tônico do latim no francês e no francoprovençal**

Latim	Francoprovençal	Francês
canto	ch <u>an</u> to	je chante
largus	lar <u>jo</u>	large

Fonte: adaptada de Stich (1998).

Além das diferenças, podemos citar também algumas características comuns entre o domínio *d'oïl* e o francoprovençal. Uma delas é o enfraquecimento das oclusivas entre vogais do latim, que foram conservadas no occitano, como mostra o quadro seguinte.

**Quadro 5: Enfraquecimento das oclusivas entre vogais do latim no francês e no francoprovençal**

Latim	Francoprovençal	Francês	Occitano
T de <i>vīta</i>	via	vie	vida
D de <i>nūda</i>	nua, noua	nue	nuza
C de <i>ūrtīca</i>	ourtia	ortie	ortiga
P de <i>nepōtem</i>	névou	neveu	nebot

Fonte: adaptada de Tuailon (1988).

Outra característica comum é a ditongação das vogais acentuadas em sílaba aberta, que ocorre apenas no francês e no francoprovençal, como mostra o quadro 6.

**Quadro 6: Ditongação das vogais acentuadas em sílaba aberta do latim no francês e no francoprovençal**

Latim	Francoprovençal	Francoprovençal	Occitano
E de <i>Pedem</i>	pi <u>a</u> , pi	pi <u>a</u> , pi	pe
O de <i>Bovem</i>	bou <u>o</u> , boué, bou	bou <u>o</u> , boué, bou	bo
E de <i>Stel(l)a</i>	ét <u>è</u> yla	ét <u>è</u> yla	estela

Fonte: adaptada de Tuailon (1988).

Quando comparamos o francoprovençal com o francês e o occitano, concluímos que, em relação ao francês, o traço mais distintivo é o das vogais átonas finais, como pudemos observar no quadro 1. Embora esse traço aproxime o francoprovençal do occitano, pode-se identificar uma diferença entre esses dois domínios no que tange às vogais: temos de um lado *epoena/filyi* no francoprovençal e *espina/filha* no occitano. Segundo Tuailon (1988), no francoprovençal o *a* latino, acentuado ou não, passa a *é/i* se ele se encontra diante de uma consoante que passou por algum processo de palatalização. Tuailon retoma aqui a primeira

distinção estabelecida por Ascoli, explicitada na página 26, ao descrever a evolução dos verbos latinos da conjugação *-are*, como é caso de *manducare*.

A identificação desses traços ou características linguísticas foi importante na delimitação do domínio francoprovençal e na classificação de *patois* frequentemente muito parecidos e próximos geograficamente, mas pertencentes a domínios linguísticos distintos.

## 1.5 OS REGISTROS ESCRITOS

No que tange aos registros escritos do francoprovençal, os mais antigos remontam ao século XIII. Na Idade Média, a maioria dos documentos oficiais era escrita em latim ou, posteriormente, na *langue du roi* (língua do rei), ou seja, em francês. Os principais escritos antigos dessa língua são as *chartes* – conjunto de textos jurídicos que regulavam as administrações locais ao longo do Antigo Regime na França –, numerosas ao redor das cidades de Lion e Friburgo (Suíça) (TUAILLON, 1988). Por volta de 1250, traduziu-se para o *patois* de Grenoble o texto jurídico *La Somme du Code*, redigido originalmente em latim. Outro documento importante são os atos da cidade de Grenoble, na França, denominados *Comptes consulaires de Grenoble* dos anos 1338-1340, escritos em *patois dauphinois* (da antiga província de *Dauphiné*, correspondente aos atuais departamentos de *Drôme*, *Hautes-Alpes*, *Isère* e parte do *Rhône*) (TUAILLON, 1988).

Além de textos administrativos, existem também em francoprovençal textos religiosos e literários, mais comuns a partir do século XVI. No entanto, esses são raros, visto que no contexto de coexistência do latim, do francês e das línguas regionais, quando se tratava de redigir documentos e textos, as duas primeiras eram as preferidas. Os únicos textos religiosos na língua regional são os *Noëls*, dos anos de 1530 e 1555. No entanto, segundo Tuailon (1988), nessas cantigas de Natal, os anjos, a Virgem e José se expressavam em francês, apenas os pastores falavam o *patois*. Esse exemplo nos faz perceber o processo de estratificação social da língua, ou seja, o francês era a língua dos grupos dominantes, das pessoas de prestígio e das situações solenes. O *patois* era a língua do dia-a-dia, das situações corriqueiras e, por isso, uma língua que se manifestava sobretudo na oralidade. Não seria por acaso que mais tarde, o francês tornar-se-ia a língua dominante e o francoprovençal, assim como as demais línguas da França, ficariam restritos a algumas regiões e grupos sociais.

Em geral, os textos literários em francoprovençal tomavam como tema a política. No século XVI eram comuns textos e peças de teatro em *patois* que se manifestavam contra os padres católicos, contra algum duque da região e até mesmo contra o Reinado francês. Um

exemplo é a *Chanson de l'Escalade*, que comemora a derrota do Duque de Sabóia sob os muros de Genebra.

Outro exemplo são os poemas de Laurent de Briançon (séc. XVI), jurista muito culto que, embora dominasse a língua francesa, preferiu escrever em *patois*: *Lo batifel de la gisen* (Fofocas na casa da parturiente), *Lo banquet de la faye* (O banquete da fada) e *La Vieutnanci du courtizan* (O desprezo do cortesão). Esses poemas, traduzidos e publicados por Gaston Tuaille em 1996, são escritos no *patois* de Grenoble e trabalham a temática da crítica social. Eles são considerados um importante registro do francoprovençal devido à sua riqueza lexical (COHEN, 2002).

Hoyer (1993) empreendeu em sua tese de doutorado a transcrição, tradução para o francês e estudo de seis textos em dialeto *dauphinois*:

- *La vénérable Abbaye de Bongouvert de Grenoble, sur La réjouissance de La Paix, & du Mariage du Roy*, de Jean Millet (1660);
- *Epire en vers au langage vulgaire de Grenoble, sur les réjouissances qu'on y a faites pour la naissance de Monseigneur le Dauphin*, de Blanc-la-Goutte (1729);
- *Coupi de la Lettra. Escrita per Blanc dit la Goutta à un de sos Amis u sujet de l'Inondation arrivà à Garnoblo la vieille de Saint Thomas 20. Decembro 1740*, de Blanc-la-Goutte (1741);
- *Dialoguo de le quatro Comare*, em *Recueil de poésies en Langage vulgaire de Grenoble Contenant les réjouissances à l'occasion de la Naissance de Monseigneur le Dauphin, Grenoblo Malhérou & le Jacquety de la Comare*, coletânea anônima de poesias (1741);
- *Lo Chapitro Broullia. Dialoguo entre deu Comare*, coletânea anônima de 1808;
- *Chanson (Je sçeu borliou)* e *Parodia (Je chantou pe remerci Dieu)*, coletânea anônima de 1808.

Essa tese fornece uma importante fonte de dados para estudos do francoprovençal.

Embora a literatura escrita em francoprovençal não seja tão abundante quando comparada a línguas com forte tradição literária, uma grande quantidade de texto nessa língua existiram e se perpetuaram. Destaquemos também as manifestações da literatura oral como canções, histórias, contos, provérbios e lendas, passadas de geração para geração têm sido transcritas e gravadas, constituindo um importante patrimônio do francoprovençal.

## 1.6 UMA LÍNGUA QUE RESSURGE

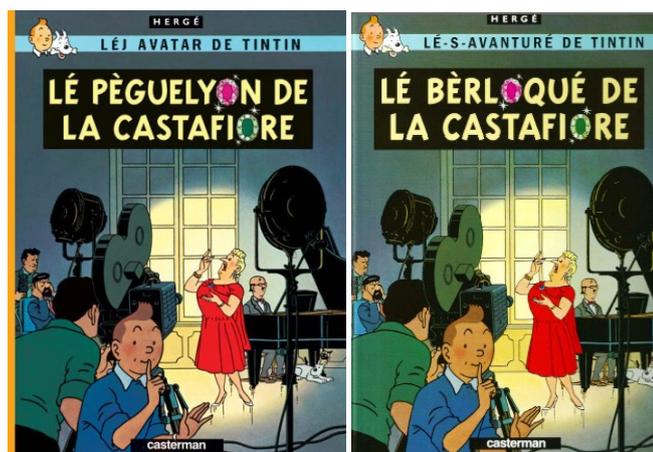
Nas últimas décadas, movimentos de valorização das línguas regionais impulsionaram iniciativas de grupos e indivíduos em relação à recuperação e reativação do francoprovençal, buscando reverter o avanço da extinção. Nos últimos anos, essas iniciativas têm se intensificado. A comunidade acadêmica tem se interessado pela descrição, análise e preservação das línguas e culturas minoritárias. Da mesma forma, as comunidades e grupos sociais, através de associações, têm buscado recuperar e reativar essas línguas. No entanto, não se pode negar que, no contexto da França, a pressão da língua dominante é extremamente forte, frustrando muitas dessas iniciativas (GOMES, 2014).

Dentre essas iniciativas, é importante destacar a publicação do *Dictionnaire des mots de base du francoprovençal: Orthographe ORB supradialectale standardisée*, de Dominique Stich (2003), assim como a tese *Francoprovençal: Proposition d'une orthographe supra-dialectale standardisée* (2001), do mesmo autor, e a tese de Michel Bert, *Rencontre de langues et francisation: l'exemple du Pilat* (2001), além dos diversos artigos recentes citados no decorrer deste texto (GOMES, 2014).

Na *internet*, está disponível a *Radiô Arpitania Abada*, que oferece uma programação variada com emissões bilíngues, músicas, entrevistas, boletins meteorológicos, contação de histórias e contos, etc. Além disso, o sítio <http://www.arpitania.eu> apresenta muitas informações sobre o francoprovençal e disponibiliza um material para aprendizado do *patois*.

Estudiosos do francoprovençal empreenderam a tradução de revistas em quadrinhos da coleção *Les aventures de Tintin*, de Hergé, e da coleção *Lucky Luke*, de Achdé e Guerra, para o francoprovençal. A seguir, apresentamos as capas das versões em *patois bressan* (capa da esquerda) e em *dauphinois* (capa da direita) do original em francês *Les bijoux de la Castafiore*, de Hergé.

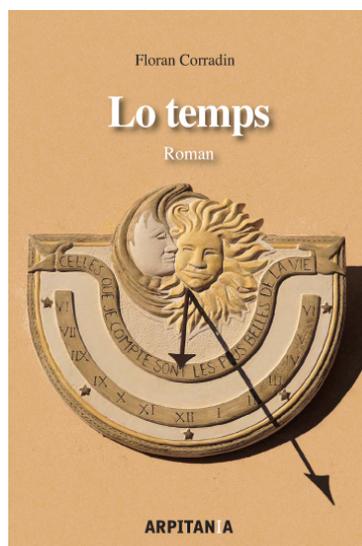
Figura 1: Quadrinhos em francoprovençal



Fonte: <http://www.arpitania.eu/index.php/nos-publications/69-tintin-patois-arpitan-vaudois-savoyard-genevois-valdotain-lyonnais-forezien?showall=&start=1>. Acesso em: 03 fev. 2014.

Em 2009, foi publicado o romance *Lo Temps*, escrito integralmente em francoprovençal na *orthographe de référence ORB*, pelo escritor *valdôtain* (do Vale d'Aosta) Floran Corradin.

Figura 2: Capa de um romance em francoprovençal



Fonte: <http://www.arpitania.eu/index.php/nos-publications/64-livre-lo-temps-roman-alpin>. Acesso em: 03 fev. 2014.

O *Centre de Musiques Traditionnelles Rhône-Alpes* organizou a produção do CD *Chants en francoprovençal*, com cantos tradicionais recolhidos por toda região Rhône-Alpes. O *Centre* atua ainda na organização e promoção de eventos culturais na região como festas, shows, apresentações teatrais, entre outros, envolvendo a cultura tradicional local, assim como a cultura introduzida pelos imigrantes.

Cohen (2002) identificou em algumas cidades da França tentativas de recuperação e preservação do *patois*. Um exemplo é a cidade de *Autrans*, a 35 km da cidade de Grenoble. Ali, o chamado *Clube do Patois* ou *Club de Claret* propõe criar situações para se falar o *patois* e transmiti-lo aos mais jovens, revivendo assim a língua regional. As pessoas que ainda conhecem a língua se reúnem para cantar canções e recordar histórias que querem preservar. Em conjunto com os pesquisadores do *Centre de Dialectologie* da *Université de Grenoble* esses grupos têm conseguido registrar e preservar o *patois* através da gravação e compilação de testemunhos. Todo ano acontece também a *Fête Internationale du Francoprovençal*, cada ano em um dos três países onde se fala o *patois*. Essa é mais uma ocasião de reviver a língua e a cultura alpinas.

### 1.7 DINAMISMO<sup>14</sup> DA LÍNGUA NA ATUALIDADE

Uma pesquisa recente denominada *Étude FORA – Francoprovençal et occitan en Rhône-Alpes* (2009) empreendida pela *Université Catholique de Lyon* e pelo *Institut Pierre Gardette*, sob responsabilidade de Michel Bert e James Costa, buscou diagnosticar a situação do francoprovençal e do occitano na região Rhône-Alpes. Esse estudo buscou, através de entrevistas quantitativas e qualitativas, abarcar os seguintes pontos: características sociolinguísticas, história linguística dos falantes, prática das línguas regionais pelos falantes, nome e estatuto das línguas regionais, ensino, recursos conhecidos (associações, mídia, etc.), entre outros. Esse tipo de análise pretende avaliar a “*vitalité*”, ou seja, o uso e a (re)produtividade dessas línguas.

Os resultados da pesquisa apresentam dados do francoprovençal e do occitano juntos, dificultando a análise específica de cada língua. A seleção da região *Rhône-Alpes* também não possui nenhuma justificativa linguística, visto tratar-se de uma fronteira administrativa e política da França, e não de domínios linguísticos. Apesar disso, esse estudo é de grande importância e pode nos dar uma noção da situação atual dessas línguas na região *Rhône-Alpes*.

Com relação a dados brutos sobre número de falantes das línguas regionais na região *Rhône-Alpes*, o estudo *FORA* (BERT; COSTA, 2009) estima – tendo em conta a população urbana e com uma margem de erro importante – que 1% da população da região é

---

14 Utilizamos o termo “dinamismo” como alternativa ao termo “vitalidade”, com o objetivo de evitar metáforas da língua como organismo vivo, tão comum no campo de estudos das línguas ameaçadas/em “extinção” (mais uma metáfora) e que pode levar a interpretações errôneas dos eventos e fenômenos linguísticos.

capaz de falar uma das duas línguas regionais, o que significa mais ou menos 60.000 pessoas (incluindo falantes do francoprovençal e do occitano). Em Tuailon (1988) a estimativa em relação aos falantes do francoprovençal era bem mais otimista: na França teria então 60.000 falantes (apenas do francoprovençal) e na Itália 70.000. No sítio da UNESCO, a estimativa total de falantes do francoprovençal na França, Itália e Suíça é de 100.000 pessoas<sup>15</sup>. O sítio ethnologue.com, como já expomos na página 17, estima 60.000 falantes na França. Essa divergência dos dados revela a dificuldade de se contabilizar o número de falantes de línguas minoritárias e em processo de desaparecimento. É difícil definir o que seja um falante e determinar qual o nível de conhecimento e o exercício que ele realmente tem da língua. Em muitos casos trata-se de semi-falantes, ou de pessoas que apenas compreendem a língua, ou que compreendem apenas um conjunto de itens lexicais.

No estudo *FORA* (BERT; COSTA, 2009) foram feitas entrevistas com pessoas que diziam “falar bem” ou “compreender bem” uma das duas línguas regionais. Das que declararam “falar bem”, 30% possuem 80 anos ou mais e a maioria são homens. Quanto à ocupação, as porcentagens mais elevadas são de aposentados, seguidos de artesãos e agricultores. Na faixa de 30 a 40 anos essa porcentagem é zero. Na faixa etária de menos de 30 anos foi encontrada uma porcentagem de 2%, que pode ser explicada como efeito das tentativas de recuperação dessas línguas empreendidas por militantes formados nas décadas de 1960 e 1970. Apenas 6,3% desses entrevistados declararam que falavam uma língua regional na infância, antes da entrada na escola (falantes nativos). Dentre esses, nenhum possui menos de 40 anos. Apenas 2% dos entrevistados declaram falar a língua regional todos os dias e 5,8% declaram falá-la frequentemente – trata-se evidentemente de pessoas mais velhas (BERT; COSTA, 2009).

Com relação aos que declararam “compreender bem” a língua regional, 44% dizem não saber falá-la bem ou de maneira nenhuma (falantes passivos). 60,9% têm mais de 80 anos, 2% entre 30 e 40 anos e 4% menos de 30 anos. Os homens também declaram mais frequentemente compreender a língua regional do que as mulheres (BERT; COSTA, 2009). Desta forma, podemos dizer que apenas uma pequena parte dos falantes dessas línguas pode ser considerada falantes nativos, que teriam aprendido a língua regional na infância, seja como primeira língua, seja em um contexto de bilinguismo, ao lado do francês. A maioria aprendeu a língua tardiamente (falantes tardios), por questões relacionadas ao trabalho –

---

15 Fonte: <http://www.unesco.org/culture/languages-atlas/index.php?hl=fr&page=atlasmap>. Acesso em: 14 jun. 2013.

adolescentes que vão trabalhar com adultos falantes da língua no meio agrícola –, ou pelas iniciativas de valorização e recuperação dessas línguas (BERT; COSTA, 2009).

Existem também os chamados falantes “invisíveis” ou “fantasmas”. São falantes que, mesmo possuindo competências ativas ou passivas dessas línguas, negam esse conhecimento por razões diversas, principalmente pela estigmatização e punição que sofreram na escola, o que levou a uma internalização do preconceito por parte dos próprios falantes do *patois*. Além disso, dos entrevistados que declararam falar bem ou muito bem a língua regional, mais de 35% raramente usam a língua (falantes latentes), por falta de contexto ou de outros falantes com quem conversar (BERT; COSTA, 2009).

A pesquisa também avaliou a relação das crianças com as línguas regionais: 13,9% declararam falar “um pouco” o *patois* e 25,1% dizem compreendê-lo. Essas porcentagens relativamente altas se devem ao fato de, para grande parte das crianças, “falar um pouco” ou “compreender” significa saber algumas palavras como os dias da semana ou algumas expressões fixas. Além disso, essa situação acontece mais frequentemente no domínio occitano, devido à existência de algumas instituições que ensinam a língua às crianças. Apesar disso, 32,9% das crianças dizem ter contato com algum membro da família que fala a língua regional, estando, de alguma forma, expostas à língua (BERT; COSTA, 2009).

A pesquisa revela, no entanto, que a transmissão intergeracional dessas línguas está fortemente comprometida. No domínio francoprovençal são raríssimas as instituições ou associações que atuam na transmissão da língua. Muitos de seus membros consideram a língua regional algo do passado, que deve ser preservado, mas que não se reproduz mais. A heterogeneidade dos aprendizes (pessoas que não sabem nada da língua e pessoas parcialmente competentes) e a falta de métodos e de ferramentas didáticas tornam a tarefa ainda mais difícil (BERT; COSTA, 2009).

O estudo *FORA* avaliou também as diversas iniciativas de tentativa de recuperação e preservação dessas línguas que vêm sendo empreendidas na região Rhône-Alpes. No domínio do francoprovençal, a criação de novas associações dedicadas à língua aumentou na última década, sobretudo nos últimos anos. São associações bem diversas que, em geral, se interessam por questões mais amplas relacionadas ao patrimônio cultural local como a história, a música, as danças tradicionais e a toponímia. Existem também grupos informais. Esses grupos e associações possuem diferentes atividades em relação à língua que variam desde simples encontros para a convivência e o exercício do *patois*, até atividades mais engajadas que buscam organizar espetáculos para serem apresentados ao público,

elaborar dicionários ou monografias sobre os falares locais, coletar histórias e lembranças que são publicadas em livros, boletins e DVD. No entanto, essa produção frequentemente não chega a ter uma difusão muito abrangente. Além disso, existe uma grande quantidade de material antigo registrado em meio analógico que corre o risco de desaparecer (BERT; COSTA, 2009).

## SEGUNDO CAPÍTULO – PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

### 2.1 O CORPUS

Este estudo tem como objeto dados coletados do *patois bressan*, variedade do francoprovençal. O *patois* denominado *bressan* é falado no departamento de *Ain*, nas proximidades da cidade de *Bourg-en-Bresse*, na região *Rhône-Alpes*, na França. A região antigamente era chamada de *Bresse savoyard* e se distingue de outra região na França também chamada *Bresse*, localizada no nordeste da França, no departamento de *Vosges*. Como podemos observar no mapa abaixo, a região onde se fala o *bressan* está localizada a noroeste do domínio, mais próximo da região de domínio *d'oïl*.

Figura 3: *Patois francoprovençais*<sup>16</sup>



Fonte: adaptado de Stich (2003)

Os demonstrativos que analisaremos nesta pesquisa foram extraídos da revista em quadrinhos *Léj avatar de Tintin: Lé pèguelyon de la Castafiore* (2006)<sup>17</sup>, que é uma tradução para o *bressan* do original francês *Les aventures de Tintin: Les bijoux de la Castafiore*, de Hergé (2007 [1963]). Essa edição conta com algumas observações gramaticais sobre o francoprovençal *bressan* e um glossário no final, o que possibilitou a identificação dos demonstrativos. A comparação com o original francês (HERGÉ, 2007 [1963]) também contribuiu para a análise e compreensão do texto.

<sup>16</sup> Os nomes dos *patois* estão escritos em francoprovençal.

<sup>17</sup> Agradecemos ao Dr. Marc et Huguette Bogé, CNRS, França, por gentilmente terem nos enviado a revista.

A coleta dos dados foi feita através do sistema de localização do programa *word*. Foi necessário fazer a cópia manual do texto da revista, da qual tínhamos apenas a versão impressa, para facilitar a coleta dos dados. Foi criado um arquivo com as ocorrências no contexto de frases, devidamente identificadas possibilitando a retomada do contexto mais amplo. Foram coletadas 387 ocorrências num universo de 13.177 palavras. Cada ocorrência do *corpus* possui uma etiqueta do tipo T18.7 (leia-se: Tintim página 18, 7º quadrinho) que permite localizá-la na revista em quadrinhos (tanto no original em francês como na versão em francoprovençal). Caso haja mais de uma ocorrência no mesmo quadrinho, elas serão ordenadas por letras: (a) primeira ocorrência de demonstrativo, (b) segunda, (c) terceira, e assim por diante. O conjunto dos dados analisados está disponível para consulta nos anexos desta dissertação.

A história contada na revista tem como personagens principais o jornalista investigativo Tintim e seu amigo capitão Haddock, que ficou rico ao achar um tesouro de um ancestral em episódios anteriores e mora em uma mansão, onde se passa a maior parte da trama. Neste episódio, a famosa cantora de ópera Bianca Castafiore chega da Itália para passar uns dias na casa do capitão, atraindo o interesse de jornalistas, que se reúnem na mansão para uma entrevista, ocasião em que desaparecem as jóias da cantora, se iniciando aí o mistério a ser investigado por Tintim e os detetives Dupont e Dupond.

Em minha monografia de conclusão de curso de graduação intitulada *Demonstrativos no francoprovençal: uma análise introdutória* (2012), realizei uma análise introdutória desses dados, centrada na descrição da classe morfológica dos demonstrativos e algumas referências a seu funcionamento sintático. Essa análise serviu como ponto de partida para o desenvolvimento desta pesquisa.

A coleta de dados de línguas minoritárias em avançado processo de restrição de uso constitui uma problemática metodológica importante, sobretudo em pesquisas centradas no estudo direto da língua em uso e que concebem a linguagem humana como uma forma de comportamento social. O acesso direto à modalidade oral do francoprovençal é algo difícil na atualidade, sobretudo na França, onde é difícil localizar os usuários da língua, por isso, optou-se pela análise de dados da língua escrita.

A tradução da revista para o *bressan* foi realizada por Manuel Meune, professor de alemão em Montreal e natural de *Bourg-en-Bresse*, e por Josine Meune, mãe de Manuel, professora de escola primária, natural de *Confrançon*, cidade localizada a 17 km de *Bourg-en-*

*Bresse*. Foi utilizada uma grafia local, semi-fonética.<sup>18</sup> É preciso enfatizar que mesmo dentro do domínio do *bressan* podem existir variações de cidade para cidade, de comunidade para comunidade. Além disso, os tradutores esclarecem que utilizaram a variante que eles conheciam melhor e se inspiraram em outros trabalhos existentes.

Uma questão levantada durante a elaboração desta dissertação foi acerca do grau de artificialidade dos dados. A tradução da revista é uma iniciativa de recuperação de uma língua que, como foi visto no capítulo 1, é muito pouco usada na atualidade. Os tradutores possivelmente tiveram acesso a gramáticas da língua, o que possibilitaria o preenchimento de lacunas e a recuperação de elementos perdidos. Além disso, sabe-se que dados de língua escrita, embora sejam considerados uso da língua, são pouco espontâneos e fortemente influenciados por sua modalidade padrão, o que pode dificultar a observação de fenômenos fundamentais que determinam o curso da evolução linguística. Como não sabemos a real competência que os tradutores possuem da língua, é provável que essa versão revitalizada do *bressan* se distancie bastante de uma versão oral coletada de falantes fluentes ou mesmo de semi-falantes. Embora isso possa ter acontecido, as palavras de Manuel Meune ao falar um pouco do processo de tradução dos quadrinhos, em entrevista à revista *C'est à Bourg*, revela uma dimensão mais espontânea da tradução:

No início, era apenas uma brincadeira, e nós não pensávamos em publicação. Minha mãe, cuja juventude, em Confrançon, foi embalada pelo patois, desempenhava o papel de “dicionário”. Seu conhecimento íntimo da língua lhe permitiu realizar a primeira versão da tradução... Pessoalmente, eu me ocupei das questões técnicas e elaborei um sistema de escrita coerente, inspirado no que já tinha sido feito em Bresse (...) Pouco a pouco, eu propus a minha mãe novas traduções, jogos de palavras inéditos, mas era sempre ela que julgava se isso “soava patois” ou não (MEUNE, 2006, p. 18).<sup>19</sup>

Apesar dessas ressalvas, considero que os dados aqui trabalhados são representativos de uma variedade da língua (o *bressan*), além de possuir a vantagem de tratar-se de um gênero escrito com elementos de oralidade – o gênero quadrinhos. Além disso, a existência das imagens nesse gênero de texto torna possível averiguar o contexto de interação entre os personagens e, assim, identificar os tipos de referência (exofórica ou endofórica) associados ao uso dos demonstrativos.

<sup>18</sup> Fonte: <http://diverslangues.e-monsite.com/pages/langues-par-regions/le-bressan.html>

<sup>19</sup> Tradução nossa. Do original: “Au départ, c’était un jeu et nous ne pensions pas à une publication. Ma mère, dont la jeunesse, à Confrançon, a été bercée par le patois, jouait le rôle de ‘dictionnaire’. Sa connaissance intime de la langue lui a permis de réaliser le premier jet de la traduction... Personnellement, je me suis occupé des questions techniques et j’ai élaboré un système d’écriture cohérent en m’inspirant de ce qui avait déjà été fait en Bresse” (...)“Peu à peu, j’ai proposé à ma mère de nouvelles traductions, des jeux de mots inédits, mais c’est toujours elle qui jugeait si ça ‘sonnait patois’ ou non”.

Consideramos ainda que, em estudos de línguas em desaparecimento, qualquer dado já representa uma sobrevivência da língua e tem seu valor como objeto de estudo e como iniciativa de preservação da diversidade linguística.

## **2.2 LÍNGUAS EM CONTATO E LÍNGUAS AMEAÇADAS**

A temática das línguas ameaçadas se inscreve, mais amplamente, no campo do Contato de línguas e do Multilinguismo e faz parte, a partir, sobretudo, da década de 1970, das preocupações de linguistas e de antropólogos acerca da manutenção de línguas e culturas minoritárias. Vale destacar o trabalho de antropólogos americanos, herdeiros de Boas, na documentação de línguas indígenas da América do Norte e do linguista americano Fishman, que tratou de temas como multilinguismo, educação bilíngue e línguas minoritárias. A conscientização do fato de que um grande número de línguas estava a ponto de desaparecer despertou a atenção desses estudiosos e o interesse na manutenção da diversidade linguística. No campo dos estudos linguísticos, é com os trabalhos da americana Nancy Dorian sobre o gaélico escocês, a partir de 1973, que emerge uma discussão propriamente científica sobre o fenômeno de extinção de línguas e suas consequências na estrutura linguística (GRINEVALD; COSTA, 2010).

No contexto da América Latina e no Brasil, os estudos sobre línguas em extinção apareceram a partir da década de 80 e 90, em trabalhos sobre política linguística, recuperação e ensino de línguas indígenas, entre outros. Trabalhos sistemáticos sobre o processo de desaparecimento de uma língua do ponto de vista propriamente linguístico são ainda mais recentes, como veremos nos trabalhos citados no decorrer deste texto.

O contato linguístico, em geral, pode ter como resultado, dependendo das condições sociais e políticas em questão, o bilinguismo estável, o bilinguismo – quando em um mesmo território duas ou mais regiões falam línguas diferentes – ou o desaparecimento de uma língua. Todos esses casos são caracterizados por diferentes fenômenos de mescla ou interferência linguística entre os dois ou mais sistemas linguísticos em contato. Nos casos em que há abandono de uma das línguas, as forças sociais e políticas exercem grande pressão para retorno ao monolinguismo. Esse tipo de contato linguístico ocorre, muitas vezes, entre uma língua oficial e majoritária e línguas com um número relativamente baixo de falantes – línguas étnicas, línguas regionais, línguas de imigrantes, etc. Grande parte dessas línguas não possui tradição escrita e muitas ainda sequer foram descritas. Trata-se muitas vezes de populações marginalizadas pertencentes a comunidades linguísticas frequentemente dispersas

cujas línguas possuem baixo prestígio social na sociedade mais ampla em que estão inseridas (GRINEVALD; COSTA, 2010).

Três trabalhos teóricos orientam a presente pesquisa: *Langues in Contact: findings and problems* (1970 [1953]) de Weinreich, *Language contact, creolization, and genetic linguistics* (1991) de Thomason e Kaufman e *Understanding language change* (1994) de McMahon. Para Weinreich (1970 [1953]), o contato de línguas é um aspecto do contato entre culturas, entre comunidades linguísticas distintas, e seu *locus* é o indivíduo bilíngue que utiliza duas ou mais línguas alternativamente. Em contextos de bilinguismo, o autor identificou o fenômeno da *interferência*, exercida por um sistema linguístico sobre o outro e caracterizada como desvios das normas de duas línguas quaisquer presentes na produção linguística de falantes bilíngues. A interferência implica “o rearranjo de padrões resultante da introdução de elementos estrangeiros nos domínios mais altamente estruturados da linguagem<sup>20</sup>”, e se distingue do que é comumente chamado de “empréstimo”, entendido como mera adição de elementos linguísticos no inventário de uma língua (WEINREICH, 1970 [1953], p.1).

Segundo Weinreich (1970 [1953]), as ocorrências do fenômeno da interferência são estimuladas por fatores estruturais (linguísticos) – de natureza fonética, gramatical ou lexical –, e por fatores não-estruturais, ou seja, fatores de natureza sociocultural e portanto extralinguísticos, o que dá sistematicidade e previsibilidade ao fenômeno. O autor enfatiza a importância dos fatores extralinguísticos no estudo da interferência, visto que, a extensão, direção e natureza da interferência de uma língua em outra apenas podem ser explicadas em termos do comportamento dos falantes, que por sua vez é condicionado pelas relações sociais da comunidade em que estão inseridos. Desta forma, cabe ao linguista identificar até que ponto a interferência é determinada pelas estruturas das línguas em contato – que podem ou não compartilhar traços fonético-fonológicos, padrões sintáticos, morfológicos ou características semânticas – e até que ponto deriva dos fatores extralinguísticos atuantes no contato.

Thomason e Kaufman (1991) enfatizam ainda mais a importância dos fatores extralinguísticos e afirmam a sobreposição desses aos fatores linguísticos, estruturais. Os autores demonstram que as restrições estruturais propostas por Weinreich (1953) se aplicam apenas a alguns tipos de interferência e que em outras situações de contato os fatores sociais podem vencer resistências estruturais em todos os níveis. Daí a dificuldade em se estabelecer

---

<sup>20</sup> Tradução nossa. Do original: “rearrangement of patterns that result from the introduction of foreign elements into the more highly structured domains of language” (WEINREICH, 1970 [1953], p.1).

restrições estruturais universais que governem esse fenômeno. Segundo os autores, é o contexto social, e não a estrutura das línguas envolvidas, que determina a direção e o grau de interferência (THOMASON; KAUFMAN, 1991, p.19). Desta forma, os autores propõem descrever e analisar resultados linguísticos de situações de contato de línguas correlacionando-os a certos tipos de fatores sociais.

Thomason e Kaufman (1991) analisam os resultados do contato de línguas caracterizado pela “manutenção” de língua (em oposição aos casos em que ocorrem mudanças rumo à criouliização). Os autores levam em conta a intensidade do contato, os tipos de empréstimo e as pressões culturais envolvidas. O aumento da intensidade e do tempo de contato, o aumento de empréstimos de natureza lexical e estrutural associados a pressões culturais por parte do grupo dominante leva à substituição gramatical e à consequente morte de uma das línguas. Para os autores, os tipos de interferência linguística observados em uma situação de contato são condicionados e orientados pelos fatores sociais atuantes (THOMASON; KAUFMAN, 1991).

McMahon (1994) dedica um capítulo de sua obra para definir e caracterizar o fenômeno de “morte de língua”, que preferimos chamar aqui de extinção de língua. A autora delimita como extinção de língua as situações em que ocorre um processo gradual de decadência e obsolescência de uma língua. Segundo a autora, a “morte” de uma língua envolve essencialmente mudanças linguísticas “normais”, mas motivadas por razões sociolinguísticas particulares. Em geral, ocorre uma transferência de fidelidade de uma parte da população da língua nativa para uma língua introduzida mais recentemente, na qual os falantes se tornaram bilíngues. Esta nova língua é em geral falada nativamente por falantes com maior poder econômico/político, prestígio e muitas vezes mais numerosos. A língua nova está frequentemente associada a novas tecnologias e a uma cultura que se apresenta como mais desenvolvida. Essa língua é então associada à riqueza e ao progresso o que faz com que os falantes abandonem gradativamente a língua nativa, que passa a ser usada em contextos cada vez mais reduzidos até ser totalmente substituída pela língua introduzida.

Em algumas situações – sobretudo quando as línguas em contato são relacionadas como uma língua crioula e seu superestrato ou um dialeto e a variedade padrão –, a língua com menos prestígio toma de empréstimo grande quantidade de palavras e construções da língua dominante de forma que as duas se tornam gradualmente indistinguíveis (MCMAHON, 1994). Isso pode ser observado em alguns *patois* francoprovençais e mesmo em outros dialetos da França, dada a proximidade entre essas línguas e a língua francesa.

Em outros casos, a língua minoritária perde gradualmente seus contextos de uso e deixa de ser transmitida às novas gerações tornando-se obsoleta. Estabelece-se um *continuum* de proficiência que distingue membros fluentes, em geral os mais velhos que aprenderam a língua na infância, e membros menos fluentes, os mais jovens, que aprenderam o língua de forma imperfeita. A cada geração as palavras e estruturas linguísticas vão caindo em desuso (MCMAHON, 1994). Essa situação corresponde ao que ocorreu com grande parte das línguas minoritárias faladas na França.

Nos casos em que, além do grupo linguístico com maior poder político e econômico se sobrepõe aos outros, os grupos minoritários sofrem estigmatização e são segregados da sociedade mais ampla, o abandono das línguas minoritárias é praticamente inevitável, visto que a adoção da língua dominante passa a ser um pré-requisito para qualquer tipo de integração ou ascensão social. Os falantes de línguas regionais na França passaram e ainda passam por pressões como essas. A mudança pode levar muitas gerações e a língua nativa passa por um vagaroso processo de desgaste, fenômeno observado, por exemplo, por Scheinbein (2006) na comunidade de sefarditas falantes do *hakitia*, variante marroquina do judeu-espanhol, em Belém do Pará. Por outro lado, existem casos em que o grupo pressionado resiste obstinadamente à assimilação e mantém o que pode da língua nativa enquanto toma de empréstimo grandes porções da gramática da língua dominante, como é o caso da comunidade Calon do município de Mambáí (Goiás, Brasil), estudada por Dantas de Melo (2005).

Além disso, em sociedades bilíngues, em geral, os diferentes sistemas linguísticos tendem a ser usados em contextos discursivos distintos de acordo com sua significação social: por exemplo, no Canadá o inglês é a principal língua do comércio, dos setores administrativos públicos, etc., o que de certa maneira força os falantes do grupo francês (minoritário) a aprender o inglês. O grupo inglês, por outro lado, não sofre pressões para aprender o francês. A manutenção do bilinguismo no Canadá depende ainda hoje das convenções e leis de planejamento linguísticos empreendidas no *Québec*, visto que, sem essas iniciativas a tendência seria a sobreposição do inglês, língua do grupo majoritário (TARALLO; ALKMIN, 1987).

Em contextos em que não há legislação que proteja e estimule o uso de línguas minoritárias – como é o caso da França em relação às línguas regionais – essas línguas tendem a se restringirem, primeiramente, a regiões menos urbanizadas e mais afastadas, a contextos discursivos bem delimitados como festas típicas, colheitas, rituais religiosos, e a expressões linguísticas com função expressiva como xingamentos, provérbios, ditos, maldições/bençãos, entre outras (ver SCHEINBEIN, 2006 e COHEN, 2002). A língua

passa, portanto, por um processo de estratificação social que caminha em direção à verticalização do dialeto, processo frequente no percurso histórico de línguas minoritárias e em extinção, que consiste no fato de uma língua ou seus vestígios estarem presentes em contextos sociais específicos (COHEN, 2003). A variação vertical se sobrepõe à variação horizontal ou espacial, que se torna um critério insuficiente para descrever e analisar essas línguas. Conforme explicita Cohen (2003):

Como se sabe, a variação espacial das línguas é também chamada de ‘variação horizontal’, e a variação social, de ‘variação vertical’. O que se verifica no presente caso, além do fato de a variação linguística ser o dado fundamental, como no de outras línguas em extinção, e mesmo em se tratando do que se denomina na dialetologia ‘o domínio francoprovençal’, é uma verticalização do dialeto: o que podia ser percebido no espaço é agora identificado em situações sociais especiais: ou de trabalho, ou de reuniões. O ‘domínio’ se descaracteriza como tal (COHEN, 2003, p. 83-84).

A variação está submetida a forças centrífugas que atuam nas línguas em constante tensão com as forças centrípetas, ou seja, a tendências, de um lado, padronizadoras, e, de outro, diversificadoras (COHEN, 2003).

Segundo Cohen (2003), esse jogo de forças pode ser identificado tanto no francoprovençal como no judeu-espanhol e na língua dos ‘calons’: “os vestígios da língua que se extingue estão presentes em contextos sociais específicos, o que denominamos a verticalização” e “predomina a variabilidade (fragmentação, não unificação) linguística ou a ausência de uma norma consensual entre os falantes” (COHEN, 2003, p. 84).

Desta forma, em situações como a do francoprovençal, caracterizada por um contato intenso com o francês, séculos de bilinguismo, além da forte pressão cultural, espera-se alto grau de interferência entre as línguas, com sobreposição do francês e crescente abandono do *patois*. O arcabouço teórico exposto acima, nos permite identificar tipos de interferência que podem ser observados em versões dessa língua que ainda sobrevivem, sem perder de vista a atuação dos fatores sociais na configuração e nos resultados do contato linguístico.

Outra noção fundamental no estudo de línguas ameaçadas é a de falante. É difícil definir o que seja um falante e determinar qual o nível de conhecimento e o exercício (proficiência) que ele realmente tem da língua. Em muitos casos, trata-se de semi-falantes, ou de pessoas que apenas compreendem a língua, ou que compreendem apenas um conjunto de itens lexicais.

Dorian (1977) analisa o tema em seu estudo sobre o gaélico, falado na Escócia. A autora estabelece um contínuo de proficiência da língua distinguindo falantes fluentes em gaélico, que estavam mais confortáveis com o gaélico do que com o inglês, falantes fluentes nas duas línguas, e semi-falantes (*semi-speakers*), que falavam um gaélico imperfeito e que se sentiam mais a vontade com o inglês.

No conjunto total de falantes do gaélico que contabilizavam cerca de 140, em 1972, havia na extremidade superior do espectro alguns indivíduos que estavam mais confortáveis e eram mais proficientes em gaélico do que em inglês, na faixa intermediária havia muitos que eram fluentes em ambas as línguas, e na extremidade inferior alguns que faziam-se entender em um gaélico imperfeito, mas que se sentiam muito mais à vontade no inglês. Estes últimos eu chamei de “semi-falantes” (DORIAN, 1977, p. 24)<sup>21</sup>.

Segundo Dorian (1977), a identificação desses falantes e de seu real domínio da língua é crucial para se aferir quão completa e quão intacta é a versão da língua que se recebe dos informantes, ou seja, quão representativos são os dados. Para a autora, dados coletados de semi-falantes precisariam ser manuseados com cuidado na escrita de gramáticas ou nas técnicas de reconstrução da lingüística histórica.

Segundo Harris (1994, *apud* SCHEINBEIN, 2006), a geração dos semi-falantes é bilíngue, recebeu a língua nativa dos pais (falantes fluentes que utilizavam essa língua na maior parte do tempo), aprendeu também a língua dominante e, no entanto, se sente mais à vontade com a língua nova. Essa geração bilíngue transmite à terceira geração a língua dominante como língua materna rompendo a transmissão intergeracional. A geração dos netos entende ou fala muito pouco a língua nativa dos seus avós e usa a língua dominante na maior parte do tempo.

Bernissan (2012), em seu trabalho sobre o número de falantes do occitano, também propõe uma definição clara e adequada do termo *falante (locuteur)* e uma categorização de diferentes tipos de falante por meio do estabelecimento de classes segundo o grau de conhecimento e o tipo de aprendizado da língua. O autor define três parâmetros a serem observados na categorização de falante: o conhecimento da língua (com diferentes graus de competência); a prática da língua (frequência e modo operacional de emprego –

---

21 Tradução nossa. Do original: “In a total pool of Gaelic speakers which numbered about 140 in 1972, there were at the upper end of the spectrum a few individuals who were more comfortable and proficient in Gaelic than English, in the middle range many who were skilled bilinguals, fluent in both languages, and at the lower end some who could make themselves understood in imperfect Gaelic but were very much more at home in English. These last I have called ‘semi-speakers’”.

público, privado, escolha de interlocutores); e o parâmetro ambiental (*environnement*) – tipo de ambiente de aprendizado da língua: se há imersão, se o falante mora no exterior, se aprende a língua através da escrita, etc. Esses parâmetros são de grande relevância na identificação, categorização e seleção dos falantes em estudos de línguas em extinção.

Harrison (2007) destaca o papel das crianças no processo de extinção de uma língua. As crianças são particularmente sensíveis às pressões sociais e, em geral, sofrem discriminação e punições na escola se falarem a língua nativa, o que leva à escolha de falar e transmitir apenas a língua dominante. Nesses casos, as crianças, e não os adultos, lideram o processo de mudança rumo à extinção e podem ser consideradas pequenos barômetros sociais muito sensíveis ao estigma associado às línguas de seus ancestrais.

A atitude negativa do falante e da comunidade em relação à sua própria língua é outro fator de extrema importância, visto que ela atua diretamente na ruptura da transmissão intergeracional de uma língua ou dialeto, o que acelera o processo de assimilação da cultura dominante e conseqüente abandono da língua nativa, como foi observado por Cohen (2002 e 2003) em seus estudos sobre francoprovençal e sobre o judeu-espanhol. Essas línguas passam a ser faladas apenas como segunda língua – pois não há mais falantes que a aprendam na infância – e passam a ter seus domínios de uso cada vez mais restritos.

O processo de desaparecimento de uma língua envolve, portanto, a simplificação de sua forma e a restrição de sua função na sociedade. Essa perda dos domínios de uso leva à perda dos recursos estilísticos e de estruturas gramaticais, visto que as novas gerações de falantes não são capazes de aprender as formas que a geração mais velha conhece, mas não usa no dia a dia (SCHEINBEIN, 2006).

Deve-se reiterar a grande importância de fatores de ordem extralinguística em estudos sobre extinção de línguas. São as forças sociais, culturais e políticas as principais condicionadoras e orientadoras dos processos de desaparecimento/manutenção – ou de reversão e recuperação – de línguas e falares em contato com línguas majoritárias dominantes. Daí a necessidade de se analisar cuidadosamente cada caso, cada contexto de contato linguístico, as características desse contato e das comunidades sociolinguísticas em questão.

Com o objetivo de identificar o grau de ameaça de uma língua o documento da UNESCO (2003) apresenta uma lista de fatores que devem ser observados, sintetizando os fatores sociais atuantes no processo de desaparecimento de uma língua: a transmissão intergeracional da língua, o número absoluto de falantes e o número proporcional de falantes dentro da população total, mudanças nos domínios de uso da língua, resposta aos novos domínios e às novas mídias e disponibilidade de material para educação e letramento na

língua. Podemos complementar esses fatores com alguns dos propostos pelo sítio *Ethnologue*<sup>22</sup>: reconhecimento oficial da língua no país ou região, atitude dos falantes em relação à língua na comunidade, a faixa etária dos falantes, entre outros. Dadas as características e os limites da presente pesquisa, esses fatores não foram investigados e não pretendemos identificar o grau de extinção do francoprovençal. No entanto, a pesquisa bibliográfica nos fornece informações importantes a esse respeito, que serão levadas em conta na análise dos dados do *bressan*.

### 2.3 ESTUDO DE FENÔMENOS DE RETENÇÃO E MUDANÇA

O processo de desaparecimento de uma língua induzido pelo contato é caracterizado por fenômenos que alteram a estrutura da língua em questão. Tal processo é caracterizado por fenômenos de assimilação à língua dominante – perda de elementos, estruturas ou traços distintivos – e por fenômenos de retenção, de elementos que tendem a se preservar, a resistir ao desaparecimento ou à assimilação. Destacamos a importância dos elementos e estruturas que resistem, a despeito das pressões rumo à assimilação, e nos questionamos sobre as características tanto linguísticas como extralinguísticas que, associadas a determinadas formas, condicionam a retenção.

Para pensar o caso do francoprovençal, nos debruçamos sobre estudos que tratam de línguas em processo de desaparecimento os quais fornecem diretrizes pertinentes para esse tipo de estudo. A comparação de diferentes trabalhos sobre línguas em extinção é de extrema importância para um maior conhecimento desse processo e dos fenômenos que o caracterizam.

Cohen (2009) analisa o processo de restrição de uso do judeu-espanhol em comunidades sefarditas brasileiras. Segundo a autora, o contato entre línguas pode atuar tanto na constituição de novas línguas, como no desaparecimento das mesmas, como ocorreu com diversas variantes do judeu-espanhol, língua de base hispânica que mesclou-se com diferentes línguas nos territórios onde seus falantes chegaram após as diversas diásporas. Não tendo caráter oficial em nenhum Estado nacional, falada por grupos minoritários, minorizada pelos próprios falantes e em constante convivência e concorrência com uma língua oficial, línguas como o judeu-espanhol, o francoprovençal, a língua dos ciganos e muitas outras encontram-se em uma situação potencialmente mais propensa à assimilação.

---

<sup>22</sup> [www.ethnologue.com](http://www.ethnologue.com).

Com o objetivo de analisar os elementos que resistem à assimilação à língua dominante e à extinção, Cohen (2009) propõe uma matriz de retenção-mudança. Essa matriz, construída a partir do estudo do processo de extinção do francoprovençal e do judeu-espanhol e sobre fenômenos do português brasileiro, apresenta generalizações sobre casos de retenção e mudança, distinguindo os fatores que tendem a mudar, ou seja, a sofrer interferência de outra língua, e os que tendem a resistir à mudança.

**Quadro 7: Matriz retenção-mudança**

<b>Retenção – resistem à extinção</b>	<b>Mudança</b>
<b>fatores internos</b>	<b>fatores internos</b>
gênero: masculino	gênero: outros
número: plural	número: outros
caso: acusativo	caso: outros
modo: imperativo	modo: outros
tonicidade	atonicidade
vogal: posterior	vogal: anterior
nome: próprio	nome: comum
referência: exo-endofórica	referência: endofórica
<b>Fatores externos</b>	<b>Fatores externos</b>
Função: emotivo-representativa (provérbios)	Função: representativa
rural/isolado/rede social forte	urbano/rede social fraca

Fonte: Cohen (2009)

A coluna da esquerda mostra os fatores internos (estruturais) e externos (extralinguísticos) que tendem a resistir à interferência do contato linguístico, e a coluna da direita os elementos que tendem a se assimilar ou a sofrer interferências. Segundo Cohen (2009), no estudo de línguas em extinção, nos interessa sobretudo os elementos que resistem à mudança:

Focalizaremos, na matriz “mudança-retenção linguística”, que constitui o cabo de guerra da evolução das línguas, não os elementos que se assimilaram às línguas dominantes ou deixaram de ser falados guiados pelo fato de terem suas funções comunicacionais se tornado desnecessárias, mas aqueles elementos que resistiram e são passíveis de resistir à extinção (COHEN, 2009, p.56).

O trabalho de Cohen (2002) sobre os artigos definidos no francoprovençal, mostra que o artigo masculino plural é o que resistirá mais tempo por ser uma forma marcada e carregar mais informações do que as formas que se confundiram com o francês.

Penna (1998) estudou a retenção do pronome *ele* acusativo no português brasileiro. Segundo a autora, o *ele* acusativo, fenômeno antigo na língua e não uma inovação do português brasileiro, teria permanecido nessa variedade do português e expandido seus usos devido a sua origem demonstrativa, a sua proximidade com os substantivos, e a sua forma invariável quanto às flexões de caso, o que possibilitou a expansão de seus usos em todas as funções sintáticas na passagem do latim para as línguas românicas. Além disso, o *ele* acusativo apresenta uma dupla capacidade referencial: exofórica e endofórica, daí sua capacidade de se referir tanto à situação (dêixis) quanto ao texto (anáfora e catáfora). Todas essas características tornam o pronome *ele* acusativo uma forma mais “pesada”, guardando mais informações do que os outros pronomes, o que o torna um forte candidato à retenção.

O trabalho de Scheinbein (2006) sobre o hakitía em Belém do Pará mostra que a função emotivo-representativa é a que resiste em línguas em avançado processo de extinção, assim como o modo imperativo, como ficou claro em sua análise da conservação de ditos, provérbios, refrões, bênçãos e maldições nessa variedade do judeu-espanhol presente no Brasil.

Com relação aos fatores externos, Cohen (2009) esclarece que os elementos rural, isolado e rede social forte atuam cumulativamente, associados à função duplamente emotiva e representativa, tornando as formas linguísticas marcadas do ponto de vista externo (extralinguístico). O contexto atual de desenvolvimento e expansão dos meios de comunicação e da internet exige uma reflexão sobre os elementos rural/isolado, que devem ser pesados de acordo com cada caso analisado. As formas marcadas tendem a resistir à mudança, o que leva à formulação de uma hipótese: “o que resiste à mudança acaba por resistir à extinção” (COHEN, 2009, p.60).

## **2.4 ESTUDO DOS DEMONSTRATIVOS**

Nesta seção discutiremos algumas questões teóricas relacionadas ao estudo dos demonstrativos, aspecto linguístico selecionado para descrição e análise. Veremos como as características dos sistemas de demonstrativos os tornam um objeto pertinente para o estudo da retenção linguística, sobretudo quando levamos em conta sua origem e a configuração desse sistema em outras línguas românicas.

### 2.4.1 A NATUREZA DOS DEMONSTRATIVOS

Segundo o Dicionário de Linguística (DUBOIS *et al.*, 2006), os demonstrativos são definidos pelas gramáticas tradicionais como dêiticos, adjetivos ou pronomes, que servem para “mostrar” os seres ou os objetos implicados no discurso e correspondem a um gesto da mão.

Para Dubois e Lagane<sup>23</sup> (1973), os demonstrativos designam ou indicam um ser ou uma coisa, daí sua natureza dêitica. Na função adjetiva, eles acompanham nomes que designam seres ou coisas presentes na situação de comunicação. Na função pronominal eles remetem a um nome ou o substituem. Eles indicam também aquilo que acabamos de falar, ou o que falaremos em seguida. Teyssier (1990) inclui os demonstrativos no sistema de dêiticos espaciais, ao lado dos advérbios de lugar. Para esse autor, os dêiticos espaciais são morfemas através dos quais cada língua exprime sua maneira de organizar o espaço e o tempo. Em todos esse usos ou funções, pode-se observar que os demonstrativos possuem uma capacidade referencial, ou seja, capacidade de se referir a algo seja no contexto interativo seja no contexto discursivo, desempenhando um importante papel na coesão e na interpretação do discurso linguístico, tanto oral como escrito.

Dubois *et al.* (2006, p.511) definem a referência como “a função pela qual um signo linguístico se refere a um objeto no mundo extralinguístico, real ou imaginário”. A ideia de referência é tratada por Saussure e por Ogden e Richards na descrição do signo linguístico. Para Saussure (1973), o signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces: conceito e imagem acústica. Ogden e Richards (1976) incorporam à definição de signo uma terceira dimensão, o referente, que seria o “objeto no mundo” (real ou imaginário).

Para Trask (2004), a referência é a relação entre uma expressão linguística e algo selecionado do mundo real ou conceitual. Muitas expressões linguísticas apontam para alguma coisa no mundo não linguístico (o referente), como os nomes próprios e os sintagmas nominais em geral, por exemplo. Ducrot e Todorov (1988) esclarecem mais detalhadamente a natureza do referente. Segundo esses autores, o referente não é necessariamente “a” realidade ou “o” mundo: “as línguas naturais têm com efeito o poder de construir o universo ao qual elas se referem; podem pois obter um UNIVERSO DO DISCURSO imaginário” (p. 229).

---

<sup>23</sup> Neste texto, utilizamos a terminologia francesa que classifica os demonstrativos em adjetivos (função adjetiva), quando acompanham um nome, ou pronomes (função pronominal), quando o substituem. Ao citar outros trabalhos com terminologias diferentes colocaremos os termos entre aspas.

Desta forma, percebe-se que o imaginário, as entidades que não “existem” de forma concreta na realidade, também está contemplado na noção de referente.

A dêixis e a anáfora são propriedades da linguagem que traduzem diferentes formas de relação entre o signo linguístico e seu referente. Camara Jr. (1981) define a dêixis como a “faculdade que tem a linguagem de designar mostrando, em vez de conceituar”. A dêixis, na comunicação, estabelece uma relação direta com o mundo extralinguístico, e compõe, ao lado da designação simbólica ou conceitual, todo e qualquer sistema linguístico. Câmara Jr. (1981) distingue o signo linguístico em dois tipos: o símbolo e o sinal. No símbolo, um conjunto sônico representa ou simboliza – como ocorre com os nomes – e no sinal, um conjunto sônico indica ou mostra – como ocorre com os pronomes.

O referente de um dêitico só pode ser determinado em relação aos interlocutores. Os dêiticos podem, em um enunciado, fazer referência à situação em que o enunciado é produzido; ao momento do enunciado (tempo e aspecto do verbo); ao falante (modalização). O ponto de referência de um dêitico é sempre a identidade do falante e o momento e o lugar da fala. Desta forma, podem ser identificados como dêiticos os demonstrativos, os advérbios de lugar e de tempo, os pronomes pessoais e os artigos (DUBOIS *et al.*, 2006).

Trask (2004) distingue três categorias associadas à dêixis: a categoria posição dêitica, que expressa diferentes distâncias em relação ao falante (*aqui/lá, este/aquele*); a categoria de pessoa, que permite distinções entre falante, interlocutor e qualquer outra pessoa; a categoria de tempo, que permite que o falante aponte para tempos passados ou futuros, sempre em relação ao momento da fala (presente). Beccaria (1994) detalha um pouco mais a descrição dessas categorias, facilitando sua identificação. A dêixis espacial especifica as posições de objetos ou de pessoas em relação ao lugar em que se encontram os participantes no momento da enunciação; a pessoal diz respeito à referência do falante a si mesmo, ao interlocutor ou a algo ou a alguém que não é nem o falante nem o interlocutor; a temporal codifica o momento da enunciação e é expressa no tempo verbal, por advérbios como “hoje”, “ontem”, “amanhã” ou por sintagmas como “há uma hora”, “em dois dias” ou ainda por sintagmas em que há unidades de tempo, acompanhadas por “este”, “presente”, “último”, “próximo”. Veremos como a dêixis ou exófora temporal se mostrou bastante interessante na análise dos demonstrativos no *bressan*.

Beccaria (1994) fala ainda de dêixis textual ou do discurso, que considera o texto escrito ou oral como um lugar que é usado como referência – do interior de um texto a pedaços desse mesmo texto – através da dêixis temporal (sobretudo em textos orais) ou da

espacial (sobretudo em textos escritos); e em dêixis social, que codifica relações sociais dos participantes expressas em pronomes como no italiano *tu/lei* e no francês *tu/vous*.

A anáfora é um tipo de referência diferente da dêixis. Enquanto a dêixis aponta para algo fora do discurso, no mundo extralinguístico, a anáfora aponta para algo dentro do discurso, no contexto linguístico. Há relação anafórica quando um termo faz referência à um outro termo expresso anteriormente no contexto linguístico (o chamado termo antecedente). Ao lado da função dêítica, os demonstrativos, os advérbios de lugar e de tempo, os pronomes pessoais e os artigos também podem assumir a função anafórica (DUBOIS *et al.*, 2006).

Apresentaremos a seguir mais detalhadamente a função dêítica e anafórica nos pronomes pessoais e nos demonstrativos, que nos interessam especialmente.

Os pronomes são palavras que denotam o ente ou a ele se referem, considerando-se apenas como pessoa do discurso (CAMARA JR, 1981) e possuem função dêítica e anafórica/catafórica. No uso anafórico, os pronomes pessoais são utilizados para reenviar ou substituir uma palavra (um nome) já utilizada no discurso (DUBOIS *et al.*, 2006), como, por exemplo, em *João foi à festa ontem. Ele chegou muito tarde*. O pronome *ele* retoma anaforicamente o termo antecedente *João*. No uso dêítico, os pronomes representam os participantes na comunicação, um ser ou objeto presente no momento da enunciação (DUBOIS, 2006), como em *Você gosta de samba? – Eu adoro!* Só sabemos a quem os pronomes se referem no contexto comunicativo.

O mesmo pode ser observado no sistema de demonstrativos. Segundo Teyssier (1990), o dêítico situa o objeto no universo – *Este livro aqui (que está na minha mão)* –, enquanto a anáfora retoma um objeto presente no discurso – *Sabe o livro que eu comprei ontem? É esse livro que vou dar para o João*. Línguas como o francês, além dos demonstrativos, possuem morfemas especializados em expressar a anáfora – a partícula *y* que retoma nomes de lugar ou palavras introduzidas pela preposição *à*, e a partícula *en*, que substitui anaforicamente palavras que expressam quantidade e/ou que são introduzidas pela preposição *de*.

Tanto os adjetivos como os pronomes demonstrativos podem ser dêíticos ou anafóricos. Na função pronominal, substituindo um nome, o demonstrativo pode relacionar-se a seu referente através da dêixis, como em *o que é isto?*, ou através da anáfora, como em *você contou uma mentira, isso me deixou muito triste*. No primeiro exemplo, o demonstrativo se refere a algo no contexto comunicativo, enquanto no segundo ele se refere anaforicamente ao que foi falado anteriormente. Na função adjetiva, acompanhando um nome, também temos as duas possibilidades: *este carro custou muito barato* (referência dêítica – o carro está

presente no contexto comunicativo) e *comprei um livro, esse livro é muito interessante* (referência anafórica – o livro não está presente no contexto comunicativo).

O tema da dêixis e da anáfora é tratado por Halliday e Hasan (1976) com uma terminologia um pouco diferente em sua análise da coesão e dos tipos de referência no inglês. Os autores distinguem três tipos de referência no inglês: a referência pessoal, a referência comparativa e a referência demonstrativa. A primeira inclui os pronomes pessoais, os adjetivos e os pronomes possessivos; a segunda compreende os adjetivos e os advérbios comparativos; a terceira, que nos interessa especialmente, os pronomes e adjetivos demonstrativos, os advérbios de lugar e o artigo definido *the*, no caso do inglês – em outras línguas, como no português, os artigos definidos também podem assumir função demonstrativa.

A referência pode ser exofórica ou endofórica. A exofórica diz respeito à ligação entre o texto e seu ambiente, é aquilo que, no discurso, aponta para fora, para o mundo externo (ou seja, a dêixis). A referência endofórica diz respeito à ligação entre elementos do próprio texto, internos ao discurso. A referência endofórica pode ser anafórica – quando aponta para um elemento anterior ao item de referência – ou catafórica – quando aponta para um elemento posterior ao item de referência (HALLIDAY; HASAN, 1976).

Segundo Halliday e Hasan (1976), a referência do tipo dêitico seria uma forma primeira de referência de um ponto de vista histórico, da evolução da linguagem, e de um ponto de vista lógico, cognitivo. Sugere-se, então, que a referência endofórica, mais abstrata, tenha se desenvolvido a partir da dêixis, mais concreta, através de mecanismos como a metáfora, por exemplo. Teyssier (1990) também parte da mesma ideia para explicar a origem do pronome de terceira pessoa e dos artigos definidos nas línguas românicas. Ao tratar da dêixis espacial na língua portuguesa o autor afirma:

Essa organização do universo espacial, a princípio simples, dá lugar em seu uso concreto a variações infinitas, - por exemplo quando a aplicamos ao tempo e a noções abstratas -, e permite inúmeros efeitos de discurso.

[...]

Do anafórico deslizamos muito facilmente a esta categoria de substitutos que são os pronomes de terceira pessoa: o latim *ille*, inicialmente dêitico, depois empregado como anafórico, se tornará assim o *ele* no português, o *il* no francês, etc. Uma evolução comparável conduzirá a mesma palavra a artigo definido (TEYSSIER, 1990, p.162).<sup>24</sup>

<sup>24</sup> Tradução nossa. Do original: Cette organisation de l'univers spatial, simple dans son principe, donne lieu dans son usage concret à des variations infinies, - par exemple quand on l'applique au temps et aux notions abstraites -, et permet d'innombrables effets de discours. [...] De l'anaphorique on glissera très facilement à cette catégorie de substituts que sont les pronoms de la troisième personne: le latin *ille*, d'abord déictique, puis employé comme anaphorique, deviendra ainsi le portugais *ele*, le français *il*, etc. Une évolution comparable conduira le même mot à l'article défini.

Teyssier (1990) observa na história da língua portuguesa frequentes fenômenos de passagem da dêixis à anáfora – o que Halliday e Hasan (1976) chamam de passagem do exofórico ao endofórico. No entanto, o mesmo autor também identificou um fenômeno inverso, ou seja, o de um item anafórico que passa a exercer função dêitica. É o caso do item *hi*, atual *aí*, que no português do século XIV e XV – no *corpus* analisado pelo autor – aparece sempre em função anafórica, não integrando portanto o sistema de advérbios de lugar, que permanece binário (aqui/ali). Apenas nos dados do século XVI o autor atesta o emprego dêitico de *hi*, que passa a variar com a nova forma *aí*, configurando então um sistema ternário de advérbios de lugar paralelo ao sistema de demonstrativos. Vale destacar que, como veremos na próxima subseção, é também no século XVI que o sistema de demonstrativos no português reestabelece o sistema ternário com o fixação da forma *esse* na segunda pessoa. Tal emprego de *esse*, forma derivada do latim *ipse* – pronome latino com função anafórica –, apresentava usos predominantemente anafóricos no século XIV e teria passado por uma evolução parecida com a da forma *hi*, do anafórico ao dêitico.<sup>25</sup>

Um item referencial não é em si mesmo exofórico ou endofórico, ele é apenas fórico, ou seja, possui a propriedade de referência. Além disso, um item pode ora ser usado exoforicamente, ora endoforicamente, ou mesmo exercer as duas funções ao mesmo tempo. No entanto, observa-se que certos itens ou classes de itens tendem a ser usados exoforicamente e outros endoforicamente – ou seja, possuem uma referência típica e outra secundária. A referência de tipo endofórica merece destaque dada sua função na coesão textual, estabelecendo a dependência entre os elementos do discurso e possibilitando sua interpretação. A referência, portanto, está fortemente ligada à dimensão semântica do discurso, mais do que à sua dimensão gramatical (HALLIDAY; HASAN, 1976).

Penna (1998) discute a origem do *ele* acusativo no português brasileiro, reconstituindo sua trajetória desde o latim até o português contemporâneo. A autora observou que a origem demonstrativa do pronome de terceira pessoa seria responsável pela sua singularidade diante dos outros pronomes pessoais. A autora afirma que o demonstrativo latino *ille* era tipicamente adjetivo e exercia a dêixis própria dos demonstrativos, ou seja, era tipicamente exofórico e secundariamente endofórico, nos termos de Halliday e Hasan (1976). Além disso, o latim possuía os pronomes *is*, *ea* e *id* como itens anafóricos. No uso

---

<sup>25</sup> Teyssier (1990) reconhece que, dadas as limitações dos *corpora* analisados, essa afirmação é fragil e provisória. A atestação do uso de *hi* dêitico em outros textos mais antigos é possível e pode revelar uma outra datação para o estabelecimento do sistema ternário de advérbios de lugar.

substantivado de *ille*, que era relativamente raro no latim, a referência típica era a endofórica – *ille* comportava-se como um fórico em relação ao substantivo que o antecedia.

Essa dupla capacidade referencial de *ille* terá consequências importantes na passagem para o português: o demonstrativo *aquela* e o artigo *o* apresentam a referência exofórica como típica, enquanto no demonstrativo/pronome *o* e nos pronomes *ele* e *lhe* a referência típica é a endofórica. Essas características do pronome *ele* teriam possibilitado a expansão de seus usos em todas as funções sintáticas na passagem do latim para o português, o que mostra a importância da foricidade no desenvolvimento do sistema linguístico.

Albert Dauzat (1950) faz algumas considerações muito importantes sobre os adjetivos e pronomes determinativos, que incluem os demonstrativos. Segundo o autor, os adjetivos-pronomes são um conjunto bastante complexo: sua função consiste em precisar o valor do substantivo ou em substituí-lo com o mesmo valor. Essa distinção, no entanto, não constitui uma cisão, visto que frequentemente na história das línguas o adjetivo adquire características de pronome e vice-versa. Segundo Dauzat (1950, p.205):

Do ponto de vista formal, são os adjetivos-pronomes que oferecem as mais numerosas sobrevivências das flexões nominais e do neutro: somente eles preservaram o caso oblíquo; é aqui, entre essas partículas tão usadas, que mais se encontra anomalias, fósseis linguísticos.<sup>26</sup>

Os chamados adjetivos-pronomes possuem, então, essa tendência a reter características antigas da língua – o que nos interessa especialmente no estudo da retenção linguística. Os adjetivos-pronomes são, portanto, formas de especial interesse na evolução linguística. Necessidades comunicativas como a expressividade, a precisão, a ênfase, entre outras, desencadeiam frequentemente complexos processos de mudanças, que são acompanhados por fenômenos de retenção, ou seja, de traços ou características que se mantêm. A importância do estudo dos demonstrativos se destaca, sobretudo quando observamos sua produtividade na constituição das línguas românicas. No estudo do processo de extinção de um língua, veremos que essas formas são particularmente sensíveis tanto à mudança como à retenção.

---

<sup>26</sup> Tradução nossa. Do original: Au point de vue formel, ce sont les adjectifs-pronoms qui offrent les plus nombreuses survivances des flexions nominales et du neutre: eux seuls ont gardé des cas obliques; c'est ici, parmi ces particules très usitées, qu'on trouve le plus d'anomaux, de fossiles linguistiques.

## 2.4.2 ORIGEM E CARACTERÍSTICAS DOS DEMONSTRATIVOS NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Os demonstrativos das línguas românicas derivam basicamente de três demonstrativos do latim: *hic*, *iste* e *ille*. O latim distingue três graus de proximidade do demonstrativo correspondentes aos três graus de proximidade das pessoas do verbo: *hic* corresponde à 1ª pessoa e alude a um objeto (ou pessoa) que se encontra próximo a quem fala. *Iste* corresponde à 2ª pessoa e alude a um objeto (ou pessoa) próximo a quem se fala. *Ille* corresponde à 3ª pessoa e alude àquilo que está mais longe, distante tanto da 1ª como da 2ª pessoas. Além dos demonstrativos citados acima, os pronomes pessoais e determinativos *is*, *idem* e *ipse*, que possuíam função delimitadora e identificadora, também podiam assumir o valor demonstrativo (LAUSBERG, 1966, p.202).

Na passagem do latim para as línguas românicas, complexas mudanças se processaram no sistema dos demonstrativos, resultando em diferentes subsistemas. Dentre essas mudanças, pode-se destacar o desaparecimento das formas *is* e *hic* – devido provavelmente, segundo Lausberg (1966, p.203), à debilidade semântica dessas formas – a mudança de escopo de *iste* que passa a designar a primeira pessoa; a constituição de formas reforçadas; o tratamento do neutro e a diferenciação de formas “substantivas” e “adjetivas” (CAMBRAIA e BIANCHET, 2008).

É preciso ressaltar que os graus de proximidade do demonstrativo já estavam submetidos a flutuações desde o latim, o que terá consequências na configuração dos sistemas de demonstrativos nas línguas românicas. Cambraia e Bianchet (2008) apresentam vários exemplos de uso de *iste* no lugar tanto de *hic* como de *ille*. Essa confusão dos graus de proximidade evidencia que “a ‘revolução’ por que passaria o sistema de demonstrativos do latim para as línguas românicas já tinha sua semente plantada desde épocas pretéritas da história do próprio latim (CAMBRAIA; BIANCHET, 2008).

No português e no espanhol, por exemplo, a mudança de escopo de *iste* para a 1ª pessoa dá origem à forma *este* no português e no espanhol. *Ipse*, pronome de reforço no latim, torna-se forma para a segunda pessoa: *esse* no português e *ese* no espanhol. *Ille* continua ligado à terceira pessoa, mantendo assim o sistema com três graus de proximidade. (CAMBRAIA; BIANCHET, 2008).

Nas línguas galo-românicas, o desaparecimento de *hic* e *is* e a mudança de escopo de *iste* teve como resultado a simplificação do sistema latino para um sistema que opõe um demonstrativo de proximidade (*iste*, que designa o espaço da primeira e segunda pessoas) e

um demonstrativo de distância (*ille*, do que está fora do espaço da primeira e segunda pessoas) (BRUNOT; BRUNEAU, 1949).

Ao analisar dados dos séculos XIV, XV e XVI do português, Teyssier (1990) observou que o sistema ternário advindo do latim teria, também no português – e possivelmente no espanhol –, se simplificado com a mudança de escopo de *iste*, constituindo até o século XV um sistema demonstrativo basicamente binário, simétrico ao sistema de advérbios de lugar (*este/aquele*, *aqui/ali*, *cá/lá*). Embora o demonstrativo *esse* já existisse, seus usos eram restritos e raramente designava a segunda pessoa.

No século XVI, o autor observa um aumento significativo da presença da forma *esse* e a consequente reconstituição do sistema ternário (*este*, *esse*, *aquele*), no entanto, a simetria com os advérbios de lugar é afetada: o surgimento da forma *aí* garante a simetria dos demonstrativos com os advérbios *aqui*, *aí*, *ali*, mas as formas *cá*, *lá* – que designam a direção – mantêm um sistema binário. É pertinente observarmos no Português Brasileiro moderno o surgimento de uma nova tendência ao sistema binário, com predomínio das formas *esse* (perto) e *aquele* (longe). Cambraia e Bianchet (2008, p.31), analisando estudos mais recentes sobre demonstrativos no catalão, occitano, italiano e português, consideram o binarismo de formas uma tendência geral nos sistemas românicos: tal como ocorreu com o francês, o retoromano e o romeno, os demonstrativos das línguas românicas estariam caminhando para um sistema que opõe uma forma vinculada à 1<sup>a</sup>/2<sup>a</sup> pessoa (perto) e outra à 3<sup>a</sup> pessoa (longe).

Pode-se observar que a mudança em um elemento do sistema gera uma reorganização do mesmo numa provável busca de simetria e regularidade, considerada por muitos linguistas uma tendência das línguas em geral. O trabalho de Teyssier (1990) mostra, no entanto, que o desenvolvimento linguístico nem sempre progride linearmente em uma única direção. A dinamicidade da linguagem admite progressões e retornos tais como os discutidos anteriormente, que são condicionados por diferentes fatores de ordem linguística e social que podem afetar o desenvolvimento histórico de uma língua.

A constituição de formas demonstrativas reforçadas também caracteriza as línguas românicas. Já no latim os demonstrativos ocorriam acompanhados por outras formas, mas não há consenso sobre qual teria sido a partícula que teria dado origem às formas reforçadas nas línguas românicas como, por exemplo, *aquele* no português, *quello* no italiano, *acel* no romeno e *celui* no francês. Lausberg (1966) propõe *eccu ille* > *aquele* (port.) e *aquel* (esp.); *eccu istu* > *cet* e *ce* (fr.) e *ecce illu* > *celui* (fr.). Segundo Brunot e Bruneau (1949), *ecce ille* teria originado *cil* (francês arcaico). No francês, o reforço de *ecce* se dissemina também para

as formas derivadas de *iste*: *ecce iste* > *cist* (francês antigo) e *ce(t)*, *cette*, *ces* (francês moderno).

No latim, o uso dessas partículas de reforço junto aos demonstrativos atendia a necessidades estilísticas e de expressividade, perdida sobretudo pelo enfraquecimento do sentido dêitico dessas formas (IORDAN; MANOLIU, 1972). Na maior parte das línguas românicas, o demonstrativo reforçado fixou-se na terceira pessoa. Isso pode ser explicado pelo fato de o demonstrativo latino *ille* ter tomado a função de pronome de 3ª pessoa e de artigo definido nessas línguas, o que enfraqueceu ainda mais seu valor demonstrativo, favorecendo o reforço na função demonstrativa (CAMBRAIA e BIANCHET, 2008).

Segundo Cambraia e Bianchet (2008), apenas o romeno conservou de forma regular o gênero neutro do demonstrativo. As demais línguas apresentam resquícios de neutro ou ausência, como o sardo. No português, no espanhol e no francês, o neutro (resquício) indica geralmente seres inanimados, é invariável em número e apresenta apenas função “substantiva”. No entanto, enquanto no português e no espanhol o neutro correlaciona-se etimologicamente às formas do masculino e do feminino derivadas de *iste* – português m. *este*, f. *esta*, n. *isto* e espanhol m. *este*, f. *esta*, n. *esto* –, no francês o neutro *ceci* (< *ce* + (*i*)*ci*) deriva do latim *ecce hoc* + *ecce hic*.

Na passagem do latim para as línguas românicas ocorre a diferenciação das formas segundo a função do demonstrativo: adjetiva ou “substantiva”. No latim, a mesma forma podia desempenhar ambas as funções, característica que permaneceu no sardo. No entanto, em línguas como o português e o espanhol, os neutros *isto* (port.) e *esto* (esp.) exercem apenas a função “substantiva”, podendo os outros exercer ambas as funções. O francês, por sua vez, apresenta formas distintas para cada gênero em cada função: *cehui* e *celle* assumem a função “substantiva”, *ce* e *cette* a função adjetiva, o neutro *ceci* só aparece na função “substantiva”. No romeno, os três gêneros possuem diferentes formas nas duas funções (CAMBRAIA e BIANCHET, 2008).

A distinção entre usos adjetivos e substantivos de *ille* no latim, teve especial consequência nas línguas românicas: o uso adjetivo deu origem ao artigo definido – *o* (port.), *le* (fr.), *el* (esp.), *lo* (oc.), *il* (reto-rom./ it.), *-(u)l* (rom.); do uso substantivo deu-se a evolução do pronome pessoal de 3ª pessoa – *ele* (port.), *el* (esp./oc./reto-rom./rom.), *il* (fr.) (CAMBRAIA e BIANCHET, 2008).

### 2.4.3 OS DEMONSTRATIVOS NO FRANCÊS

A obra de Dubois e Lagane (1973) nos fornece uma descrição já consagrada do sistema de demonstrativos no francês moderno, que resumimos nos quadros que se seguem:

**Quadro 8: Sistema de adjetivos demonstrativos no francês**

Gênero	Singular		Plural
	masc.	fem.	masc./fem.
<b>1º/2º pessoa (perto)</b>	<i>ce(t) ... (-ci)</i>	<i>cette ... (-ci)</i>	<i>ces ... (-ci)</i>
<b>3º pessoa (longe)</b>	<i>ce(t) ... (-là)</i>	<i>cette ... (-là)</i>	<i>ces ... (là)</i>

Fonte: elaborado pela autora a partir das informações de Dubois e Lagane (1973)

Os adjetivos demonstrativos no francês variam em gênero apenas no singular, no plural apenas uma forma serve tanto para o masculino como para o feminino. *Cet* é usado diante de palavra masculina singular iniciada por vogal ou por *h* mudo. A noção de perto inclui a 1ª e a 2ª pessoas, a de longe a 3ª pessoa, e podem se referir ao espaço ou o tempo, expressando relações mais abstratas. Essa distinção perto/longe é expressa pela junção dos advérbios *-ci* e *-là* depois do nome (*en ce temps-là, les voitures étaient rares*), a morfologia do demonstrativo permanece a mesma. No entanto, muitas vezes, essas partículas são usadas para enfatizar o valor de designação do demonstrativo (*ce travail-là est très intéressant*). Os adjetivos demonstrativos são frequentemente empregados com valor enfático em expressões exclamativas expressando surpresa, indignação, etc. (*ce mensonge! j'ai reçu un de ces savons!*) (DUBOIS; LAGANE, 1973.). No plural, a mesma forma *ces* serve tanto para o masculino como para o feminino.

**Quadro 9: Sistema de pronomes demonstrativos no francês**

Gênero	Singular			Plural	
	masc.	fem.	neutro	masc.	fem.
<b>1º/2º pessoa (perto)</b>	<i>celui(-ci)</i>	<i>celle(-ci)</i>	<i>ceci</i>	<i>ceux(-ci)</i>	<i>celles(-ci)</i>
<b>3º pessoa (longe)</b>	<i>celui(-là)</i>	<i>celle(-là)</i>	<i>cela (ça)</i>	<i>ceux(là)</i>	<i>celles(-là)</i>
<b>Outros pronomes com usos diferenciados</b>			<i>ce (c')</i> ,		

Fonte: elaborado pela autora a partir das informações de Dubois e Lagane (1973)

As formas do pronome demonstrativo no francês variam em gênero (masculino e feminino) e número (*celui/celle, ceux/celles*). As formas do feminino *celle* e *celles* possuem a

mesma pronúncia. A distinção perto/longe é expressa, como nos adjetivos, pela adjunção dos advérbios *-ci* e *-là*. O gênero neutro opõe *ceci* para contextos de proximidade e *cela* para contexto de distanciamento. No entanto, na oralidade, a forma reduzida *ça* pode aparecer em ambos os contextos. Os neutros designam, em geral, nomes não animados e podem remeter também a uma frase ou a uma ideia (*Le temps assombrit. Cela m'inquiète*) (DUBOIS; LAGANE, 1973).

O pronome *ce* (*c'*) remete (ou substitui) a um grupo de palavras, ou mesmo a uma frase inteira, a uma ideia, já expressos (anáfora) ou que virão em seguida (catáfora). Pode ser empregado como sujeito do verbo *être* (*ce serait regrettable*) ou diante de uma proposição relativa ou interrogativa indireta que o completa (*ce que tu dis est intéressant*). Nesses usos não há distinção perto/longe. Em alguns contextos, *ce* forma com o verbo *être* uma locução (*c'est*) que serve para apresentar ou para dar ênfase a um elemento da frase. Nesse caso, ele perde seu valor de pronome: *Qui est le responsable? – C'est moi* (DUBOIS; LAGANE, 1973).

O sistema atual dos demonstrativos do francês apresentado acima é resultante de diversos processos de mudança pelos quais passou a língua francesa em seu desenvolvimento histórico desde o latim. A primeira mudança foi a simplificação do sistema latino com três graus de proximidade para um sistema com apenas dois: as formas derivadas de *iste* designam o perto (1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoas) e as derivadas de *ille* o longe. Desta forma, no francês arcaico as formas *cist*, *ceste*, *cestui*, *cesti*, etc. se opõem às formas *cil*, *cele*, *celui*, *celi*, etc. Até o século XVI, essas formas apresentavam declinação de caso<sup>27</sup> e podiam ser usadas indiferentemente nas funções de adjetivo e de pronome, tal como no latim (BRUNOT; BRUNEAU, 1949).

Segundo Brunot e Bruneau (1949), a queda das declinações e a atribuição de estigma a alguns usos do demonstrativo contribuíram para o desaparecimento de muitas dessas formas. No século XVI, começa a se delinear um sistema de adjetivos demonstrativos distinto do sistema de pronomes. O mesmo processo é observado no sistema de possessivos, o que parece revelar uma tendência profunda da língua (BRUNOT; BRUNEAU, 1949, p.256). A partir desse momento, observa-se, na classe dos pronomes demonstrativos, um domínio das formas derivadas de *ille* (*ecce ille* = *celui*, *celle*, etc) e o desaparecimento das formas derivadas de *iste*. Segundo os autores anteriormente citados, as formas derivadas de *ille* possuíam um valor expressivo particular, o que explicaria sua preferência.

---

<sup>27</sup> Para mais informações sobre o sistema de demonstrativos no francês arcaico ver Brunot e Bruneau (1949), a partir da p.245.

Na função adjetiva, prevaleceram as formas derivadas de *iste*: *ce(t)*, *cette*, *ces*. O neutro *ço*, *ce* (do latim *\*ecce hoc*) no francês arcaico era uma forma acentuada e apresentava usos diversos dos atuais. Ao tornar-se inacentuado, *ce* foi substituído por *cela* na função de pronome, exceto em locuções arcaicas. *Cela* (XIV) deu origem a *ça* (XVII). *Ceci* (XIV) deu origem a *ci* na expressão *comme ci, comme ça* (XIX) (BLOCH; WARTBURG, 1950). No francês moderno o uso de *ce* possui várias restrições sintáticas, como já comentamos anteriormente, tal como a de não ser permitido na função de objeto. *Cela* e *ça*, por sua vez, possuem maior liberdade dentro da frase.

A junção dos advérbios *-ci* (< *ecce hic*) e *-là* (< *illāc*) a partir dos séculos XIV e XV surge como uma maneira de compensar o desaparecimento da oposição entre as formas derivadas de *iste* e as derivadas de *ille* e de manter o sistema bigradual (perto X longe) (BLOCH; WARTBURG, 1950). Os advérbios já apareciam associados aos demonstrativos desde o latim e tinham como função marcar o lugar onde se está, o lugar para onde se vai, de onde se vem ou pelo qual se passa (MEILLET; VENDRYES, 1966).

#### 2.4.4 OS DEMONSTRATIVOS NO FRANCOPROVENÇAL

Apresentaremos agora uma descrição supradialetal dos demonstrativos no francoprovençal – que busca retratar a língua como um todo –, baseada na obra de Stich (1998, 2001 e 2003). Esse autor foi o primeiro a tratar a língua francoprovençal em sua globalidade sem negar seu aspecto dialetal. A grafia supradialetal parte dos pontos comuns das diferentes variantes ou *patois*, e apresenta-se como um ponto de referência, mais do que como uma tentativa de suplantar as grafias locais. No próximo capítulo apresentaremos o sistema dos demonstrativos no *bressan*, variante focalizada na presente pesquisa.

Partindo da descrição de Stich, pudemos verificar que a formação do sistema de demonstrativos do francoprovençal passou por mudanças similares às ocorridas no francês e no português do século XIV (conforme descrição de Teyssier, 1990), descritas anteriormente. O sistema ternário latino é simplificado, dando origem a um sistema binário que opõe de um lado 1ª e 2ª pessoas (perto) e de outro 3ª pessoa (longe). No entanto, no francoprovençal essa oposição se expressa tanto na junção de advérbios de lugar (como no francês *-ci* e *-là*), quanto na conservação de duas formas diferentes do demonstrativo, uma derivada de *iste* e outra de *ille*. O sistema dos demonstrativos no francoprovençal é dividido em adjetivos e pronomes e a morfologia segue dois padrões: *c-* e *(i)qu-*. No entanto, diferentemente do francês, em muitos

dialetos do francoprovençal a morfologia de adjetivos e pronomes demonstrativos coincidem, ou seja, uma mesma palavra pode ser usada tanto na função adjetiva como na pronominal.

Do ponto de vista semântico, os demonstrativos no francoprovençal expressam a proximidade ou o distanciamento espacial. A extensão do domínio espacial para o temporal é frequente e as noções de perto/longe passam a designar tempo presente/tempo passado, através de um processo de abstração da noção de distancia espacial. Organizamos nos quadros seguintes as informações extraídas de Stich (2001).

**Quadro 10: Sistema de adjetivos demonstrativos no francoprovençal**

Gênero	Singular		Plural	
	masc.	fem.	masc.	fem.
<b>1ª/2ª pessoa (perto)</b>	<i>cet(i)</i>	<i>ceta</i>	<i>cetos</i>	<i>chetes</i>
<b>3ª pessoa (longe)</b>	<i>cél/quél</i>	<i>cela/quela</i>	<i>celos/quelos</i>	<i>celes/queles</i>

Fonte: elaborado pela autora a partir das informações de Stich (2001)

**Quadro 11: Sistema de pronomes demonstrativos no francoprovençal**

Gênero	Singular			Plural	
	masc.	fem.	neutro	masc.	fem.
<b>1ª/2ª pessoa (perto)</b>	<i>ceti</i>	<i>ceta</i>	<i>ço, c'</i>	<i>cetor/cetos</i>	<i>chetes</i>
<b>3ª pessoa (longe)</b>	<i>cél, celi/ quél, queli</i>	<i>cela/quela</i>	<i>cen, (i)quen</i>	<i>celor, celos/ quelor, quelos</i>	<i>celes/queles</i>

Fonte: elaborado pela autora a partir das informações de Stich (2001)

As formas derivadas de *iste* (*ceti, ceta, cetor/cetos, chetes*) se especializaram na referência espacial de maior proximidade (perto) e na referência temporal do presente, e compreendem as 1ª e 2ª pessoas. As derivadas de *ille* (*cél, celi/ quél, queli; cela/quela; celor, celos/ quelor, quelos; celes/queles*) se especializaram na referência espacial de maior distanciamento (longe) e na referência temporal do passado (3ª pessoa). Usos mais abstratos também são frequentes, sobretudo do neutro na função anafórica, que pode se referir a toda uma ideia expressa anteriormente.

É significativo observar que as formas femininas do adjetivo e do pronome coincidem, ou seja, as mesmas formas do singular e do plural podem ser usadas tanto como adjetivo quanto como pronome. No masculino, por outro lado, podemos observar que as formas *celi, queli* e *celor, quelor* são exclusivamente pronomes, enquanto as demais exercem ambas as funções. O neutro também está presente apenas na função pronominal e alterna com

o pronome pessoal neutro (*il, o, i, etc.*) em contextos como *il/o est pas possiblo* – em francês usa-se o demonstrativo *ce n'est pas possible* (STICH, 2003).

No francoprovençal é possível a junção dos advérbios aos demonstrativos, cuja função é precisar o posicionamento do objeto no espaço ou no tempo, ou dentro do texto, no caso da anáfora/catáfora. Apresentamos em seguida o sistema de advérbios de lugar.

**Quadro 12: Sistema de advérbios de lugar no francoprovençal**

	<b>Perto</b>	<b>Longe</b>
<b>Advérbios de</b>	(i)cé, ce; -ce/-cé	(i)lé; -lé
<b>lugar</b>	i(n)qué, (i)qué; -que	i(n)que, (i)qué, inqué; -que/-qué

Fonte: elaborado pela autora a partir das informações de Stich (2003)

Os advérbios de lugar podem aparecer ligados ao demonstrativo ou à palavra que ele determina por meio de hífen, como em *ço-ce* (fr. *ceci*), *cen-lé* (fr. *cela*), *celes-ce* (fr. *celles-ci*), etc. Pode-se observar que algumas formas do advérbio aparecem tanto na coluna “perto” como na “longe”. Isso revela o caráter flutuante dessas noções. Destaquemos que, também no francês, o advérbio *là* é usado em muitos contextos com o sentido de “aqui”. No francoprovençal, embora a oposição *cé/lé* se mantenha, as formas em *(i)qu-* podem expressar tanto a proximidade como o distanciamento. Esse tema será melhor discutido na análise de dados do *bressan*.

Em alguns dialetos, os demonstrativos são acentuados na primeira sílaba, mas na grande maioria o acento encontra-se na última sílaba, fato que provocou o enfraquecimento do *e* seguinte ao *c* (*celi, ceti*, etc) que, deixando de ser pronunciado, deu origem às grafias *sta*, *chta* ou *çta*; *slé* ou *çlé*; *sto* ou *steu*, etc (STICH, 1998 e 2003). No que diz respeito à pronúncia dos demonstrativos nos diversos dialetos, Stich (2003) observou uma grande variabilidade: *sti*, *sto/steu*, *sta* e *sté*, para as formas derivadas de *iste*; *sé*, *slo/sleu*, *sla* e *slé*, para as derivadas de *ille*, entre outras.

Temos, portanto, um sistema supra-dialetal dos demonstrativos relativamente simétrico: um sistema binário que opõem as formas derivadas de *iste* às formas derivadas de *ille*, tanto na função pronominal como na adjetiva. Os advérbios de lugar também se opõem binariamente, embora algumas formas possam expressar tanto o perto como o longe. Podemos destacar a fixação do neutro apenas na função pronominal, fato ocorrido em outras línguas românicas como o próprio francês, o português e o espanhol. Os pronomes se distinguem também por apresentarem formas exclusivamente pronominais no masculino.

No entanto, quando observamos um *patois* específico, percebemos que a situação dos demonstrativos pode ser bem diferente. A variedade de formas e de usos podem revelar trajetórias diferentes na evolução do sistema, principalmente por tratar-se de uma língua minoritária que nunca tinha sido padronizada ou normatizada, e que é fortemente pressionada pela língua majoritária dominante, o francês. Além disso, há de se levar em conta a importância da história do contato linguístico na região: além do francês, os diversos *patois* francoprovençais tiveram contato com dialetos occitanos, dialetos da região da *langue d'oïl* e com o italiano, no Vale d'Aosta.

Parte dessa variabilidade de formas dos demonstrativos pode ser remetida à origem latina. Primeiramente, podemos destacar que os demonstrativos no francoprovençal apresentam formas derivadas do prefixo latino *ecce*, como ocorre com o francês, e do prefixo *\*accu-*<sup>28</sup> (de origem obscura), também presente em occitano, daí os dois padrões morfológicos em *c-* e *(i)qu-*, conforme Stich (2001 e 2003). Segundo Stich (2001), *\*accu-* está presente em uma franja à oeste e à sul do domínio, próxima à área do occitano, e onde se encontram as cidades de Saint-Etienne e Grenoble. Ambos os prefixos também foram produtivos no occitano e sua combinação com *iste* e *ille* deu origem a um sistema com três graus de proximidade: 1ª pessoa *aiceste*, 2ª *aqueste*, 3ª *aquel* (STICH, 2001).

As formas em *-or*, pouco frequentes, derivam de *ecce istorum/ecce illorum* e são paralelas ao pronome *lor* (fr. *leur*) e ao italiano *coloro*, equivalente ao fr. *celui* (*ce + lui*). Os neutros *cen* (de *ecce inde*) e *(i)quen* (de *\*accu-inde*) representam um traço distintivo do francoprovençal no interior do grupo galo-românico.

No dicionário de Ravanat (1911) a variabilidade de formas para os demonstrativos é ainda maior, refletindo o caráter dialetal e fragmentário do domínio francoprovençal. Essa variabilidade pode expressar uma variação morfológica, de pronúncia ou apenas gráfica. A diversidade de formas do neutro merece destaque: *içon*, *iguen*, *isson* e *tien* equivalem ao francês *ceci/cela/ça*; as formas *e*, *è* também são traduzidas por *ceci/cela* ou *ce*; a forma *é* é pronome pessoal neutro, equivalente ao *il* do francês. As formas dos advérbios de lugar também nos interessa bastante: *itié/ityi/itiè* são variantes de *iqui* (*ici/là*) e aparecem junto ao demonstrativo como em *queutiè* (*celui-ci*). Encontramos formas similares no *corpus* desta pesquisa e as discutiremos no próximo capítulo.

---

<sup>28</sup> Lembramos que não há consenso sobre qual teria sido a partícula originária das formas reforçadas nas línguas românicas. Lausberg (1966), como já discutimos anteriormente, acreditava tratar-se das partículas *ecce* e *eccu*.

### TERCEIRO CAPÍTULO – OS DEMONSTRATIVOS NO *BRESSAN*

A partir da bibliografia sobre os demonstrativos discutida anteriormente e tendo em vista as características desse sistema no francoprovençal discutidas na seção 2.4.4, desenvolvemos a seguinte classificação para a descrição e análise dos dados do *bressan*:

**Quadro 13: Classificação elaborada para análise dos demonstrativos**

	Morfologia	Sintaxe	Semântica				
			Referência		Definido	Enfático	
Elementos Fóricos	origem latina gênero (masc., fem.) número (sing., plur.)		exofórica (dêitica)	pessoal	+/-	+/-	
				espaçial	+/-	+/-	
				temporal	+/-	+/-	
	classe: adjetivo ----- pronomes		modificador ----- núcleo do SN	endofórica	anáfora	+/-	+/-
					catáfora	+/-	+/-
					ana-catáfora	+/-	+/-
		endo-exofórica	-	+/-	+/-		

Fonte: elaborado pela autora.

A análise dos dados do *bressan* buscou identificar e descrever as características morfológicas, sintáticas e semânticas dos demonstrativos. No que tange à morfologia, observamos questões relacionadas à origem latina, ao gênero (masculino e feminino) e ao número (singular e plural), que se mostraram relevantes na configuração do sistema de demonstrativos. No campo sintático, descrevemos a relação entre a função do demonstrativo na sentença (modificador ou núcleo do sintagma nominal) e a classe do demonstrativo (se adjetivo ou pronome), visto que no francoprovençal e em outras línguas românicas as formas se diferenciaram de acordo com a função sintática, apresentando características e usos diferenciados. No domínio semântico analisamos os itens quanto ao seu valor referencial: o tipo de referência, se exofórica, endofórica ou dupla (endo-exofórica, quando o referente está tanto no texto como no espaço físico onde está o falante).

Observou-se ainda que, em alguns casos, o item referencial aponta para algo, no universo dêitico ou textual, que não é possível definir claramente. A esses casos foi adicionado o traço [-definido], em oposição aos [+definidos]. Algumas ocorrências apresentaram um caráter enfático associado à sua função referencial, o que também foi observado por Dubois e Lagane (1973) nos usos dos demonstrativos do francês e que também

é frequente no português e em outras línguas românicas. Esse traço, de caráter supra-segmental, foi classificado como [+ ou - enfático] e, como veremos, mostrou-se relevante na análise dos dados do *bressan*.

A referência exofórica ou dêitica se subdivide em pessoal, quando expressa distinção entre falante (primeira pessoa), interlocutor (segunda pessoa) e não falante/interlocutor (terceira pessoa); espacial, quando especifica a posição de algum objeto ou pessoa em relação aos participantes da comunicação; e temporal, quando o demonstrativo expressa tempo (passado/presente/futuro) em relação ao momento da enunciação, geralmente acompanhado de palavras que denotam tempo. A referência endofórica se subdivide em anáfora, quando remete a algo dito anteriormente, catáfora, quando remete a algo que virá em seguida e ana-catáfora, quando o referente aparece tanto antes como depois do demonstrativo.

Recorremos ainda à metodologia empregada por Teyssier (1990) em sua análise do sistema de dêiticos espaciais no português. O autor leva em conta a frequência das formas em relação à origem latina (quais são as formas mais produtivas), em relação aos sentidos que expressam (oposição perto/longe, primeira/segunda/terceira pessoas, presente/passado) e em relação ao tipo de referência (se exofórica, endofórica ou dupla). Embora não tenhamos feito uma análise quantitativa, a observação das frequências nos permitiu identificar tendências de uso de determinadas formas, o que enriqueceu a interpretação dos dados.

Na análise dos dados, identificamos as seguintes formas e frequências dos demonstrativos no *patois bressan*:

**Tabela 1: Morfologia e frequência das formas do demonstrativo no *bressan***

origem latina	<i>ecce iste</i>	<i>ecce ille</i>	<i>ecce hoc</i>	outras	total geral
	chti: 8 (cht': 4) = 12 chta: 1 (cht': 5) = 6	chli: 61 chla: 41 chle(j): 16 chlé(j): 28	che: 35	é: 59 y: 12	
formas em <i>-tye</i>		chlitye: 4 chlatye: 1 chletye: 2 sétye: 13	sètye: 97		
total parcial	18	166	132	71	387

Fonte: dados analisados

Como pode-se observar, as formas derivadas do latim *ecce ille* são mais produtivas e bastante frequentes. Apenas *chti* e *chta* (*cht'* antes de palavra iniciada por som vocálico) derivam claramente de *ecce iste* e só aparecem 18 vezes no *corpus* analisado. Este fato não parece dever-se ao acaso, mas sim a características intrínsecas à forma latina *ille* – as

flexões de gênero e número, o emprego adjetivo e substantivo e as referências intra e extra textuais, conforme Penna (1998) – que a tornaram tão produtiva na passagem para as línguas românicas, dando origem, além dos demonstrativos, aos artigos definidos e ao pronome pessoal de terceira pessoa. Segundo Brunot e Bruneau (1949), as formas derivadas de *ille* possuíam um valor expressivo particular, o que explicaria sua predominância no sistema de pronomes demonstrativos do francês e o desaparecimento das formas derivadas de *iste*.

*Sétye*, pronome demonstrativo masculino plural, parece ter-se originado de *ecce ille*, como é o caso do francês *ceux* (*ecce illos*). O *t* de *sétye* pertence à forma *-tye*, originalmente um advérbio, que se uniu ao *sé*. *Ecce hoc* originou *che* e *sètye* (*ecce hoc + tye*), formas do neutro. *Sètye* ocorre 97 vezes, sendo a forma mais frequente do *corpus*. *É* e *y* são formas bastante polissêmicas que assumem função de demonstrativos neutros em contextos específicos. É interessante observar que outras formas também terminam em *-tye*, elas serão detalhadamente analisadas no decorrer deste estudo. Passemos agora à análise dos usos e funções dessas formas.

Nas duas próximas seções trabalharemos essas formas de acordo com sua função: primeiro os adjetivos (modificadores) e posteriormente os pronomes (núcleo do SN).

### 3.1 OS ADJETIVOS DEMONSTRATIVOS

Na primeira análise dos dados do *bressan*, tendo em vista o sistema supradialetal do francoprovençal, o sistema do francês e a herança latina, chegamos ao seguinte sistema de adjetivos demonstrativos:

**Quadro 14: Sistema de adjetivos demonstrativos no *bressan***

grau de distanciamento espaço-temporal	Singular		Plural	
	masc.	fem.	masc.	fem.
1 <sup>a</sup> /2 <sup>a</sup> pessoa (perto ou presente)	chti (chtʷ)	chta (chtʷ)	chlé (chléj)	chle (chlej)
3 <sup>a</sup> pessoa (longe ou passado)	chli	chla		

Fonte: dados analisados

Foram identificadas 164 ocorrências de adjetivos demonstrativos no *corpus* (164/387, 42%). Como se vê no quadro 14, no *bressan* os adjetivos demonstrativos possuem formas diferentes para o masculino e o feminino e para o singular e o plural. A distinção entre 1<sup>a</sup>/2<sup>a</sup> pessoas e a 3<sup>a</sup> pessoa só aparece no singular. Essa distinção parecia, a princípio, relaciona-se à noção espacial (perto/longe) que tem como referência a 1<sup>a</sup>/2<sup>a</sup> pessoas de um

lado e a 3ª de outro, e à noção de tempo (presente e passado), conforme as classificações de Trask (2004) e de Beccaria (1994).

Quanto à morfologia do adjetivo demonstrativo, podemos observar que as formas do singular seguiram a evolução supradialetal proposta por Stich (1998, 2001 e 2003) (*ecce iste, ecce ille*, etc.). No plural, fixou-se a forma derivada de *ecce ille* > *chlé, chle*, onde *ille* segue o mesmo padrão de desenvolvimento do artigo definido plural de alguns *patois* (*lé* para o masculino e *le* para o feminino). A queda do *e* que segue o *c* da evolução geral e a palatalização do *c* (*ceti* > *chti*) podem ser explicadas pelo fato de a tonicidade recair na última sílaba (STICH, 2001). O adjetivo demonstrativo funciona sempre como modificador do substantivo no sintagma nominal e posiciona-se sempre à esquerda desse, admitindo a interposição de adjetivos, numerais, etc.

Uma análise mais detalhada dos usos das diferentes formas do adjetivo demonstrativo revelou, no entanto, uma configuração do sistema diferente da apresentada no quadro 14. Vejamos a seguir algumas ocorrências – abaixo de cada ocorrência glosamos o sintagma nominal em que ocorre o demonstrativo, seguido de uma tradução *mot à mot* para o francês (o ifem separa as palavras do francês correspondentes a cada palavra do *bressan*, sendo que as estruturas unidas por elisão foram mantidas juntas) e uma tradução livre em português. A vogal tônica das palavras paroxítonas do *bressan* foi sublinhada:

(1) Ye-teu pe vou [**chli** pyanô] que vin d'arevô? (T18.7)<sup>29</sup>

[dem. masc. sing + subst. masc. sing]

*C'est∅ - pour - vous - ce - piano - qui - vient - d'arriver?*

*(É para você aquele piano que acabou de chegar?)*

(2) L'on nchaca [**chlé** vyo mēublo]! (T11.6a)

[dem. masc. plural + adj. masc. sem marca de plural + subst. masc. sem marca de plural.]

*Ils - ont - quelque chose - ces - vieux - meubles!*

*(Eles têm charme, esses móveis velhos!)*

(3) Zhe si èbétô pe [**chla** peuvra fēna]... (T46.8b)

[dem. fem. sing. + adj. fem. sing. + subst. fem. sing.]

*Je - suis - embété - pour - cette - pauvre - dame...*

*(Estou aborrecido por aquela pobre senhora...)*

(4) Quemédô-me yēna de [**chle** ptēte sharete] pe lé bouato (...). (T19.14)

<sup>29</sup> T18.7, leia-se: Tintim página 18, 7º quadrinho.

[dem. fem. plural + adj. fem. plur. + subst. fem. plur.]

*Commandez-moi - une - de - ces - petites - voitures - pour - les - invalides (...).*

*(Encomende-me uma dessas cadeiras para inválidos)*

Podemos observar que no *bressan* os substantivos e adjetivos masculinos não ganham marca de número (nem na fala, nem na grafia). Os substantivos e adjetivos femininos terminados em *a* tomam um *e* no plural: *shareta* → *sharete*, *pteta* → *ptete*. A identificação do gênero dos substantivos analisados pautou-se na consulta a dicionários do francoprovençal e ao glossário da própria revista em quadrinhos.

Nas ocorrências (2) e (4), os demonstrativos masculino plural *chlé* (*chléj* diante de vogal) e feminino plural *chle* (*chlej* diante de vogal) não fazem distinção perto/longe. Nos exemplos (1) e (3), *chli/chla* parecem expressar a distância com relação às 1ª e 2ª pessoas, visto que nas imagens tanto o “piano” como a “senhora” estão ausentes ou longe dos personagens. Observou-se, no entanto, que *chli/chla* ocorrem em contextos de proximidade, como pode-se observar na ocorrência abaixo, da qual reproduzimos o quadrinho.

**Figura 4: Trecho da revista *Léj avatar de Tintin: Lé pèguelyon de la Castafiore***



Fonte: Hergé (2006, p.9)

- Alors, j'ai songé à vous offrir euh...

*(Então, eu pensei em lhe oferecer...)*

- Voici, madame.

*(Aqui, madame)*

- ... ce - perroquet - qui - vient - des - pays - chauds, - qui - sera - bientôt - attaché - à - vous.

*(..este papagaio que vem dos países quentes, que logo estará apegado ao senhor).*

Na ocorrência anterior, como podemos observar na figura, *chli* é utilizado em contexto de proximidade – refere-se a *pérouquë*, o papagaio que está perto dos dois personagens que conversam (1ª e 2ª pessoas).

(5) ... [**chli** pérouquë] que vin dé pahi shô... (T9.8)

[dem. masc. sing + subst. masc. sing.]

Observou-se ainda, conforme a tabela 1, que as formas adjetivas derivadas de *ecce iste*, *chti*, *chta*, *cht'*, eram muito menos frequentes (18 ocorrências, 10,9% do total das ocorrências na função de adjetivo) do que as derivadas de *ecce ille*: *chli*, *chla*, *chlé*, *chle* (146 ocorrências, 89,1%). A partir desta observação, reanalisamos cada ocorrência de *chti/chta/cht'*. Vejamos primeiramente as 9 ocorrências de *chti/chta*:

(6) Dézhya a l'euvra, [**chti** matin]... (T20.9a)

[dem. masc. sing. + subst. masc. sing.]

*Déjà - au - travail, - ce - matin...*

*(Já no trabalho, esta manhã...)*

(7) É fa fré [**chti** matin]... (T22.7)

[dem. masc. sing. + subst. masc. sing.]

*Il - fait - frais - ce - matin...*

*(Está fresco esta manhã)*

(8) Euh... non, l'e parti depi [**chti** matin]... (T26.3)

[dem. masc. sing. + subst. masc. sing.]

*Euh... - non, - il est - parti - depuis - ce - matin...*

*(Euh... non, ele partiu esta manhã...)*

(9) Mé compézhe, nouj in [**chti** cha] la grè chonsa d'étrou ressu pe la fameuza shètyoza (...) (T31.10a)<sup>30</sup>

[dem. masc. sing. + subst. masc. sing.]

*Mes - compagnons, - nous - avons - Ø - ce - soir - le - grand - privilège - d'être - reçus - par - la - célèbre - cantatrice (...)*

*(Meus companheiros, nós temos esta noite o grande privilégio de sermos recebidos pela célebre cantora (...))*

(10) [**Chti** cha], y a la fameuza émessyon “Tou lou mondou è côje”... (T48.7)

[dem. masc. sing. + subst. masc. sing.]

*Ce - soir, - il y - a - la - fameuse - émission - “Tout le monde en cause”...*

<sup>30</sup> Esta ocorrência se repete duas vezes no *corpus*.

*(Esta noite, tem a famosa emissão “Todo o mundo em questão”...)*

- (11) ...Pe neutra valya de [**chti** cha], nou velon vou conquyétô pe n'èfelô de repourtazhou su.. (T48.10)

[dem. masc. sing. + subst. masc. sing.]

*...Pour - notre - programme - de - ce - soir, - nous - voulons - vous - inviter - pour - une série - de - reportages - sur...*

*(Para nosso programa desta noite, nós queremos convidar vocês para uma série de reportagens sobre...)*

- (12) De toute fachon, [**chti** cha] zhe chezhë u greni: é fô suivre toute le tralye... (T53.10)

[dem. masc. sing. + subst. masc. sing.]

*De - toute - façon, - ce - soir - je - serais - au - grenier: - il - faut - suivre - toutes - les - pistes...*

*(De toda forma, esta noite eu estarei no sótão: é preciso seguir todas as pistas...)*

- (13) Preca, lya la, me racontôve che qu'ève arevô [**chta** né]! (T17.4c)

[dem. fem. sing. + subst. fem. sing.]

*Car - elle, - là, me - racontait - ce - qui - (s)'était - arrivé - cette - nuit!*

*(Pois ela, aqui, me contou o que aconteceu esta madrugada)*

Podemos observar que todas as ocorrências de *chti/chta* aparecem junto a palavras que denotam tempo (traço [+tempo]: manhã, noite, madrugada), expressando portanto a noção exofórica de tempo. A análise do contexto permite afirmar tratar-se de um tempo presente (hoje): *chti matin* (esta manhã de hoje), *chti cha* (esta noite), etc.

Fomos buscar, então, casos de *chli/chla/chlé/chle* com noção de tempo e identificamos 14 ocorrências. Dessas, 3 possuem sentido endofórico e serão analisadas posteriormente, e 11 possuem sentido exofórico temporal, tal como o identificado nas ocorrências de *chti/chta*, sendo que 8 se referem claramente ao tempo passado, apenas duas referem-se ao presente e uma foi considerada ambígua. Em 6 ocorrências dessas 11 temos a voz do narrador que aparece para dar alguma indicação de tempo ou de simultaneidade entre as ações. Vejamos:

- (14) É [**chla** né-tyë]... (T14.14)

[dem. fem. sing. + subst. fem. sing. + adv.]

*Et - cette - nuit-là...*

*(E naquela noite mesma...)*

- (15) Pèdè [**chli** té]... (T13.7) (esta ocorrência se repete mais 4 vezes no decorrer da história)

[dem. masc. sing. + subst. masc. sing.]

*Pendant - ce - temps...*  
*(Durante aquele tempo...)*

Em geral, a voz do narrador faz referência à cena do quadrinho anterior que acontece ao mesmo tempo que a ação do quadrinho introduzida por (14) e (15), mas em outro lugar. Em (14) temos a junção do advérbio *tyě*, que parece enfatizar o acontecimento representado no quadrinho – este ponto será desenvolvido em breve. Nas demais intervenções do narrador foi possível observar que ele quase sempre utiliza o tempo passado.

Nas ocorrências (16) e (17) também podemos perceber a referência ao tempo passado.

(16) Oua, [**chli** prin té] ne pouvě pô dezhô... (T7.4)  
 [dem. masc. sing. + adj. inv. + subst. masc. sing.]  
*Oui, ce - beau - temps - ne - pouvait - pas - durer...*  
*(Sim, aquele tempo bom não podia durar...)*

(17) Vou sète bin qu'a [**chli** moumè], l'èquéta a montrô qu'i (...) (T38.4a)  
 [dem. masc. sing. + subst. masc. sing.]  
*Vous - savez - bien - qu'à - ce - moment, - l'enquête - a - démontré - qu'il (...)*  
*(Você sabe bem que naquele momento, a investigação mostrou que ele (...))*

Em (16) *chli* refere-se *prin té*, localizado no tempo passado, visto que o personagem que diz essa fala pensa que está chovendo no momento e que o tempo bom anterior tivesse passado. Além disso, ele utiliza o verbo no passado imperfeito (*pouvě*). Em (17), *chli moumè* se refere a um momento passado quando a investigação sobre o roubo da esmeralda começou – *l'èquéta a montrô* também está no passado.

Encontramos também uma ocorrência da forma do plural *chlé* com sentido temporal, mas essa ocorrência foi considerada ambígua, pois não é possível identificar com certeza se ela expressa tempo presente ou passado. Como as formas do plural são ambas derivadas de *ille*, essa oposição não se expressaria na morfologia e talvez nem esteja em jogo neste contexto. Vejamos:

(18) Pe l'assurèssa, que ta Castanyeta ne ch'è fache pô: zh'é dyo m'èn alô du pahi [**chlé** zhou-tyě], mé n'ébleyou pô... (T26.9a)  
 [dem. masc. plur. + subst. masc. sem marca de plural + adv.]

*Pour - l'assurance, - que - ta - Castagnette - ne - s'en - fasse - pas: - j'ai - dû - m'en - aller - du - pays - ces - jours-ci, - mais - je - n'oublie - pas...*

*(A respeito do seguro, que sua Castafiorinha não se preocupe, eu tive que deixar a região esses dias, mas não esqueci...)*

Em (18), o contexto e a imagem do quadrinho não permitem definir se o personagem viajou e já voltou (o que indicaria tempo passado) ou se ainda está viajando (o que indicaria tempo presente). A versão em francês, apesar de começar o período com tempo passado (*j'ai dû*) utiliza a forma que indica presente *ces jours-ci*. No *bressan*, a ambiguidade do advérbio *tyë*, que pode significar tanto “aqui” como “lá”, também contribui para a imprecisão do tempo – deve-se levar em conta que estamos analisando uma língua da qual não somos falantes nativos e algumas nuances podem fatalmente nos escapar.

Apresentamos em seguida as ocorrências de *chli* que referem-se ao tempo presente.

(19) (...) la grè shètyoza italyena Bianca Castafiori, réste è [chli moumè] dè neutron pahi. (T49.8)

[dem. masc. sing. + subst. masc. sing.]

*(...) la - grande - cantatrice - italienne, - Bianca - Castafiore, - reste - en - ce - moment - dans - notre - pays.*

*(a grande cantora italiana, Bianca Castafiore, permanece neste momento em nossa região)*

(20) ...zh'é la mon que trèble greu pe vou dezhe quèque meu u nyon de sétte de la fèfara de L'Ônizhe, pe vou dezhe lou plézi que nouj in tui pe [chli grè moumè] dè lou pahi... (T30.2b)

[dem. masc. song. + adj. masc. sing. + subst. masc. sing.]

*...j'ai - la - main - qui - tremble - trop - pour - vous - dire - quelques - mots - au - nom - de - ceux - de - la - fanfare - de - Moulinsart, - pour - vous - dire - le - plaisir - de - nous - tous - pour - ce - grand - moment - dans - le - pays...*

*(...é com as mãos trêmulas de emoção que vos digo algumas palavras em nome daqueles da Fanfarra de Moulinsart, para vos dizer o prazer de nós todos por este grande momento na região...)*

Em (19) e (20) temos claramente a referência ao tempo presente “neste momento”, “agora”.

Apesar do caso anterior, a maioria das ocorrências de *chli/chla* com referência exofórica temporal (80%) refere-se ao passado. Essas ocorrências revelam portanto, que a oposição entre as formas derivadas de *iste* e as derivadas de *ille* se mantém nesse contexto. É importante explicitar que no glossário da revista em quadrinhos, essa oposição já está indicada:

CHLA: (adj. dém.) *cette*. *Chla né*, *cette nuit* (aujourd'hui). *Chla né*, *cette nuit-là* (dans le passé).

Esta noite (hoje)

Aquela noite (no passado)

*Chti/chta* aparecem também na forma elidida *cht'* diante de palavra iniciada por vogal em 9 ocorrências. Observamos, no entanto, que em nenhuma dessas ocorrências foi identificada a referência temporal, apenas a dêitica espacial, a endofórica ou a endo-exofórica. Notamos também que as formas *chli/chla* não se elidem e não aparecem diante de palavras iniciadas por vogal. Concluimos, então, que *cht'* apresenta os mesmos usos de *chli/chla*, em contextos fonéticos iniciados por vogal que, por questões prosódicas, não podem ser ocupados por *chli/chla*. Excetuando-se os contextos com sentido dêitico temporal, *chli/chla* e *cht'* (diante de contexto fonético vocálico) não marcam o distanciamento e podem ser usadas também em contextos de proximidade, tal como as formas do plural *chlé/chle*. A noção espacial perto/longe será explicitada no contexto.

Propomos, então, uma nova configuração do sistema de adjetivos demonstrativos em função exofórica no *bressan*:

**Quadro 15: Adjetivos demonstrativos do *bressan* na função exofórica**

exófora		Singular		Plural	
		masc.	fem.	masc.	fem.
<b>Espacial</b>	<b>perto/longe/ausente</b>	chli / cht' diante de vogal	chla / cht' diante de vogal	chlé(j)	chle(j)
<b>Temporal</b>	<b>passado</b>	chli	chla		
	<b>presente (hoje)</b>	chti	chta		

Fonte: dados analisados.

Quando *chli/chla* e *chti/chta* são dêiticos com sentido temporal (dêixis temporal) temos a oposição presente/passado expressa na morfologia do demonstrativo. No contexto dêitico espacial não há marcação do grau de distanciamento ou da pessoa do discurso (dêixis pessoal). *Chli/chla* são usados em contexto de proximidade, distanciamento ou referente ausente (quando fala-se de algo existente no mundo extralinguístico, mas que não está presente no contexto do falante), e alterna com *cht'* diante de palavra iniciada por vogal. Vejamos mais alguns exemplos do uso dêitico:

(21) É n'e pô que [chli pèguelyon-tyë] ache na grè valëur: é lamè na bricoula. (T25.5b)

[dem. masc. sing. + subst. masc. sing. + adv.]

*Ce - n'est - pas - que - ce - collier-ci - ait - une - grande - valeur: - c'est - seulement - un - bijou de fantasia.*

(*Não é que este colar aqui tenha um grande valor: é apenas uma bijuteria.*)

(22) (...) Mé a qui-teu qu'é don [cht'eutra vetezha]? (T16.17b)

[dem. fem. sing. + adj. fem. sing. + subst. fem. sing.]

*Mais - à - qui - est - donc - cette autre - voiture?*

(*Contexto expandido: Olha, é o médico que está partindo: ele deve ter vindo por causa do gesso do capitão.*

*Mas de quem é então aquele outro carro?)*

**Figura 5: Trecho da revista *Léj avatar de Tintin: Lé pèguelyon de la Castafiore***



Fonte: Hergé (2006, p.16)

(23) Vtye réglô l'afêzhe dé pèguelyon... N'èpêshe que la cavalô de [chli fotografou] n'arête pô de me tracachê...

(T40.3a)

[dem. masc. sing. + subst. masc. sing.]

*Voilà - réglée - l'affaire - des - bijoux... - N'empêche - que - la - fuite - de - ce - photographe - n'arrête - pas - de - m - 'intriguer...*

(*Eis resolvido o problema da joias... O que não impede que a fuga daquele fotógrafo continue a me intrigar...*)

Em (21), temos o uso dêitico espacial em contexto de proximidade, visto que a personagem fala do colar que ela está usando. Em (22) temos a forma elidida *cht'*, diante de palavra iniciada por vogal em contexto de oposição implícita: o personagem vê dois carros, o primeiro é o carro conhecido do médico que está partindo (*este carro*, próximo) e o segundo é um carro desconhecido (*aquele carro*, distante). Lembramos que as noções de perto/longe podem expressar também familiaridade/estranhamento, conforme Halliday e Hasan (1976). No entanto, o uso da forma *cht'* é condicionado pelo contexto fonético iniciado por vogal, e não pela semântica. Nos questionamos, então, sobre a origem desse tipo de restrição. Na ocorrência (23), o fotógrafo do qual fala o personagem havia, em cenas anteriores, invadido a casa e fugido secretamente – a referência é portanto dêitica com referente ausente e só é compreendida porque remete a uma situação vivida pelo falante e pelo interlocutor.

A interdição da elisão da vogal de *chli/chla* diante de contexto fonético vocálico não parece ter explicação no padrão fonético da língua, visto que, no caso dos artigos *lou, la* e do pronome feminino singular *le*, a elisão é obrigatória (*l'*) no *bressan*. A interdição da elisão de uma vogal que segue a consoante *l-* se aplicaria apenas para os demonstrativos, o que parece uma explicação pouco aceitável. Essa restrição pode ser compreendida então como uma possível interferência do contato com a língua francesa, visto que o demonstrativo singular (feminino ou masculino) do francês diante de vogal apresenta sempre um som de *t*: *cette armoire* [set'armwar], *cet objet*. Isso explicaria o porquê de os demonstrativos mais frequentes na função dêitica espacial *chli/chla* não aparecerem diante de vogal, e sim a forma *cht'*, que, enquanto forma elidida de *chti/chta*, como vimos anteriormente, deveria aparecer apenas em contexto dêitico temporal.

Temos, portanto, uma possível restrição de natureza prosódica que parece proibir o uso das formas derivadas de *ille* diante de contexto fonético vocálico. As formas do plural *chlé/chle* ganham um *j* nesses contextos, possibilitando a *liaison* com a palavra seguinte, respeitando o padrão prosódico da língua que se aproxima bastante do padrão do francês. Embora nossos dados sejam de língua escrita, as questões prosódicas relacionadas aos fenômenos de elisão e ligação (*liaison*), bem conhecidas no francês, também foram descritas por Stich (2003) para o francoprovençal e se refletem na morfologia e na grafia das palavras.

Como já discutimos anteriormente, na função dêitica espacial não há marcação dos graus de distanciamento na morfologia do adjetivo demonstrativo, o que também ocorre com outras línguas românicas. Essa questão é muitas vezes resolvida pela junção de advérbios de lugar, como no francês *-ci/-là* (aqui/lá), que determinam a localização do objeto: se perto ou longe do falante. No caso do *bressan*, identificamos apenas 8 ocorrências de junção do advérbio *-tyë* ao adjetivo demonstrativo. Observou-se, no entanto, que essa junção não parece marcar distanciamento ou proximidade, visto que, além de *-tyë* poder significar tanto *aqui* como *lá*, não há uma outra forma que estabeleça a oposição. Concluiu-se, então, que a junção de *-tye* exerce uma função enfática. Considere os exemplos seguintes:

(24) Pouin de peupreté, [**chlé** mondou-tyë]! (T1.7)

[dem. masc. plur. + subst. masc. sem marca de plural + adv.]

*Pas - de - propreté, - ces - gens-là!*

*(Nenhuma higiene, aquelas pessoas lá!)*

(25) Yon de [**chlé** tra-tyë], coupôblou? (T45.7)

[dem. masc. plural + subst. inv. + adv.]

*Un - de - ces - trois-là, - coupable?*  
*(Um daqueles três lá, culpados?)*

Na ocorrência (24), o personagem fala dos ciganos, que estavam acampados em um local muito sujo e sem estrutura – ele e Tintim tinham acabado de passar pelo acampamento. O uso do advérbio parece, no entanto, enfatizar o tom de crítica da fala do personagem ou mesmo marcar um afastamento emocional do falante em relação aos ciganos. Neste caso, teríamos a expressão de uma noção de distanciamento, embora bastante abstrata. Porém, *-tye* aparece também em um contexto claro de proximidade na ocorrência (21), na qual a personagem fala do colar que ela mesma está usando. Em (25), o caráter enfático é mais evidente: o personagem fala com espanto de três pessoas, ausentes no contexto interativo, que foram citadas pelo interlocutor como suspeitas do roubo que ocorrera na casa do capitão. As nuances do advérbio *tye* serão mais demoradamente analisadas nas próximas páginas.

Tratamos até aqui dos adjetivos demonstrativos com função dêitica ou exofórica. Focalizaremos agora a função endofórica e a endo-exofórica, que são de grande importância na coesão textual, conforme Halliday e Hasan (1976). Como vimos, as formas *chti/chta* ocorrem apenas com sentido exofórico, analisaremos então as formas *chli/chla*, *cht'* (diante de vogal) e *chlé(j)/chle(j)*.

**Quadro 16: Adjetivos demonstrativos do bressan nas funções endofórica e endo-exofórica**

Referência		Singular		Plural	
		masc.	fem.	masc.	fem.
endofórica	<b>anáfora/catáfora/ ana-catáfora</b>	chli / cht' diante de vogal	chla / cht' diante de vogal	chlé(j)	chle(j)
endo-exofórica					

Fonte: dados analisados

Podemos observar uma simplificação do sistema no que tange à referência endofórica e endo-exofórica em relação à referência dêitica, com predomínio das formas derivadas de *ille*, exceto em contexto fonético vocálico, já discutido anteriormente, onde aparece a forma *cht'*. Nos casos de endófora, predomina a anáfora, com poucos casos de catáfora ou ana-catáfora. Vejamos algumas ocorrências:

(26) La reuza que zh'é èvètô, l'e blonsha, zhe vou l'é dë. Pi quemè dit-on “blonsha” èn italyin? Bianca, tou benamè... Bianca! Vou compreni-teu? [...] Mé oua, Bianca, quemè neutra ben invitô... [Chla nouvala reuz]a ch'apelra “Bianca Castafiore”... (T21.5a)

[dem. fem. sing. + adj. fem. sing. + subst. fem. sing.]

*La rose que j'ai inventée, elle est blanche, je vous l'ai dit. Et comment dit-on “blanche” en italien? Bianca, tout bonnement... Bianca! Vous comprenez? [...] Mais, - oui, - Bianca, - comme - notre - bonne - invitée... - Cette - nouvelle - rose - s'appellera - “Bianca - Castafiore”...*

*(A rosa que eu inventei, ela é branca, eu te disse. E como se diz “branca” em italiano? Bianca, muito simples... Bianca! Você compreende? [...] Mas, sim, Bianca, como nossa boa convidada... Essa nova rosa se chamará “Bianca Castafiore”)*

Na ocorrência (26) *chla nouvala reuz*a retoma *la reuz*a, da qual fala o personagem em sua frase anterior. Trata-se, portanto, de uma anáfora. A anáfora pode retomar antecedentes bem abstratos ou mesmo toda uma ideia expressa anteriormente, como na ocorrência (27), na qual *chli ca* (nesse caso), recupera a ideia expressa na fala anterior dos dois personagens (no caso de o senhor Lampadário ter uma polícia própria):

(27) Bianca: Monsu Cruzyo m'avë proumi de veni avoui cha polisse, mé...

Dubeu: Cha polisse? Cha polisse? Qué polisse? L'a na polisse a lui, chli mondou? Dè [chli ca], ma bena... (T38.16b)

[dem. masc. sing. + subst. masc.]

*Bianca: Monsieur Lampadaire m'avait promis de venir avec sa police, mais...*

*Dupont: Sa - police? - Sa - police? - Quelle - police? - Il a - une - police - à - lui, - cet - individu? - Dans - ce - cas, - ma - bonne...*

*(Bianca: Senhor Lampadário tinha me prometido de vir com sua polícia, mas...*

*Dupont : Sua polícia? Sua polícia? Que polícia ? Ele tem uma polícia própria, esse indivíduo ? Nesse caso, minha senhora...)*

Em (28) temos um caso de ana-catáfora: *cht'oumou* faz referência à *n'oumou de n'adreacha pô creyôbla*, mas remete também à *lou singe*, que aparece em seguida, visto que o homem suspeito do roubo era na verdade um macaco. Não foram identificados casos de catáfora no uso do adjetivo demonstrativo.

(28) È fin de contou, l'émereuda a lamè pu étrou voulô pe quéquyon que rôpelyôve u mur; pi oncouzhe, pe n'oumou de n'adreacha pô creyôbla... [Ch't'oumou], nou l'in découar: ye lou sinzhou! (T50.2)

[subst. masc. sing. + subst. masc. sing.]

*En fin de compte, l'émeraude a seulement pu être volée par quelqu'un qui grimpeait le mur; et encore, par un homme d'une agilité incroyable.... Cet - homme, - nous - l'avons - démasqué: - c'est - le - singe!*

*(No final das contas, a esmeralda somente poderia ter sido roubada por alguém que escalasse o muro; e ainda, por um homem de uma agilidade incrível... Esse homem, nós o desmascaramos: é o macaco!*

As ocorrências endofóricas de *chli/chla* com sentido temporal identificam ou organizam no tempo uma sequência de acontecimentos ou ações descritos pelo personagem. Trata-se de anáforas, que retomam uma parte anterior do discurso: em (29) *chli moumè* retoma o momento quando *le caméra che tœurnon vé vou*, em (30), *a chli moumè* retoma *qué zh'é ètèndu mouinnô la Castafiore*.

(29) Vtya, on me vezha lou premi; zhe deyou qéque meu pe prézètô l'émessyon. Apré, zhe vou peuzou la premizhe qéstyon, pi le caméra che tœurnon vé vou. A parti de [**chli** moumè], on m'ètèdra, mé on me vezha pô mé. (T31.3)

[dem. masc. sing. + subst. masc. sing.]

*Voilà, on me verra le premier; je dis quelques mots pour présenter l'émission. Après, je vous pose la première question, puis les caméras se tournent sur vous. A - partir - de - ce - moment,- on - m'entendra,- mais - on - me - verra - pas.*

*(Veja, eu serei visto primeiro; eu digo algumas palavras para apresentar a emissão. Depois, eu te faço a primeira pergunta, aí as câmeras se voltam para você. A partir desse momento eu serei escutado, mas não serei mais visto)*

(30) U-teu que me treuvôva? U zhardin, pô louin du métrou Panouyon que talyôve ché reuzi... Ma, zhe rôtelôva n'alô qè zh'é ètèdu mouinnô la Castafiore... A [**chli** moumè], zh'é levô lé zu vé che fenêtre... (T45.9)

[dem. masc. sing. + subst., masc. sing.]

*Où je me trouvais? Au jardin, pas loin du maitre Tournesol, qui taillait ses rosiers... Moi, je ratissais une allée quand j'ai entendu crier madame Castafiore... A - ce - moment, - j'ai - levé - les - yeux - vers - ses - fenêtres...*

*(Onde eu estava? No jardim, não muito longe do professor Panouyon, que podava suas rosas... Eu, eu limpava a calçada quando ouvi gritar a senhora Castafiore... Naquele momento, eu levantei os olhos para suas janelas...)*

Apresentamos a seguir um caso de uso endo-exofórico, quando o referente está presente tanto no contexto de interação como no discurso do personagem.

(31) ... pi mé pèguelyon, Éma, zhe léj èfroumou dè chla tereta... pi la lyô de [**chla** tereta], zhe la cāshou dè lou tepin su lou mëublou. Fête n'èfèur pe vouj è rapelô, ma felya! (T14.10)

[dem. fem. sing. + subst. fem. sing.]

*... et - mes - bijoux, - Irma, - je - les - enferme - dans - ce tiroir... - et - la - clé - de - ce - tiroir, - je - la - cache - dans - le - vase - sur - le - meuble. Faites un effort pour vous en rappeler, ma fille!*

(... e minhas jóias, Irma, eu as tranquei nesta gaveta... e a chave dessa gaveta, eu a escondi dentro do vaso sobre o móvel. Faça um esforço para se lembrar disso, minha filha!)

Na ocorrência (31), o primeiro *chla* é dêitico e refere-se à gaveta na qual a personagem está colocando suas jóias no momento da fala. O segundo refere-se à mesma gaveta presente no contexto interativo, mas também a *chla tereta* da fala anterior. Essa conexão anafórica é importante na coesão textual da fala da personagem, para que fique claro que a chave é daquela gaveta na qual estão guardadas as jóias – quando analisamos a imagem do quadrinho reproduzida a seguir, vemos ainda que a interlocutora está ocupada em outra atividade e não está totalmente atenta aos gestos da patroa, o que torna ainda mais importante a conexão anafórica entre as duas frases.

**Figura 6: Trecho da revista *Léj avatar de Tintin: Lé pèguelyon de la Castafiore***



Fonte: Hergé (2006, p.14).

A descrição dos adjetivos apresentada nesta seção tem como objetivo identificar suas características fônicas, que serão importantes na análise da retenção linguística. Retomamos então a classificação apresentada no quadro 13, no início deste capítulo, para sintetizarmos os resultados encontrados. Vejamos:

**Quadro 17: Classificação e frequência das formas do adjetivo demonstrativo no *bressan***

	Semântica		Morfologia	número de ocorrências
	Referência			
Elementos Fóricos	exofórica (dêitica)	espacial	chli/chla/chlé/chle ( <i>cht'</i> diante de vogal)	85
		temporal	chti/chta: presente chli/chla: passado chlé/chle: presente/passado	20
	endófora	anáfora/ catáfora/ ana-catáfora	chli/chla/chlé/chle ( <i>cht'</i> diante de vogal)	34
	endo-exofórica	-	chli/chla/chlé/chle ( <i>cht'</i> diante de vogal)	25
	Total			164

Fonte: dados analisados

O quadro anterior mostra que, na função adjetiva do demonstrativo, predomina a referência exofórica ou dêitica, que representa 64% dos usos do adjetivo demonstrativo (85 + 20 = 105 ocorrências do total de 164). A referência endofórica representa 20,7%, e a endo-exofórica alcançou apenas 15,3% do total. A predominância do uso dêitico pode ser explicada por uma tendência típica dos adjetivos demonstrativos, advinda do demonstrativo latino, o que também é observado nos artigos definidos, advindos também do uso adjetival do demonstrativo latino. A referência endofórica seria uma extensão da exofórica e, portanto, secundária. Essa tendência típica apresentada por determinados itens de serem empregados exoforicamente ou endoforicamente foi observada por Halliday e Hasan (1976) no estudo dos elementos coesivos no inglês, como, por exemplo, no caso dos pronomes pessoais:

As formas de primeira e segunda pessoas referem-se essencialmente à situação, enquanto aquelas da terceira pessoa referem-se anaforicamente ao texto. [...] Ao mesmo tempo, assim como as formas de primeira e segunda pessoas, enquanto tipicamente exofóricas, podem referir-se anaforicamente, também às formas de terceira pessoa, enquanto tipicamente endofóricas, podem referir-se exoforicamente a alguma pessoa ou coisa que está presente no contexto de situação (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 48-49).<sup>31</sup>

O mesmo é observado por Penna (1998 e 2000) na análise do pronome *ele* no português:

<sup>31</sup> Tradução nosso. Do original: “The first and second person forms essentially refer to the situation, whereas those of the third person essentially refer anaphorically to the text. (...) At the same time, just as the first and second person forms, while typically exophoric, may refer anaphorically, so also the third person forms, while typically anaphoric, may refer exophorically to some person or thing that is present in the context of situation”.

Por sua natureza adjetiva o demonstrativo *ille* exercia a sua capacidade tipicamente exofórica e secundariamente, dentro do texto, a sua capacidade endofórica. Do emprego adjetivo do *ille* tem-se, em português, o artigo definido *o*. Quando substantivado a sua referência típica era endofórica e secundariamente exofórica. As referências exofóricas e endofóricas do pronome *ille*, então, podem ser associadas ao seu emprego adjetivo ou substantivo. O pronome *ele* resultou do emprego substantivo do étimo latino e sua referência típica é a endofórica. Pode, ainda, menos comumente, referir-se ao contexto situacional. As flexões pronominais *o* e *lhe* apresentam, também no português, característica endofórica, própria do emprego substantivo do *ille*. Porém seus empregos como exóforas (referência secundária) são muito mais difíceis de serem registrados (PENNA, 2000, p. 246).

Segundo a matriz de rejeição-mudança (COHEN, 2009), as formas que acumulam as referências exofórica e endofórica tendem a resistir à mudança por serem formas marcadas. Por outro lado, as formas que apresentam apenas a referência exofórica ou apenas a endofórica são não-marcadas (conforme definição de Dubois *et al.*, 2006) e tendem a se assimilar ou a sofrer interferência em situação de contato. Podemos dizer, então, que o sistema de adjetivos demonstrativos no *bressan*, embora mais complexo no que tange a suas características morfológicas em relação ao do francês – o qual apresenta apenas as formas *ce(t)*, *cette* e *ces* –, teria uma tendência maior à assimilação, devido ao predomínio da referência exofórica que constitui um contexto referencial não-marcado. Os adjetivos demonstrativos tenderiam a ficar retidos apenas em contexto endo-exofóricos.

No entanto, observou-se que o sistema de adjetivos demonstrativos do *bressan* conservou nas formas do singular *chti/chta/chli/chla* a oposição *iste* X *ille*, advinda do latim, no contexto exofórico temporal. No contexto exofórico espacial, no endofórico e no endo-exofórico prevalece um sistema simplificado mais próximo do francês, com predomínio das formas derivadas de *ille*. A marcação da noção de tempo, sendo uma extensão da noção de espaço (conforme Teyssier, 1990), parece tornar a forma mais pesada ou marcada, em comparação com as formas que expressam apenas a noção espacial, propiciando um ambiente favorável à sua retenção. A preservação dessa oposição no sentido temporal pode dever-se também a uma dificuldade de resolver essa questão no contexto dêitico: enquanto na exófora espacial o falante pode se valer dos gestos e da visão do interlocutor para localizar um objeto, na expressão do tempo esses artificios não estão disponíveis, o que favorece a conservação de uma marca morfológica que oponha “presente” e “passado”.

Também foi observado no sistema de adjetivos a manutenção da oposição masculino X feminino nas formas do plural *chlé/chle*, embora seja uma diferença bastante sutil, provavelmente na abertura da vogal. Desta forma, como previa a matriz, o plural

também se mostrou um contexto favorecedor da retenção, na medida em que torna a forma mais marcada.

A presença da forma elidida *cht'* diante de contexto fonético vocálico e o fato de *chli/chla* nunca se elidirem e nunca ocorrerem diante de palavras iniciadas por vogal, indica uma possível interferência do francês, que apresenta sempre um som de *t* quando o adjetivo demonstrativo feminino ou masculino singular aparece antes de palavra iniciada por som vocálico (*cet objet, cette armoire, etc.*), como discutido na página 76. Além disso, em outros contextos em que ocorre encontro entre vogais no francês é comum a introdução de um *t* por motivos eufônicos, como em casos de inversão do pronome pessoal: *il explique*, com inversão temos *explique-t-il*.

Dentre as ocorrências do adjetivo demonstrativo, identificamos ainda dois tipos de uso que merecem destaque: o de referência [-definida], quando o referente não pode ser localizado seja no contexto de interação, seja no discursivo, e o uso que denominamos enfático, quando o demonstrativo exerce, associada à sua capacidade fórica, uma função de ênfase. Analisemos algumas ocorrências:

(32) Lou vtya parti! He! He! I n'a pô demèdô chon réstou, chli pte mèrdo! N'ômou vramè pô [**chle** manyézhe] de veni vezhyë latour de nou... (T16.14b)  
[dem. fem. plur. + subst. fem. plur.]  
*Le voilà parti! He! He! Il n'a pas demande son reste, ce petit morveux!*  
*[Je] n'aime - vraiment - pas - ces - manières - de - venir - rôder - autour - de - nous...*  
*(Ele foi embora! Ha! Ha! E ele nem reclamou, esse fedelho! Não gosta realmente dessas maneiras de vir bisbilhotar a gente...)*

(33) Che vou ne rechevôvô pô n'èpèurte qui vé vou, [**chlej** èbroulye] ne chezhon zhamé arevô! (T42.4b)  
[dem. fem. plur. + subst. fem. plur.]  
*Si - vous - ne - recevez - pas - n'importe - qui - chez - vous, - ces - problèmes - ne - seraient - jamais - arrivés!*  
*(Se você não recebesse qualquer pessoa na sua casa, esses problemas não teriam acontecido!)*

Em (32) o falante está sozinho, o personagem Tintim acabou de sair da cena. Ele fala das maneiras em geral de os brancos espiarem os ciganos. Em (33), *chlej èbroulye* diz respeito a toda uma sequência de acontecimentos ocorridos anteriormente e discutidos pelos personagens, não sendo possível identificar um referente ou mesmo um acontecimento determinado. Esses casos foram interpretados como [-definido], enquanto os outros casos são considerados [+definido]. É importante ressaltar que o traço [-definido] aparece apenas

associado às formas do plural (*chlé/chle*) e em contextos predominantemente exofóricos e se referem, em geral, a uma conjunto pouco específico de objetos, acontecimentos, ações, etc.

Os casos classificadas como enfáticos ocorreram 32 vezes (19,5% do total de adjetivos). Trata-se, em geral, de uma proposição caracterizada pela presença de palavras com forte apelo emotivo, como xingamentos ou adjetivos ofensivos, em estruturas interjetivas, exclamativas ou interrogativas que exercem uma função expressiva ou emotiva no contexto de interação.

(34) Ah bin che zhe teniva [**chli** foutracou de marbri]! (T8.1c)

[dem. masc. sing. + adj. masc. sing. + prep. + subst. masc. sing.]

*Ah - ben - si - je - tenais - ce - zouave - de - marbrier!*

*(Ah se eu pego esse marmorista babaca!)*

(35) Teni don pe [**chléj** éfrontô]! [**Chlé** mô educô]! [**Chlé** quelotô]! (T41.11a, b e c)

[dem. masc. plur. + subst. masc. sem marca de plural]

*Tenez - donc - pour - ces - éffrontés! - Ces - mal - élevés! - Ces - culottés!*

*(Defenda então esses insolentes! Esses mal educados! Esses atrevidos!)*

(36) [**Chli** zinzin de pérouquê]! T18.10

[dem. masc. sing. + adj.<sup>32</sup>. sing. + prep. + subst. masc. sing.]

*Ce - dingue - de - perroquet!*

*(Esse maldito papagaio!)*

(37) [**Chla** sapré marsha]! (T5.2a)

[dem. fem. sing. + adj. inv. + subst. fem. sing.]

*Cette - satanée - marche!*

*(Esse maldito degrau!)*

(38) Dubeu: Réston donc Éma, Lyôdou pi lou Polîte Panouyon...

Haddock: Yon de [**chlé** tra-tyë], coupôblou?!? Vou n'ête pô trabeshya su la tэта? T45.7

[dem. masc. plur. + subst. inv. + adv]

*Dupont: Restent donc Irma, Nestor et le Tryphon Tounesol!*

*Haddock: Un - de - ces - trois-là, - coupable?!? Vous n'êtes pas tombés sur la tête?*

*(Dubeu: Sobram então Irma, Nestor e o Trifólio Girassol...)*

*Haddock: Um daqueles três lá, culpados?!? Vocês bateram a cabeça?)*

<sup>32</sup> Não foi possível identificar o gênero do adjetivo *zinzin*.

Nas ocorrências (34), (35), (36), e (37) o adjetivo demonstrativo acompanha sempre adjetivos ou substantivos com forte carga emotiva como *foutracou*, *zinzin*, *sapré*, *éfrontô*, *quelotô*, *mô educô*. Em geral, os personagens estão em alguma situação tensa e extravazam sua raiva. Em (38), o personagem se espanta com a acusação de roubo feita pelos detetives aos empregados e amigos da casa. Esse seria um contexto extralinguístico favorecedor da retenção, conforme a matriz retenção-mudança, também observado por Scheinbein (2006) em seu estudo do *hakitia*: a função emotiva-representativa. O demonstrativo associado a xingamentos ou integrando expressões interjetivas nos parece um forte candidato à retenção.

A seguir, trataremos dos demonstrativos em função pronominal.

### 3.2 OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

A partir da coleta e análise dos dados chegou-se ao seguinte sistema de pronomes demonstrativos no *bressan*:

**Quadro 18: Sistema de pronomes demonstrativos no *bressan***

Gênero	Singular			Plural	
	masc.	fem.	neutro	masc.	fem.
<b>perto/longe/ausente</b>	<i>chlitye</i>	<i>chlatye</i>	<i>sètye</i>	<i>sétye</i>	<i>chletye</i>
<b>outros pronomes com usos diferenciados</b>			<i>é, che, y</i>		

Fonte: dados analisados.

Os pronomes demonstrativos totalizaram 223 ocorrências num total de 387 ocorrências de demonstrativos (58%). Pode-se observar que a distinção perto/longe não é marcada nem morfológicamente nem na junção de advérbios – não foi identificada nenhuma ocorrência do pronome demonstrativo com reforço do advérbio *-tyë*. Essa questão é resolvida no contexto exo ou endofórico. Do ponto de vista sintático, o pronome ocupa a posição de núcleo do sintagma nominal e, em geral, substitui um nome. Em usos mais abstratos, o pronome pode remeter a uma ideia ou mesmo a toda uma parte do discurso, tendo um importante papel na coesão textual.

Uma observação interessante acerca desses pronomes no *bressan* diz respeito à sua morfologia, que se distingue tanto do sistema supradialetal do francoprovençal descrito

por Stich (1998, 2001 e 2003) – que seguia um padrão de evolução bem próximo do dos adjetivos –, como do padrão francês (*ecce ille*). Repetimos as seguir os quadros de pronomes demonstrativos no francês e no francoprovençal supradialetal para comodidade do leitor:

**Quadro 9 (repetido): Sistema de pronomes demonstrativos no francês**

Gênero	Singular			Plural	
	masc.	fem.	neutro	masc.	fem.
<b>1º/2º pessoa (perto)</b>	<i>celui(-ci)</i>	<i>celle(-ci)</i>	<i>ceci</i>	<i>ceux(-ci)</i>	<i>celles(-ci)</i>
<b>3º pessoa (longe)</b>	<i>celui(-là)</i>	<i>celle(-là)</i>	<i>cela (ça)</i>	<i>ceux(là)</i>	<i>celles(-là)</i>
<b>Outros pronomes com usos diferenciados</b>			<i>ce (c')</i> ,		

Fonte: elaborado pela autora a partir das informações de Dubois e Lagane (1973)

**Quadro 11 (repetido): Sistema de pronomes demonstrativos no francoprovençal**

Gênero	Singular			Plural	
	masc.	fem.	neutro	masc.	fem.
<b>1ª/2ª pessoa (perto)</b>	<i>ceti</i>	<i>ceta</i>	<i>ço, c'</i>	<i>cetor/cetos</i>	<i>cetes</i>
<b>3ª pessoa (longe)</b>	<i>cél, celi/ quél, queli</i>	<i>cela/quela</i>	<i>cen, (i)quen</i>	<i>celor, celos/ quelor, quelos</i>	<i>celes/queles</i>

Fonte: elaborado pela autora a partir das informações de Stich (2001)

No *bressan* as formas do pronome demonstrativo masculino e feminino singular e feminino plural possuem a mesma origem das formas do adjetivo advindas de *ille* (*chli, chla, chle*) com acréscimo da forma *-tye*. O caso do pronome masculino plural *sétye* é similar. Embora grafado de maneira diferente, a origem de *sé(tye)* parece ser *ecce ille* (+ *tye*), tal como o francês *ceux* (*ecce illos*) (francês antigo *cels*). Cabem aqui algumas considerações sobre *tye* e suas variantes.

No glossário da versão em *bressan* de *As aventuras de Tintim*, encontramos duas entradas relativas à forma *tye*: *tyë*, variante de *lé*, advérbio de lugar equivalente ao advérbio *là/là-bas* no francês, e *-tyë*, advérbio com adjetivo demonstrativo, equivalente à *-là* no francês (*chlé mondou-tyë, ces gens-là, aquelas pessoas lá*). A princípio, esse advérbio indicaria distanciamento, no entanto, nos contextos junto ao demonstrativo, não encontrou-se uma forma oposta a *-tyë*, que fosse equivalente ao *-ci* do francês indicando proximidade, o que nos leva a pensar tratar-se de um advérbio polissêmico e ambíguo. Nesse mesmo glossário encontramos a forma *itye* traduzida para o francês *ici* (*aqui*, no português). No francês

moderno observa-se algo semelhante, o advérbio *là* pode expressar tanto a distância como a proximidade, em muitos contextos *là-bas* é preferido para expressar o longe.

**Quadro 19: Sistema de advérbios de lugar no bressan**

	Perto	Longe
Advérbios de	ityë	ilé; lé; tyë
lugar	-tyë (junto ao demonstrativo)	-tyë (junto ao demonstrativo)

Fonte: glossário da revista em quadrinhos (HERGÉ, 2006)

Meyer-Lübke (1935) registra a forma *iqui* no provençal com sentido de *aqui*, oriunda de *hīc/hīcce* e no francês antigo com sentido de *lá*, oriunda de *illōc/illōce* – provavelmente com reforço de *hīc*. O francês *ici* teria a mesma origem de *iqui*. Segundo Bloch e Wartburg (1950), *hic* (*aqui*) com reforço da partícula dêitica *ecce* teria originado o advérbio *ci* – foneticamente fraco –, posteriormente *ici*. A vogal inicial de *ici* proviria de *iluec*, que representa o advérbio latino *illōc* (*lá*), tornado *\*illoc*, com modificação da primeira vogal sob influência do latim *ilico* e da segunda por *loco*, ablativo de *lucus*. A busca da origem latina mostra que a tendência a confundir as noções de “perto” e “longe” (*aqui* e *lá*) é antiga na língua. A necessidade de expressividade frequentemente impulsionou o reforço de advérbios e pronomes criando uma grande diversidade de formas com grande variabilidade semântica.

Ravanat (1911) identifica as formas (*it*)*tian* (*ceci*, *cela*), *itié* ou *itiy* (*ici*), *itiè* (*ici*, *là*), *iquen* (*cela*), *iqui* (*là*), *tien* (*cela*), *queu* (*celui-ci*) e *queut’itiè* (*celui-là*), entre outras, nos *patois* da região de Grenoble. Essa variedade de formas e sentidos evidencia o caráter ambíguo e polissêmico desses advérbios nos diferentes *patois*.

No dicionário *on line* do *bressan*<sup>33</sup> *tyë* pode significar *ici*, *où*, *là* ou *ci*. *Lè* é traduzido por *là* (ambíguo no francês) e *lé* por *là-bas*. Junto ao demonstrativo, encontramos as formas *chotye* e *cho lé*, respectivamente *celui-ci* e *celui-là*, o que indicaria uma oposição entre *tye* e *lé*. Concluimos, então, que essas formas em *it-* ou *t-* presente em alguns *patois* são variantes de *iqui/-qui*, cuja origem, discutida acima, é controversa.

Embora Stich não tenha incluído as formas *tye/tyë* ou *itye* na descrição dos demonstrativos ou dos advérbios em nenhuma de suas obras, essas formas aparecem nos textos em *bressan* compilados pelo autor. Encontramos nesses textos indícios de um processo de cliticização do advérbio com o demonstrativo. Em um dos textos, *Le Tcharkassan*, de

<sup>33</sup> Disponível em <http://www.cadole.eu/bressan/dialecte-bressan.htm>.

Abbé Auguste Comby, encontramos a forma *stutyé*, grafada *ceto-qué* na grafia supradialetal equivalente a *celui-ci/là* no francês e a forma *stetyé*, *ceta-qué* (*celle-ci/là*). Nesse mesmo texto *ityé* aparece acompanhando o adjetivo demonstrativo: *stô bougre ityé*, *cetos bougros iqué* (*ces bougres-ci/là*). Diante dessas evidências, podemos postular que as formas em *-tye* identificadas em nosso *corpus* tenham se originado de um processo de cliticização: o advérbio (*i*)*tye*, e suas variantes, usado junto ao pronome demonstrativo inicialmente para precisar a noção espacial, teria, no *bressan*, se unido a ele formando uma única palavra. No entanto, é necessária uma pesquisa mais aprofundada para se confirmar se realmente houve cliticização.

Das 223 ocorrências de pronomes demonstrativos, 203 (91%) são usos do neutro (*sèteye*, *y*, *é* e *che*) e 20 do pronome masculino/feminino (singular ou plural). Observou-se que as formas do neutro possuem características fônicas diferentes do que foi observado nos adjetivos e nos outros pronomes demonstrativos. Por isso, trataremos do neutro separadamente.

Na análise dos pronomes masculino e feminino, singular e plural (*chlitye*, *chlatye*, *sèteye* e *chletye*) identificamos que, dentre as 20 ocorrências, 10 são endóforas, 9 são endo-exóforas, ou seja, retomam um substantivo ou ideia expresso no texto, mas que também está presente no contexto interativo, e apenas 1 é exofórica. Vejamos algumas ocorrências:

(39) É pi dabëur, chlej èpr̄inte chon suremè [chletye] d'on byô... (T16.3b)

[pron. dem. fem. plur.]

*Et - puis, - d'ailleurs, - ces - empreintes - sont - certainement - celles - d'un - adulte...*

*(E além disso, essas pegadas são certamente as (aquelas) de um adulto...)*

(40) A vra dezhe, quemè chinto, é ne ressèble pô vramè a [chlatye] du mouguè! (T1.4b)

[pron. dem. fem. sing.]

*À - vrai - dire, - comme - parfum, - ceci - ne - ressemble - pas - vraiment - à - celui - du - muguet...*

*(Pra dizer a verdade, como perfume, isso não parece nem um pouco com o do lírio...)*

(41) Che vou lou vate, dete-li que [sèteye] de “Lyon-Flash” on assui yo quéstyon pi qu’i chezhon byèn ézou de pouva lou va. (T22.1)

[pron. dem. masc. plur.]

*Si vous le voyez, dites-lui que ceux (ces monsieurs) de “Lyon-Flash” ont terminé leurs questions et qu’ils seront bien heureux de pouvoir le voir.*

*(Se você o vir, diga-lhe que os de “Lyon-Flash” terminaram as perguntas e que eles ficarão felizes em poder vê-lo.)*

Em (39), *chletye* retoma *chlej èprinte*, que também estão presentes no contexto de interação, o que caracteriza a endo-exófora. Em (40), temos um caso de endófora: *chlatye* retoma anaforicamente *chinto* (perfume, odor) e remete também a *mouguë*, que completa o sentido do pronome demonstrativo: o cheiro que os personagens estavam sentido não se parecia com o “perfume do lírio”. Nesse caso, o pronome demonstrativo retoma tanto o que foi falado anteriormente como remete ao que será falado em seguida, caracterizando um caso de ana-catáfora.

Em (41) temos o único caso interpretado como exófora: *sétye* refere-se aos jornalistas que estão localizados atrás da personagem que fala. Em geral, em casos como esse último, a versão em francês prefere usar “ces gens”, “ces monsieurs”, do que o pronome demonstrativo.

O pronome demonstrativo aparece também em orações relativas adjetivas, que completam ou especificam o sentido do pronome. Nesses contextos, o pronome demonstrativo remete cataforicamente à oração que o segue, podendo relacionar-se também a algo dito anteriormente (anáfora) ou mesmo ao contexto dêitico. Vejamos algumas ocorrências:

(42) Haddock: On gadjô? ... Ma? ...

“Cigano”: É quemè sètye qu’on apéle [sètye] que ne chon pô de Romanô... (T4.8b)

[pron. dem. masc. plur.]

Haddock: *Un gadjo? Moi?*

“Cigano”: *C’est - comme - ça - qu’on - appelle - ceux - qui - ne - sont - pas - de - Tziganes...*

(Haddock: *Um gadjo? Eu?*)

Cigano: *É assim que a gente chama os que não são ciganos...*)

(43) (...) zhe vou demèdrè che vou veli shètô achaca éspré pe [sètye] que guétyon l’émessyon vé yo. (T31.4b)

[pron. dem. masc. plur.]

(...) *je - vous - demanderai - si - vous - voulez - chanter - quelque chose - spécialement - pour - ceux - qui - regardent - l’émission - chez - eux.*

(*eu perguntarei si você quer cantar alguma coisa especialmente para os que assistem a emissão em casa*)

(44) Mé... Chli zhardeni... Ye lou métrou Panouyon! [Chlitye] qu’a étô su la lena avoui Tintin...(T23.3b)

[pron. dem. masc. sing.]

*Mais... - Ce - jardinier... - C’est - le - maître - Tournesol! - Celui - qui a - été - sur - la - lune - avec - Tintin...*

(*Mas... Esse jardineiro... É o professor Girassol! Aquele que esteve na lua com o Tintim...*)

Em (42), o pronome demonstrativo *sétye* retoma a palavra *gadjô* para, em seguida, explicar seu significado: “os que não são ciganos”. Em (43) o pronome demonstrativo apresenta apenas a referência catafórica: “os que assistem a emissão em casa”. Em (44), *chlitye* retoma *chli zhardeni, lou métrou Panouyon*, e remete a “que esteve na lua com Tintim”. Além disso, o personagem *Panouyon* está presente na situação, o que nos permite classificar essa ocorrência como um caso de ana-catáfora em contexto endo-exofórico.

Observou-se que o *bressan* não conservou a oposição perto/longe advinda do latim e presente em outras variedades do francoprovençal. O *patois bressan* parece ter passado por um processo de simplificação do sistema herdado do latim, a princípio ternário (designando a proximidade em relação à primeira, segunda e terceira pessoas), o que também ocorreu no francês, como vimos na seção 2.4.3, e que parece ser uma tendência geral das línguas românicas. A longa e intensa situação de contato entre o francoprovençal e o francês, língua dominante e majoritária, teria possivelmente reforçado essa tendência, contribuindo para o desaparecimento das formas advindas de *iste* e o predomínio das formas advindas de *ille* no sistema de pronomes demonstrativos do *patois bressan*.

Essa simplificação do sistema em relação à matriz latina poderia indicar uma tendência dos pronomes demonstrativos à mudança, o que nos leva a pensar que também tenderiam a se assimilar, diante do contexto sociolinguístico que caracteriza a situação de contato entre o francoprovençal e o francês na França. No entanto, algumas características presentes nessas formas – que, enquanto dados de uma língua em extinção, já podem ser consideradas formas retidas na medida em que consideramos ser um sistema que já passou por vários processos de mudança e de interferência – nos permite pensar que sejam candidatas à retenção.

Primeiramente, o fato de as formas do pronome, com exceção de *sétye*, serem formadas pelas mesmas formas do adjetivo demonstrativo (*chli, chla, chle*) com reforço do advérbio *-tye*, resultado de um possível processo de cliticização, pode ser atribuído a uma perda de expressividade das formas derivadas de *ecce ille chli, chla*, etc., que propiciou o reforço, semelhante ao que ocorrera com o *ille* latino, que ganhou reforço de *ecce/\*accu* na constituição dos demonstrativos em diversas línguas românicas. Tal reforço teve como resultado um ganho fonético, morfológico e semântico para as formas do pronome demonstrativo do *bressan*, tornando-as diferente das formas do adjetivo demonstrativo.

Outra característica é a complexidade da capacidade referencial associada aos pronomes, que apresentam contextos endo-exofóricos associados à ana-catáfora, tal como na ocorrência (44) analisada anteriormente. Nesse exemplo, o pronome demonstrativo relaciona

um elemento do contexto dêitico a diferentes partes do discurso, desempenhando uma importante função na coesão textual. Essas características tornariam essas formas do pronome demonstrativo mais resistentes à assimilação.

Trataremos agora dos pronomes demonstrativos neutros: *sèteye*, *che*, *é* e *y*. *Sèteye* é bastante frequente no *corpus*, contabilizando 97 ocorrências (47,7%, de um total de 203 pronomes neutros), e é a forma que, no *bressan*, corresponde ao francês *ceci*, *cela* (*ça*), (português *isto*, *isso*, *aquilo*). *Sèteye*, assim como o *ça* francês, aparece em diversas expressões fixas: *sèteye, per ézèplou!* (*ça, par exemple!*); *ye sèteye!* (*c'est ça!*); *é quemè sèteye!* (*c'est comme ça!*); *é va quemè sèteye!* (*ça va comme ça*); compondo locuções interjetivas: *Ah bin sèteye, ma fa!* (*ah bien ça, ma foi!*); *É sèteye mémou!* (*c'est cela même!*); *Sèteye, ye nchaca!* (*ça, c'est quelque chose!*); *Ye fermidôblou, sèteye!* (*c'est formidable, ça!*). *Sèteye* é usado também para reforçar os pronomes interrogativos: *Qui sèteye?* (*qui ça?*), *U sèteye, è yo?* (*où ça, là-haut?*). Esses usos representam a maior parte das ocorrências de *sèteye*. Observou-se que, nesses casos, as questões fóricas parecem não estar em jogo. O demonstrativo neutro exerce sobretudo uma função enfática ou de reforço.

*Sèteye* apresenta usos exofóricos, como em (45), e usos endofóricos, como em (46) e (47). No uso anafórico, *sèteye* pode retomar uma palavra, ideia, ação ou acontecimento mencionado anteriormente.

(45) Lejô [sèteye] pi dete-me che vouj i conpreni nchaca... (T27.1a)

(o personagem está com um papel na mão)

[pron. dem. neutro]

*Lisez - ça - et - dites-moi - si - vous - y - comprenez - quelque chose...*

(*Leia isto e diga-me se você compreende alguma coisa...*)

(46) (...) zhe li é dē: “Féte-me na lista de tou veutron chinfrusquin, pi Berteloumi Lèpyon vouj assurezha [sèteye] é pte zenyon”. (T17.8)

[pron. dem. neutro]

(...) *je - l' - ai - dit: - “faites-moi - une - liste - de - toute - votre - quincaillerie, - et - Séraphin - Lampion - vous - assurera - ça - aux - petits - oignons”.*

(*Eu lhe disse: “faça-me uma lista de toda sua quinquilharia, e Serafim Lampião fará um seguro disso cuidadosamente”*)

Em (46) *sèteye* retoma anaforicamente a palavra *chinfrusquin*, ou seja, as coisas que serão seguradas. Na ocorrência (47), o pronome neutro retoma o acontecimento descrito anteriormente pelos personagens, veja-se:

(47) (Dubeu e Débeu acabam de bater o carro)

Tintin: Mé peuvrou, peuvrouj ami! Te-que vouj e arevô?

Dubeu: Zhe... euh... davou ava frénô on ryin trou tar...

Tintin: Vou n'ête pô blecha u mouin?

Débeu: Non, non, ryin... Ne parlon pô mé de [sèteye]! (T37.5)

[pron. dem. neutro]

*Tintin: Mes pauvres, pauvres amis! Que vous est-il passé?*

*Dupont: Je... euh... je doit avoir frené un peu trop tard...*

*Tintin: Vous n'êtes pas blessés au moin?*

*Dupond: Non, - non, - rien... - Ne - parlons - plus - de - ça!*

*(Tintin: Meus pobres, pobres amigos! O que aconteceu com vocês?)*

*Dupont: Eu, euh, devo ter freado um pouco tarde demais...*

*Tintin: Vocês não estão machucados, ao menos?*

*Dupond: Não, não, nada... Não falemos mais disso!*

Observou-se também o uso catafórico de sèteye em (48). O pronome neutro anuncia o que será falado em seguida.

(48) Mon bon compézhé, pèssô don – mé [sèteye] réste ètre nou – que zh'é reussi a fabrecô n'èutra sèurta de reuze. (T20.11)

[pron. dem. neutro]

*Mon - bon - copain, - pensez - donc – mais - ça - reste - entre - nous – que - j'ai - reussi - à - fabriquer - une autre- sorte - de - roses.*

*(Meu bom companheiro, imagine então – mas isto fica entre nós – que eu consegui fabricar um outro tipo de rosas.)*

Os pronomes neutros *é* (59 ocorrências) e *y* (12 ocorrências) equivalem ao francês *ce* (*c'*) e também ao *ça*, *cela*<sup>34</sup>. No glossário da revista *é* aparece como forma da segunda e da terceira pessoa do singular do verbo *étrou* (*ser*): *t'é* (*tu es*), *l'é* (*elle est*); e também como pronome pessoal neutro, equivalente ao francês *il* em contexto como *il faut*, *il vaut*, etc. *É* equivale também a *c'est* [demonstrativo *c'* na posição de sujeito + verbo *est*] do francês e alterna com *ye* diante de contexto fonético vocálico – nesses casos não existe pronome demonstrativo no *bressan*, apenas o verbo – no francoprovençal a posição do sujeito pode ficar vazia.

<sup>34</sup> *Ce*, *c'*, *ça* e *cela* no francês são, em geral, formas sinônimas, mas que são usadas em diferentes contextos sintáticos ou fonéticos. *C'*, por exemplo, só aparece diante do verbo *être* no presente, enquanto *ça* pode aparecer diante de *être* no futuro: *c'est difficile*, *ça sera difficile*.

Na função de pronome demonstrativo neutro, *é* aparece nos seguintes contextos:

(49) [É] peu arevô a tou lou mondou, non? (T61.2b)

[pron. dem. neutro]

*Ça - peut - arriver - à - tout - le - monde, - non?*

*(Isso pode acontecer com qualquer um, não ?)*

(50) [É] n'e pô ordinézhou! (T18.15b)

[pron. dem. neutro]

*Ce - n'est - pas - ordinaire!*

*(Isso é muito estranho!)*

No exemplo (49) acima, *é* equivale ao pronome neutro *ça* do francês e é sujeito do verbo *peu*, presente de *pouva* (poder). Nesse caso, *é* é um pronome e não um verbo. Em (50), *é* é sujeito do verbo *e*, presente de *étrou* (ser) em uma sentença negativa (*n'... pô*). No exemplo seguinte, *é* também equivale a *ça* na posição de sujeito do verbo *alô*. Nessa mesma ocorrência, *sèteye*, que também equivale a *ça* no francês, completa a preposição *quemè* na locução adverbial *quemè sèteye*.

(51) Non, non, é va quemè [sèteye]! (T4.3a e b)

[pron. dem. neutro]

*Non, - non, - ça - va - comme - ça!*

*(Não, não, [isso] está bom assim!)*

*Y* também é forma do pronome pessoal masculino de 3ª pessoa do singular e do plural (francês *il, ils*). Como pronome demonstrativo neutro, *y* aparece em dois tipos de contextos: diante do verbo *étrou* no imperfeito, equivalendo à *c'était* do francês, como em (52), sempre com sentido impessoal; e na única ocorrência (53), diante do verbo *ava* no futuro. É interessante observar que *y* aparece sempre diante de contexto fonético vocálico enquanto *é* aparece apenas diante de contexto fonético consonantal. Esse tipo de restrição tem relação com questões prosódicas da língua e parece condicionar os usos de *é* e *y*, que podem ser consideradas formas variáveis. Em (53), *y* tem referência anafórica, retoma o que foi falado anteriormente (*la Castafiore pi lui*, ou seja, a possibilidade de Haddock ter uma relação amorosa com a madame Castafiore).

(52) [Y] éve vou, hin? (T53.3b)

[pron. dem. neutro]

*C' - était - vous, - heim?*

*(Era você, né?)*

(53) (...) *la Castafiore pi lui, [y] azhë élyeudô!* (T6.14)

[pron. dem. neutro]

*(...) la - Castafiore - et - lui, - ça - aurait - fait des étincelles!*

*(... a Castafiore e ele, isso provocaria um incendio!)*

O pronome *che* também pode significar *si, quand* (conjunção); *aussi, tellement* (advérbio); ou *se, s'* (pronome reflexivo). Como demonstrativo equivale a *ce* do francês e é empregado sempre diante de uma proposição relativa introduzida por *que*, que o completa. veja-se:

(54) *Le bête chinton byè [che] que che pèche!* (T10.3a)

[pron. dem. neutro]

*Les bêtes sentent bien ce qui se passe!*

*(Os animais sentem bem o [aquilo] que acontece!)*

Embora os pronomes neutros apresentem uma capacidade referencial, podendo expressar as referências exofóricas e endofóricas, observou-se que, na maior parte de seus usos, essas formas aparecem em expressões fixas, expressões interjetivas, ou em contextos similares ao que Halliday e Hasan (1976, p.53) chamam de “exófora institucionalizada” para alguns usos do pronome *it* do inglês. Trata-se de contextos em que o pronome neutro apenas preenche uma posição sintática na sentença, como é o caso da posição de sujeito no inglês que é obrigatória, tendo seu conteúdo semântico esvaziado. Segundo Halliday e Hasan (1976), nesse tipo de uso, o pronome parece não exigir nada seja do contexto endofórico, seja do exofórico.

No caso dos pronomes demonstrativos neutros, destacamos a importâncias dessas estruturas rígidas e das expressões interjetivas, pois seriam estruturas e contextos mais propícios à retenção. Dados os limites deste trabalho e a complexidade dos desdobramentos das questões relacionadas aos neutros, não as aprofundaremos aqui.

## CONCLUSÃO

Nesta pesquisa de mestrado, nos debruçamos sobre o francoprovençal, uma língua românica em processo de desaparecimento. A pesquisa bibliográfica nos permitiu conhecer o contexto sócio-histórico que contribuiu, e ainda contribui, para a extinção dessa língua na França, onde o processo de constituição e manutenção do Estado-Nação e a imposição de uma língua nacional teve como consequências a perda da diversidade linguística e a estigmatização dos falantes das diversas línguas regionais presentes em seu território. Grande parte dessas línguas foram, pouco a pouco, deixando de ser faladas, sobretudo nas áreas urbanas.

Por outro lado, observou-se também que, nas últimas décadas, as iniciativas de recuperação e revitalização dessas línguas têm aumentado. O problema da extinção de línguas ganhou destaque mundial e passou a fazer parte das preocupações de organizações como a UNESCO. Na região de domínio francoprovençal, várias iniciativas de documentação, manutenção e recuperação de seus falares têm sido empreendidas na atualidade, reunindo instituições políticas, associações civis e universidades. Até o momento, as avaliações sobre a vitalidade do francoprovençal são bastante preocupantes, mas ainda é cedo para avaliar se os resultados dessas iniciativas mais recentes de recuperação serão capazes de reverter o quadro atual.

Empreendemos também uma pesquisa acerca das características linguísticas do francoprovençal enquanto uma língua originária do latim, diferente tanto do francês como do occitano. A diversidade dos falares francoprovençais – resultado do fato de a língua nunca ter sido unificada ou normatizada, e que muitas vezes levou ao erro de considerá-los dialetos ora do domínio *d'oïl*, ora do domínio *d'oc* – constitui, na verdade, um grande ponto de interesse para os estudos linguísticos: uma língua que se apresenta em “estado dialetal puro”, nos termos de Tuaille, e na qual a variabilidade linguística é o dado fundamental.

Com o objetivo de ampliar o conhecimento dos efeitos da extinção na estrutura de uma língua, mais especificamente dos elementos que tendem a se assimilar, devido ao contato com uma língua dominante, e, sobretudo, daqueles que tendem a ser retidos, selecionamos um elemento linguístico para análise: o sistema de demonstrativos, que se mostrou particularmente sensível aos fenômenos de perda e de retenção linguística. Os dados foram coletados de um revista em quadrinhos traduzida do original francês para o *patois* francoprovençal denominado *bressan*. A natureza desses dados nos levou a questionar o grau

de artificialidade da língua que encontramos nos quadrinhos, visto tratar-se de uma iniciativa de recuperação e revitalização desse *patois*. Essa é uma questão recorrente em estudos de línguas em extinção e parece ainda não haver consenso sobre como tratar esse tipo de dado. O fato de a tradução ter sido feita por uma falante nativa da língua em conjunto com um linguista, nos fez considerá-la uma versão válida para estudo, sobretudo diante da escassez de textos com a riqueza linguística observada e com ocorrências suficientes do demonstrativo.

O trabalho com os dados teve como resultados a identificação das formas dos demonstrativos no *bressan* e a constituição de um *corpus*; a descrição morfológica, semântica e sintática dos adjetivos e pronomes demonstrativos e um aprofundamento das questões fônicas envolvidas, que se mostraram importantes na análise da retenção linguística. A partir da matriz retenção-mudança proposta por Cohen (2009), identificamos características que, associadas a determinadas formas dos demonstrativos, as tornam mais marcadas ou mais pesadas de informação. Tais formas tenderiam a resistir a processos de mudança e seriam, portanto, candidatas à retenção, a despeito das pressões assimiladoras.

No caso dos adjetivos demonstrativos, observou-se que o *bressan* conservou a oposição perto/longe advinda do latim no contexto exofórico temporal. A expressão da noção de tempo parece tornar as formas mais marcadas, o que não foi observado no contexto exofórico espacial ou endofórico. O plural também se mostrou um contexto favorecedor da retenção na função de adjetivo, na medida em que observamos a presença de formas diferentes para o masculino e para o feminino. Como fator externo, a função emotiva ou expressiva observada nos usos do adjetivo demonstrativo denominados enfáticos também se mostrou um contexto propício à preservação dessas formas.

Quanto aos pronomes demonstrativos, observou-se que no *bressan*, a junção do advérbio *-tye* à forma do pronome representa um ganho fonético, morfológico e semântico que tornaria a forma mais pesada e, assim, uma candidata à retenção. Além disso, também favorece a retenção o fato de os pronomes associarem em um mesmo contexto tanto uma função na coesão textual – aparecendo em contextos referenciais ao mesmo tempo anafóricos e catafóricos, relacionando diferentes parte do texto – como uma função no contexto dêitico, na medida em que substituem um nome ou representam um elemento do mundo extralinguístico.

Propomos, então, um refinamento da matriz retenção-mudança (COHEN, 2009) na linha referente à dimensão referencial:

**Quadro 20: Matriz retenção-mudança adaptada**

<b>Retenção – resistem à extinção</b>	<b>Mudança</b>
<b>fatores internos</b>	<b>fatores internos</b>
gênero: masculino	gênero: outros
número: plural	número: outros
caso: acusativo	caso: outros
modo: imperativo	modo: outros
tonicidade	atonicidade
vogal: posterior	vogal: anterior
nome: próprio	nome: comum
referência exo-endofórica referência exofórica temporal	referência endofórica referência exofórica espacial
<b>Fatores externos</b>	<b>Fatores externos</b>
Função: emotivo-representativa (provérbios)	Função: representativa
rural/isolado/rede social forte	urbano/rede social fraca

Fonte: adaptada de Cohen (2009)

Outras características também parecem favorecer a retenção: as formas reforçadas, a referência ao mesmo tempo anafórica e catafórica e a categoria pronome. No entanto, é preciso aprofundar a análise desses elementos para confirmar essa hipótese, o que pretendemos explorar em trabalhos futuros.

Este estudo contribui, assim, para um maior conhecimento do francoprovençal, do domínio linguístico galo-românico e da família das línguas românicas. Além disso, o estudo dos demonstrativos do *bressan* possibilita a ampliação dos estudos comparados sobre o tema, tornando possível uma compreensão maior dos resultados que o desenvolvimento dos demonstrativos do latim teve nas línguas neo latinas. Contribuímos ainda para a caracterização e o entendimento do processo de extinção de uma língua tanto em sua dimensão linguística como no que diz respeito às causas sociais, históricas e culturais envolvidas, mostrando a importância desse tipo de estudo na atualidade.

## REFERÊNCIAS

- BECCARIA, Gian L. *Dizionario di linguistica*. Torino: G. Einaudi, 1994.
- BERNISSAN, Fabrice. Combien de locuteurs compte l'occitan en 2012? *Revue de Linguistique Romane (Société de Linguistique Romane)*, n. 303-304, juillet-décembre 2012. Strasbourg, Tome 76.
- BLOCH, Oscar; WARTBURG, W. *Dictionnaire étymologique de la langue française*. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.
- BERT, Michel. COSTA, James. *Étude FORA – Francoprovençal et occitan en Rhône-Alpes*. Projet pilotée par l'Institut Pierre Gardette de l'Université catholique de Lyon (conseiller scientifique: M. Jean-Baptiste Martin) en coopération avec l'Institut national de recherche pédagogique (INRP), les laboratoires de recherche *Interactions, corpus, apprentissages, représentations* (ICAR) et *Dynamique du langage* (DDL), du Centre de dialectologie de Grenoble et de nombreuses associations, résulte d'une commande de la Région Rhône-Alpes, 2009. Disponible em <http://icar.univ-lyon2.fr/projets/ledra/index.html>, acesso em 9/01/2013.
- BRUNOT, Ferdinand; BRUNEAU, Charles. *Précis de grammaire historique de la langue française*. Paris: Masson et C<sup>ie</sup> Éditeurs, 1949.
- CAMARA JR., Joaquim M. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CAMBRAIA, César. N.; BIANCHET, Sandra. M. G. Caleidoscópio latino-românico: demonstrativos. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 35, p. 15-35, 2008.
- CERTEAU, Michel de; DOMINIQUE, Julia; REVEL, Jacques. *Une politique de la langue: La Révolution française et les patois: l'enquête de Grégoire*. Paris: Éditions Gallimard, 1975.
- COHEN, Maria Antonieta A. M. Línguas românicas em extinção: o francoprovençal. In: RAVETTI, G; ARBEX, M. (org.) *Performance, exílio e fronteiras. Errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2002.
- COHEN, Maria Antonieta. A. M.. Línguas não-territorializadas: o haketia, o judeu-espanhol oriental e a língua dos calons. *Papia* (Brasília), Brasília, v. 13, p. 82-91, 2003.
- COHEN, Maria Antonieta. A. M. Contato linguístico na România: o judeu-espanhol. *Caligrama: Revista de estudos românicos*, Belo Horizonte, v. 14, p. 51-63, dez. 2009.
- COSTA, James. Patois, gaga, savoyard, francoprovençal, arpitan... Quel nom pour une langue? *Langues et cité: bulletin de l'observatoire des pratiques linguistiques*, n. 18, p.6, jan. 2011.
- DANTAS DE MELO, Fábio. *Os ciganos Calon de Mambaí: a sobrevivência de uma língua*. Brasília: Thesaurus, 2005.

DAUZAT, Albert. *Phonétique et grammaire historique de la langue française*. Paris: Librairie Larousse, 1950.

DORIAN, Nancy C. The problem of the semi-speaker in language death. *International Journal of the Sociology of Language*, n. 12, p. 23-32, 1977.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.

DUBOIS, Jean; LAGANE, René. *La nouvelle grammaire du français*. Paris: Librairie Larousse, 1973.

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

GRINEVALD, Colette.; COSTA, James. Langues en danger: le phénomène et la réponse des linguistes. *Faits de Langues*, 35-36, 23-37. Appears in a special issue of *Faits de Langues* on linguistic fieldwork in endangered language contexts, co-edited by Colette Grinevald and Michel Bert, 2010. Disponível em [http://www.academia.edu/972572/Langues\\_en\\_danger\\_le\\_phenomene\\_et\\_la\\_reponse\\_des\\_linguistes](http://www.academia.edu/972572/Langues_en_danger_le_phenomene_et_la_reponse_des_linguistes)

GOMES, Simone F. Línguas ameaçadas: o caso do francoprovençal. *ReVeLe: Revista Virtual dos Estudantes de Letras*. Belo Horizonte, v. 7, p.1-21, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/revele/article/view/5711>. Acesso em: 18 fev. 2015.

HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in english*. New York: Longman, 1976.

HARRISON, David. *When languages die: the extinction of the world languages and the erosion of human knowledge*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HERGÉ (1963). *Les aventures de Tintin: Les bijoux de la Castafiore*. Casterman, 2007.

HERGÉ. *Léj avatar de Tintin: Lé pèguelyon de la Castafiore*. Casterman, 2006 (tradução de Manuel e Josine Meune).

HOYER, Gunhild. *Textes en dialecte dauphinois: établissement du texte, traduction et analyses linguistiques*. 1993. Thèse de Doctorat. Université Stendhal Grenoble III, Centre de Dialectologie.

IORDAN, Iorgu; MANOLIU, Maria. *Manual de linguistica romanica*. Madrid: Gredos, 1972. V. 1.

LAUSBERG, Heinrich. *Lingüística románica*. Madrid: Gredos, 1966. V. II.

MARTIN, Jean-Baptiste. Le francoprovençal. *Langues et cité: bulletin de l'observatoire des pratiques linguistiques*, n.18, p. 2-3, Jan. 2011.

MCMAHON, April. M. S. Language death. In MCMAHON, April. M. S. *Understanding language change*. New York: Cambridge University Press, 1994.

MEILLET, Antoine; VENDRYES, Joseph. *Traité de grammaire comparée des langues classiques*. 4 ed. Paris: H. Champion, 1966.

MEUNE, Manuel. Tintinophile version patoisant. Bourg-en-Bresse: 2006. *C'est à Bourg*, n. 160, p.18, juillet-août 2006. Entrevista concedida à revista *C'est à Bourg*. Disponível em [http://www.bourgenbresse.fr/Magazine-de-la-ville/Portraits/2006/N-160-Juillet-Aout-2006-Tintinophile-version-patoisant/\(language\)/fre-FR](http://www.bourgenbresse.fr/Magazine-de-la-ville/Portraits/2006/N-160-Juillet-Aout-2006-Tintinophile-version-patoisant/(language)/fre-FR).

MEYER-LUBKE, Wilhelm. *Romanisches etymologisches wörterbuch*. Heidelberg: Carl Winters universitäts-buchhandlung, 1935.

ODGEN, Charles K; RICHARDS, Ivor A. *O significado de significado*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

PENNA, Heloísa M. M. M. *O emprego do pronome tônico de terceira pessoa em função acusativa no português do Brasil: mudança ou retenção?* 1998. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte.

PENNA, Heloisa M. M. M. Retenção sintática no português do Brasil: análise de um fenômeno. *Boletim do CESP*, v. 20, n. 26, p.233-254, jan./jun. 2000.

RAVANAT, Albert. *Dictionnaire du patois des environs de Grenoble*. Grenoble: Jules REY Editeur, 1911.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1973.

SCHEINBEIN, Cássia. *Línguas em extinção: o hakitia em Belém do Pará*. 2006. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte.

STICH, Dominique. *Parlons francoprovençal: une langue méconnue*. Paris: L'Harmattan, 1998.

STICH, Dominique. *Francoprovençal: Proposition d'une orthographe supra-dialectale standardisée*. 2001. Thèse de Doctorat. Université Paris V - René Descartes, U.F.R. Faculté des Sciences Humaines et Sociales. Paris.

STICH, Dominique. *Dictionnaire des mots de base du francoprovençal: Orthographe ORB supradialectale standardisée*. Thonon-les-Bains: Le Carré, 2003.

TARALLO, Fernando; ALKMIM, Tânia. *Falares crioules: línguas em contato*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

TEYSSIER, Paul. Le système des deictiques spatiaux en portugais aux XIV<sup>e</sup>, XV<sup>e</sup> et XVI<sup>e</sup> siècles. In: TEYSSIER, Paul. *Études de littérature et de linguistique*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1990.

THOMASON, Sarah G.; KAUFMAN, Terrence. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. University of California Press, 1991.

TRASK, Robert L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

TUAILLON, Gaston. Le francoprovençal. Langue oubliée. In: VERMES, G. *Vingt-cinq communautés linguistiques de la France*. Tome Premier. Paris: L'Harmattan, 1988.

UNESCO ad Hoc Expert Group on Endangered Languages. *Language Vitality and Endangerment*, 2003. Disponível em <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00120-EN.pdf>

WALTER, Henriette. *A aventura das linguas do Ocidente: a sua origem, a sua historia, a sua geografia*. Lisboa: Terramar, 1997.

WARTBURG, Walther von. *Evolution et structure de la langue française*. 3. ed., revue et augmentée. Berne: A. Francke, 1946.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: findings and problems*. The Hague; Paris: Mouton & Co, 1970.

WETZELS, Leo et al. *Endangered Language Research in the Netherlands: an overview and proposals*. Prepared by the NWO Advisory Committee on Endangered Language Research, 2000.<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> Este texto nos foi gentilmente cedido por Leo Wetzels.

## ANEXOS

Corpus: demonstrativos no francoprovençal

Texto fonte: HERGÉ. *Léj avatar de Tintin: Lé pèguelyon de la Castafiore*. Casterman, 2006.

13.177 palavras.

1.	T1.3	Prenij-è plin veutron queufrou de <b>chla</b> ben èr, che requinquèta (...)
2.	T1.4a	A vra dezhe, quemè chinto, é ne ressèble pô vramè a chlatye du mouguè!
3.	T1.4b	A vra dezhe, quemè chinto, é ne ressèble pô vramè a <b>chlatye</b> du mouguè!
4.	T1.6	Y a de mondou que sèblon atré pe <b>chla</b> puètyo!
5.	T1.7	Pouin de peupreté, <b>chlé</b> mondou-tyè!
6.	T2.10a	Non, mé guétyô-me <b>sèteye</b> !
7.	T2.10b	Le m'a mourdu tingu'u sè, <b>chla</b> sharvazha!
8.	T3.2	T'azha ptétrou na conlya, mé é ne chezha pô grè sheuza...
9.	T3.6	Dezhe qu'y a de mondou que vivon quemè <b>sèteye</b> u mouatè de le chalté!
10.	T4.1b	Ch'é tou <b>che</b> que vouj éte a me contô (...)
11.	T4.3a	Non, non, é va quemè sèteye!
12.	T4.3b	Non, non, é va quemè <b>sèteye</b> !
13.	T4.5a	Éh bin, a vou reva, pi chouanyô byè <b>chli</b> ptet èjou.
14.	T4.5b	Mé che zh'é nchaca a vou dezhe, é d'alô vou betô alyeur que su <b>chla</b> tara plinna de chalté...
15.	T4.6a	Preca monsu cra que <b>cht</b> 'èdra, é nou que l'in treya!
16.	T4.6b	Monsu pèsse qu'è nou plé d'étrou u mouatè de la chalté! catáfora
17.	T4.7	Couaza-te, Matéo, léche-me côjô a <b>chli</b> gadjô...
18.	T4.8a	É quemè <b>sèteye</b> qu'on apéle sèteye que ne chon pô de Romanô...
19.	T4.8b	É quemè sèteye qu'on apéle <b>sèteye</b> que ne chon pô de Romanô...
20.	T4.8c	É quemè <b>sèteye</b> !
21.	T4.10	Oblezhyè de mondou a vivrou dè lou femi quemè <b>sèteye</b> !
22.	T5.2a	<b>Chla</b> sapré marsha!
23.	T5.2b	Què-teu qu'i vindra <b>cht</b> 'arsoulye d'ouvri marbri?
24.	T5.4a	Quemè <b>sèteye</b> , é n'e pô Favi?
25.	T5.4b	Quemè sèteye, é n'e pô Favi?
26.	T5.10	(...) la ben èr, é balye cha!
27.	T5.11	Que bon mondou, <b>chli</b> Chang!
28.	T5.12	<b>Chli</b> pte roussenyèu de Milè!
29.	T5.14	... de me va... che brava dè <b>chla</b> glacha...
30.	T5.15	Pi teu-que le raconte, <b>chla</b> bena felya?
31.	T6.10	Ye, ye <b>chla</b> sapré marsha, monsu...

32.	T6.11	Mé nondezou, vou lou sète bin que l'e brija <b>chla</b> marsha!
33.	T6.13	(...) la Castafiore pi lui, y azhë élyeudô!
34.	T7.4	Oua, <b>chli</b> prin té ne pouvë pô dezhô.
35.	T7.7	Lou 16! Lou 16! Mé é stioui, sèteye, lou 16...
36.	T7.9	N'é zhamé ôja y alô, zh'ava po de me cachô lou nô su <b>chla</b> bouronna que rèvarche tou...
37.	T8.1a	<b>Chla</b> marsha, vinzou!
38.	T8.1b	<b>Chla</b> sapré marsha!
39.	T8.1c	Ah bin che zhe teniva <b>chli</b> foutracou de marbri!
40.	T8.7	Pi dabëur, on conselyou: fête réparô <b>chla</b> marsha, d'eutrou pouzhon ava mouin de véna que vou...
41.	T9.4	Lyôdou, èminnô don <b>chla</b> fena a cha shonbra.
42.	T9.8	... <b>chli</b> pérouquë que vin dé pahi shô...
43.	T9.10	Ma, ne peuvou pô chinti <b>chle</b> bête que barlaton!
44.	T10.1	Hin que te l'ôme dézhya greu <b>chli</b> bon capiténou Mastock?
45.	T10.3a	Le bête chinton byè <b>che</b> que che passe!
46.	T10.3b	Le ch'atashon achteu a <b>sèteye</b> que léj ômon!
47.	T10.6	<b>Chli</b> peuvrou pezhin chezhë capôblou de lé répêto!
48.	T10.7	<b>É</b> n'e ryin...
49.	T10.8a	Vtya la maleta, métreacha... pi... <b>sèteye</b> ...
50.	T10.8b	Mon ben ami Tintin, premetô-me de vouj oufri <b>chla</b> pteta bricoula...
51.	T10.9	Zh'évourtelyou <b>sèteye</b> avoui on bravou bèdazhou pe conchoulô lou peuvrou péshyo.
52.	T10.10	Zh'é shonzhya qu'é voudre vou rapelô neutra premizhe rëontra è Sildavi (...)
53.	T10.11	Bin oua, <b>cht'</b> èr dé pègelyon du "Faust" de Gounod.
54.	T11.6a	L'on nchaca <b>chlé</b> vyo mëublo!
55.	T11.6b	Avizô <b>chli</b> lya a couloune...
56.	T11.7	Ma fa oua, é <b>che</b> que zhe veliva dezhe!
57.	T11.12	Ye <b>che</b> que ch'apèle redrechô le sheuze!
58.	T12.2	Quemè <b>sèteye</b> , vou...
59.	T12.5a	Mé, monsu, éscuzô-me, <b>chlé</b> Sharadin chon tui de fényè, de voulëur pi réstou!
60.	T12.5b	<b>Chlé</b> mondou-tyë von vouj amenô de ta d'èbroulye...
61.	T12.13	Qui <b>sèteye</b> ?
62.	T13.2	Zhe treuvou pô poussiblou qu'on premete a <b>chlé</b> bon mondou de quèpô lamè(...)
63.	T13.4a	Non, non, é n'e pô a vou que zhe parlou.
64.	T13.4b	Ye a <b>chli</b> pérouquë que...
65.	T13.5	Per è reveni a <b>chlé</b> Bouémyin, vou fezhô quemè vou voudre.
66.	T13.7	Pèdè <b>chli</b> té...
67.	T13.8a	Peuvou pô lé va, <b>chlé</b> gadjé!
68.	T13.8b	Pô <b>sèteye</b> , Matéo, pô sèteye!

69.	T13.8c	Pô sèteye, Matéo, pô <b>sèteye!</b>
70.	T14.4	Lou peuvrou a dézhya pro d'èbyarne quemè <b>sèteye!</b>
71.	T14.9	...pi mé pèguelyon, Éma, zhe léj èfroumou de <b>chla</b> tereta...
72.	T14.10	...pi la lyô de <b>chla</b> tereta(...)
73.	T14.13a	<b>Chli</b> pérouquë!
74.	T14.13b	(...) quemè <b>sèteye</b> u mouin, zhe chezhè débarachô pe touta la né.
75.	T14.14	É <b>chla</b> né-tyë...
76.	T15.8	<b>Chli</b> rélou!
77.	T15.9a	Ye <b>chlitye</b> de la béta, équetô...
78.	T15.9b	<b>Sèteye?</b>
79.	T15.10	Pi <b>chlé</b> pô u plafon?
80.	T16.1	Tou <b>che</b> que l'a contô chezhè tou de mémou vra?
81.	T16.2	<b>Chli</b> lyérou!
82.	T16.3a	É pi dabëur, <b>chlej</b> èprinte chon suremè chletye d'on byô...
83.	T16.3b	É pi dabëur, chlej èprinte chon suremè <b>chletye</b> d'on byô...
84.	T16.4	Vtya <b>che</b> que nou mèque!
85.	T16.7	Non, ryin que resseèmble a <b>chletye</b> de tout a l'ozha...
86.	T16.13a	É n'e pô è réstè itye (...)
87.	T16.13b	(...)qu'on chazha qui-teu que nouj a fé <b>chli</b> co.
88.	T16.14a	I n'a pô demèdô chon réstou, <b>chli</b> pte mèrdo!
89.	T16.14b	N'ômou vramè <b>chle</b> manyézhe de veni vezhyë latour de nou...
90.	T16.15	Ye <b>chli</b> jomou-tyë qu'a lèchô na pyara de l'édye...
91.	T16.17a	<b>Sèteye</b> , ye lou médessin que ch'è va (...)
92.	T16.17b	Mé a qui-teu qu'é don <b>cht'</b> eutra vetezha?
93.	T17.3a	(...) ye lou bon co pe cherô la mon de <b>chli</b> vyo renar!
94.	T17.3b	É vtya quemè zhe lou treuvou, <b>chli</b> sapré farcho!
95.	T17.4a	I tonbe a pecou, <b>chli</b> bon Berteloumi Lèpyon!
96.	T17.4b	Preca, lya la, me racontôve <b>che</b> qu'éve arevô chta né! ?
97.	T17.4c	Preca, lya la, me racontôve che qu'éve arevô <b>chta</b> né!
98.	T17.4d	Pi sète-vou <b>che</b> que zh'aprenyou?
99.	T17.7a	Ye <b>sèteye!</b>
100.	T17.7b	Pi <b>cht'</b> argalya vô a lya chouleta na fertena!
101.	T17.7c	É fo <b>che</b> qu'é rapëurte de shètô!
102.	T17.7d	É fo che qu'é rapëurte de shètô!
103.	T17.8	(...) Berteloumi Lèpyon vouj assurezha <b>sèteye</b> é pte zenyon.
104.	T17.10	(...) che zh'éva ta, zhe fezhè arèzhhyë <b>chla</b> marsha vra vitou.
105.	T18.4	Zhe me si pèssô qu'é ne vou dérèzhrè pô...
106.	T18.5	Pi é vou fezhè on pte amuzemè.
107.	T18.7	Ye-teu pe vou <b>chli</b> pyanô que vin d'arevô?

108.	T18.10	<b>Chli</b> zinzin de pérouquë!
109.	T18.15a	Ye <b>sèteye</b> ...
110.	T18.15b	É n'e pô ordinézhou!
111.	T19.1	<b>Chlé</b> zhournalistou: qué chôla racha!
112.	T19.2a	É n'e pô quemè sèteye du "Tempo di Roma" ...
113.	T19.2b	É n'e pô quemè <b>sèteye</b> du "Tempo di Roma" ...
114.	T19.2	<b>Chlé</b> môlapra m'on on zhou mèco d'égar, é ple zhamé zhe ne lé rechevrë...
115.	T19.7	Non, é n'e pô la beushri Sevi...
116.	T19.9	É ne char a ryin de couarnô quemè <b>sèteye</b> , monsu!
117.	T19.11	Ne sé pô <b>che</b> que me retin de...
118.	T19.13	<b>Chla</b> béta que pyapyate! ENFATICO
119.	T19.14	Quemèdô-me yena de <b>chle</b> ptete sharete pe lé bouato, que zhe pussa u mouin chourti me proumenô.
120.	T20.1	Zh'é dyo assui na pyara du semetizhou, <b>y</b> éve préssô...
121.	T20.7	Pi vtya <b>chli</b> bon Panouyon que talye ché reuzi...
122.	T20.8	Pèdè <b>chli</b> té.
123.	T20.9a	Dézhya a l'euvra, <b>chti</b> matin...
124.	T20.9b	<b>Chli</b> pte mô?
125.	T20.11	Mon bon compézhe, pèssô don – mé <b>sèteye</b> réste ètre nou (...)
126.	T21.4	Teu-qu'é y éve que <b>chle</b> bête qu'on détalô quemè de livre?
127.	T21.5a	<b>Chla</b> nouvala reuza ch'apelra "Bianca Castafiore"...
128.	T21.5b	Me demèdou <b>che</b> qu'i foutivon tyë (...)
129.	T21.5c	Me demèdou che qu'i foutivon tyë, <b>chlé</b> dreulou?
130.	T21.7	Tou <b>sèteye</b> da réstô lamè ètre nou!
131.	T21.8	Teu-qu'é vo dezhe?
132.	T21.9	Tin, teu-qui qu'e itye, su <b>chli</b> bon?
133.	T22.1	Che vou lou vate, dete-li que <b>sèteye</b> de "Lyon-Flash" on assui yo quéstyon (...)
134.	T22.2	I venyon de <b>chli</b> lyon, bonzou!
135.	T22.4	... que cashe chou <b>chla</b> duzha couana on fon simplou, quemè on byô gosse on peu inoussè...
136.	T22.7	É fa fré <b>chti</b> matin...
137.	T22.8	On tricô, é n'e pô n'abelyemè pe n'oumou de veutron té, vayon!
138.	T23.1	Ma, zhe vezhë mémou <b>sèteye</b> su la couarta!
139.	T23.3a	<b>Chli</b> zhardeni...
140.	T23.3b	<b>Chlitye</b> qu'a étô su la lena avoui Tintin...
141.	T23.7a	Quemè <b>sèteye</b> , é don bin vra?
142.	T23.7b	É devè étrou na cherpresa...
143.	T23.9	<b>Y</b> éve y a douvej ènô...
144.	T23.10	Ple na pareula su <b>sèteye</b> !

145.	T23.12	Pèdè <b>chli</b> té...
146.	T24.1	Ye <b>sèteye</b> ...
147.	T24.3	Ma bena, premetô-me de vouj oufri <b>chla</b> sinpla “Zaquelena Mayè”...
148.	T24.8	Atèdi, zhe vé vouj arèzhyè <b>sèteye</b> ...
149.	T24.9	<b>É</b> va dézhya myo, pô vra?
150.	T25.5a	<b>É</b> n’e pô que <b>chli</b> pèguelyon-tyè ache na grè valèur
151.	T25.5b	É n’e pô que <b>chli</b> pèguelyon-tyè ache na grè valèur: é lamè na bricoula.
152.	T25.5c	Pi Coco Decoursèl, on dezha <b>che</b> qu’on voudra, ye touzhou Coco Decoursèl
153.	T25.12	Pèdè <b>chli</b> té...
154.	T26.3	Euh... non, l’e parti depi <b>chti</b> matin...
155.	T26.8	<b>É</b> va! 37
156.	T26.9a	Pe l’assurèssa, que ta Castanyeta ne ch’è fache pô: zh’é dyo m’èn alô du pahi <b>chlé</b> zhou-tyè, mé n’ébleyou pô...
157.	T26.9b	Zhe vindrè yon de <b>chlé</b> catrou matin...
158.	T26.10	Teu-qu’i velive, <b>chli</b> cache-pyè, avoui ché conplimè?
159.	T26.14a	Ah bin <b>sèteye</b> , vinzou de vinzou!
160.	T26.14b	Teu-qu’è vo dezhe?
161.	T27.1a	Lejô <b>sèteye</b> pi dete-me che vouj i conpreni nchaca...
162.	T27.1b	Pi <b>chli</b> cache-pyè de Lèpyon m’a lamè téléfounô pe me conplimètô, lui azhi...
163.	T27.7	Che zhe teniva lou bougrou d’écharvelô qu’a pondu <b>chlej</b> ôneri!!
164.	T28.3a	Vouj apelô <b>sèteye</b> on bravou articlou!
165.	T28.3b	Anonchë quemè <b>sèteye</b> neutrè nouche!
166.	T28.4	Mé é n’a pô d’inportèsse!
167.	T28.9a	Ah bin <b>sèteye</b> , ma fa!
168.	T28.9b	<b>Sèteye</b> , ma fa!
169.	T28.9c	Ah bin <b>sèteye</b> !
170.	T28.10	Qué plézi pe ma d’aprèndre <b>chla</b> bena nouvala!
171.	T29.11	Me demàdou pe qui <b>chlé</b> zhournalistou on apra de sheuze qu’on me cashe a ma!
172.	T30.2a	...zh’é la mon que trèble greu pe vou dezhe quéque meu u nyon de <b>sèteye</b> de la fèfara de l’Ônizhe (...)
173.	T30.2b	(...) pe vou dezhe lou plézi que nouj in tui pe <b>chli</b> grè moumè dè lou pahi...
174.	T30.9	Te na ètro pi te mélyô <b>chlé</b> mondou...
175.	T31.1a	Te va fèzhe élyeudô <b>chla</b> lemizhe su lou plafon.
176.	T31.1b	Zhe vé vouj ésplocô <b>che</b> que nouj alon fèzhe.
177.	T31.3	A parti de <b>chli</b> moumè, on m’ètèdra, mé on me vezha pô mé.
178.	T31.4a	A la fin de <b>chli</b> premi mouché, zhe vou demèdrè (...)
179.	T31.4b	(...) zhe vou demèdrè che vou veli shètô achaca éspré pe <b>sèteye</b> que guétyon l’émessyon vé yo.
180.	T31.8	<b>É</b> n’e qu’on pte zu éléctricou!

181.	T31.9a	É va pe lou réglazhou de la voua?
182.	T31.9b	É quemèche!
183.	T31.10a	Mé conpézhe, nouj in <b>chti</b> cha la grè chonsa d'étrou ressu pe la fameuza shètyoza (...)
184.	T31.10b	É va quemè sètye?
185.	T31.10c	É va quemè <b>sètye</b> ?
186.	T32.6	É tēurne!
187.	T32.9	Mé conpézhe, nouj in <b>chti</b> cha la grè chonsa d'étrou ressu pe la fameuza shètyoza (...)
188.	T32.13a	Oh! Mé... mé... mé ye la Castafiore, <b>sètye</b> !
189.	T32.13b	<b>Sètye</b> , ma fa!
190.	T32.14a	Le da absolùmè va <b>sètye</b> , chla bena dama!
191.	T32.14b	Le da absolùmè va sètye, <b>chla</b> bena dama!
192.	T33.2	On me cashe tou dè <b>chla</b> mazon!
193.	T33.3	É pi <b>chla</b> peuvra Castafiore que pôche a la télévejyon, (...)
194.	T33.9	(...) teu-que vouj alô shètô ilé, pèdè <b>chla</b> tounô (...)
195.	T33.11	É n'e pô avoui n'evra de Gounod que vouj éte yo lé ple bravou sucsé?
196.	T33.13	(...) zhe si sur que neutréj ami chezhon euzho de vouj ètèdre interpretô, éspré pe yo, <b>cht'</b> euvra...
197.	T34.3	Brava dè <b>chla</b> glacha...
198.	T34.8a	Que <b>chle</b> béte on don d'émou...
199.	T34.8b	Pi le chinton <b>che</b> qu'e bravou!
200.	T34.11	Brava dè <b>chla</b> gla...
201.	T34.12	Bin nondezou! É ne mècôve ple que sètye!
202.	T35.3a	È vtya n'idé, de couzhi quemè <b>sètye</b> dè lou na!
203.	T35.3b	U-teu que vou véte quemè <b>sètye</b> ?
204.	T35.4	Ah bin <b>sètye</b> ...
205.	T35.8	Teu-qu'è y éve, Lyôdou?
206.	T35.9	E pèdè <b>chli</b> té...
207.	T35.11	Ye <b>sètye</b> !
208.	T36.4	Y éve dè qu'è devè arevô!
209.	T36.6	Pi ma, u contrézhou, pèssôva que y éve on fôtôgrafou convyô pe la Castafiore lya-méma.
210.	T36.10	Quemè, é tonbe byè?
211.	T36.11a	Qui <b>sètye</b> ?
212.	T36.11b	<b>Sètye</b> per ézèplou!
213.	T36.12a	<b>Sètye</b> , per ézèplou!
214.	T36.12b	Teu-qu'i fabrecôvon a la zhèdarmeri de L'Ônizhe, <b>chlé</b> bougrou de zhèfoutrou?...
215.	T36.13a	Ye don <b>chli</b> fôtôgrafou qu'azhè fé lou co...
216.	T36.13b	N'e pô couzhè <b>sètye</b> !
217.	T36.13c	Ma, zhe n'ômou pô <b>chlé</b> zu épètou!

218.	T37.5	Ne parlon pô mé de <b>sèteye</b> !
219.	T37.8a	<b>Sèteye</b> , ye che que l'èquéta devra treuvô.
220.	T37.8b	Sèteye, ye <b>che</b> que l'èquéta devra treuvô.
221.	T37.8c	Mé êtrô don, nouj alon vouj ésplecô <b>che</b> que t'arevô.
222.	T37.9	Évida mè, tou sèble acijô <b>chli</b> dreulou de fôtôgrafou...
223.	T37.11a	(...) lou na ch'e fé, pi <b>y</b> éve ézactemè che que velive lou voulèur!
224.	T37.11b	(...) pi y éve ézactemè <b>che</b> que velive lou voulèur!
225.	T37.13a	(...)zhe si queryo de chava <b>che</b> que vou véte réplîcô a che que zhe vé vou demèdô vouzhèdra, ma!
226.	T37.13b	(...)zhe si queryo de chava che que vou véte réplîcô a <b>che</b> que zhe vé vou demèdô vouzhèdra, ma!
227.	T38.4a	Vou sète bin qu'a <b>chli</b> moumè, l'èquéta a montrô qu'i (...)
228.	T38.4b	(...)l'èquéta a montrô qu'i n'avè zhamé ryin su de <b>che</b> que che pôchôve vé chle canalye!
229.	T38.4c	(...) n'avè zhamé ryin su de che que che pôchôve vé <b>chle</b> canalye!
230.	T38.6	Bon, bon, on vezha <b>sèteye</b> ...
231.	T38.11	(...) tou lou zhou su <b>che</b> que vou vouj éte fé shouravô...
232.	T38.14	Pi, a <b>chli</b> sujé, supeuzon que l'évon assurô, ma fa oua...
233.	T38.16a	L'a na polisse a lui, <b>chli</b> mondou??
234.	T38.16b	Dè <b>chli</b> ca, ma bena...
235.	T39.1a	Ah! Bon, é shèze tou, <b>sèteye</b> ...
236.	T39.1b	Ah! Bon, é shèze tou, <b>sèteye</b> ...
237.	T39.2	Quemè <b>sèteye</b> , veutrè pèguelyon évon èfroumô dè na quemeuda...
238.	T39.9a	Ye fo <b>che</b> que zhe si écharvela!
239.	T39.9b	(...) zh'éva déssèdu avoui ma maleta, què <b>chlé</b> mondou de la télévejyon évon déboulô.
240.	T39.13a	É va!
241.	T39.13b	É fa!
242.	T40.1	Mé <b>sèteye</b> chon de cablou!
243.	T40.3a	N'èpéshe que la cavalô de <b>chli</b> fôtôgrafou n'aréte pô de me tracachè...
244.	T40.3b	Oua, mé <b>sèteye</b> a par, tout e byè qu'assui byè!
245.	T40.4	Ah! Zhe reyou de me che brava dè <b>chla</b> glacha...
246.	T40.5	Bon, é va, garamé!
247.	T40.10	<b>Chla</b> mezeca me remye u fon de ma!
248.	T40.13	Qué silèssou de <b>chlé</b> beu!
249.	T41.3	Oua, oua, ye vra sur, monsu, ye <b>sèteye</b> ...
250.	T41.4a	...zhe ne sé pô oncouzhe <b>che</b> que zhe fezhè (...)
251.	T41.4b	(...) vinzou, mé é ne che pôchra pô quemè <b>sèteye</b> !
252.	T41.4c	(...) vinzou, mé é ne che pôchra pô quemè <b>sèteye</b> !

253.	T41.5a	É ne che pôchra pô quemè sèteye!
254.	T41.5b	É ne che pôchra pô quemè <b>sèteye</b> !
255.	T41.6	Sharaÿe quemè <b>sèteye</b> na peuvra fena!
256.	T41.7a	Vate <b>sèteye</b> !
257.	T41.7b	Ah! Mé, é ne che pôchra pô quemè sèteye, proumi!
258.	T41.7c	Ah! Mé, é ne che pôchra pô quemè <b>sèteye</b> , proumi!
259.	T41.9a	Le n'e pô mô du tou, <b>chla</b> fôtô!
260.	T41.9b	Ye tou <b>che</b> que vou treuvô a dezhe?
261.	T41.11a	Ye <b>sèteye</b> ! 35 60
262.	T41.11b	Tem don pe <b>chléj</b> éfrontô
263.	T41.11c	<b>Chlé</b> mô éducô!
264.	T41.11d	<b>Chlé</b> quelotô!
265.	T41.11e	Ye byè pi que <b>sèteye</b> !
266.	T41.11f	Pi que <b>sèteye</b> ?
267.	T42.1a	É ya que <b>chla</b> fôtô a étô fêta itye mémou pe n'oumou de "Tempo" (...)
268.	T42.1b	Ca! <b>Chli</b> fôtôgrafou?
269.	T42.2a	<b>Chli</b> fôtôgrafou, oua, qu'a déguerpi dè lou na!
270.	T42.2b	Zh'ava dè a <b>chle</b> sharounye du "Tempo" (...)
271.	T42.3a	Pi tou <b>sèteye</b> (...)
272.	T42.3b	(...) tou <b>sèteye</b> ye a côja de vou!
273.	T42.4a	Che vouj évô on peu ple regardè avoui <b>sèteye</b> que pôchon itye!
274.	T42.4b	Che vou ne revevôvô pô n'èpèurte qui vé vou, <b>chlej</b> èbroulye ne chezhon zhamé arevô!
275.	T42.10	É va touzhou, oua?
276.	T43.2	Venyou de treuvô <b>chli</b> pte zhournô pe tara...
277.	T43.5	É n'e pô tou!
278.	T43.7	Mé oua, ye byè <b>sèteye</b> !
279.	T43.10	Ah! <b>Chle</b> noute d'ètrénemè!
280.	T43.11	Ah! <b>Chle</b> noute!
281.	T43.14	<b>Sèteye</b> , ye quéquyon qu'a mècô la marsha!
282.	T44.2	<b>Sèteye</b> , per ézèplou!
283.	T45.1	Donbin me tronpoum donbin lou voulèur, ye <b>chlitye</b> qu'a trabeshya dè l'éscaleyé y a on moumè...
284.	T45.2a	Dete-me va, la Castafiore l'e-teu sur, <b>chli</b> co (...)
285.	T45.2b	(...) que <b>chli</b> pèguelyon a vramè étô shapardô?
286.	T45.6a	Tra de <b>chle</b> pressane chon a betô è defèur du co (...)
287.	T45.6b	Ah! <b>Chlitye</b> , pe che que ye de zhouyè de pyanô...
288.	T45.6c	Ah! <b>Chlitye</b> , pe <b>che</b> que ye de zhouyè de pyanô...
289.	T45.7	Yon de <b>chlé</b> tra-tyë, coupôblou?

290.	T45.9	A <b>chli</b> moumè, zh'è levô lé zu vé che fenêtre...
291.	T45.10	Ye <b>sèteye</b> : vouj éte lôshya veutron shôté (...)
292.	T45.12	Donc, vouj azhyô u lou té, quemè <b>sèteye</b> , dètrô dè cha shonbra (...)
293.	T46.4a	Pi ij ôjon me betô <b>sèteye</b> su lou rablou...
294.	T46.4b	... <b>chlé</b> deu môvé mondou!
295.	T46.8a	Pi on m'a betô u couzhè de <b>che</b> que vin d'étrou voulô.
296.	T46.8b	Zhe si èbétô pe <b>chla</b> peuvra fena...
297.	T46.9a	Mé é n'e pô la quéstyon (...)
298.	T46.9b	Ye a <b>sèteye</b> que zh'è achteu shonzhya, ma fa oua!
299.	T46.10a	Non, é ne va pô che pôchô quemè sèteye!
300.	T46.10b	Non, é ne va pô che pôchô quemè <b>sèteye</b> !
301.	T46.10c	Byèn ètèdu, é n'e oncouzhe que na pteta idé (...)
302.	T47.2	...quetou <b>chla</b> mazon su lou shon!
303.	T47.6	<b>É</b> ne fa pô l'onlyou d'on doutou!
304.	T47.7a	<b>Chlé</b> mondou-tyë chon tui de shapardyo!
305.	T47.7b	<b>É</b> ne va pô trêno!
306.	T47.7c	Alon, èminno-nou a <b>chli</b> quèpemè!52
307.	T47.7d	Mé é n'e pô preca i chon de Bouémyin (...)
308.	T47.9	Alèur, <b>chli</b> quèpemè? 9
309.	T48.4a	Ye l'eutrou zhou, è vayè tui <b>chlé</b> peustou itye, que zhe me si pèssô: qué(...)
310.	T48.4b	(...) qué damozhou que <b>chlej</b> émôzhe chayon lamè è na pi blon!
311.	T48.6a	Eh bin, l'apareyou que zh'è betô u pouin lé rebalye, <b>chle</b> coulèur...
312.	T48.6b	Ye fermidôblou, <b>sèteye</b> !
313.	T48.7	<b>Chti</b> cha, y a la fameuza émessyon "Tou lou mondou è côje"...5
314.	T48.10	...Pe neutra valya de <b>chti</b> cha, nou velon vou conquyétô pe n'èfelô de repourtazhou su...
315.	T48.11a	<b>Sèteye</b> , per ézèplou!
316.	T48.11b	<b>É</b> tonbe a pecou!13
317.	T48.7	<b>Y</b> éve pô grè sheuza!
318.	T49.7	<b>Y</b> éve pô grè sheuza!
319.	T49.8	Bianca Castafiori, réste è <b>chli</b> moumè dè neutron pahi.
320.	T49.9a	Ah! Zhe reyou de me va che brava dè <b>chla</b> glacha...
321.	T49.9b	Ye ma, <b>sèteye</b> ? 75
322.	T49.11	(...) pi vtya <b>che</b> qu'i nouj on dè...
323.	T49.12	Acteu, nouj in dyo è veni a pèssô que shèteye du sôté n'évon pô dè lou co. sèteye (erro de digitação??)
324.	T50.2	<b>Cht'</b> oumou, nou l'in découar: ye lou sinzhou!
325.	T50.4a	Mé <b>sèteye</b> , é ne chezha ple qu'on amuzemè!
326.	T50.4b	Mé sèteye, é ne chezha ple qu'on amuzemè!

327.	T50.5	Éh byè, voutj-eutrou, é nou réste a vou complimentêto pe <b>chla</b> bretyèta èquéta, pi pe le che (...)
328.	T50.6	É sufi quemè <b>sèteye!</b>
329.	T50.7	Évidamè, é n'e pô oncouzhe tout a fé u pouin, mé...
330.	T51.1	Ah bin <b>sèteye</b> , n'é pô la berlu (...)
331.	T51.7	Ah bin <b>sèteye!</b>
332.	T51.8	Mé preca l'a maniguècha <b>sèteye?</b>
333.	T52.4	Non, é va alô! 50
334.	T52.7	Zhe fé <b>sèteye</b> pe gardô men épenya...
335.	T52.8	Ye pe pouva seulyô de téj è té, que zh'é shonzhya a <b>chli</b> sistémou...
336.	T52.9	Seulyô vé <b>sèteye</b> du bou, crayou, mon vyo Vyeuli?
337.	T53.2	Pi ye pe pouva téléfounô <b>che</b> que zhe paryou (...)
338.	T53.3a	É don <b>sèteye</b> ...
339.	T53.3b	<b>Y</b> éve vou, hin?
340.	T53.3c	Oua, <b>y</b> éve ma...
341.	T53.5	A la fin, zh'é voulu chava <b>che</b> qu'y èn ève, pi...
342.	T53.7a	É zhaache quemè dej ouyache (...)
343.	T53.7b	É zhaache quemè dej ouyache, <b>chlé</b> joumou!
344.	T53.8	Éh bin vtya élyarsi tou <b>che</b> que zhe veliva chava.
345.	T53.9	Non, ne crayou pô qu'é chaye lui qu'a voulô l'émereuda (...)
346.	T53.10	De toute fachon, <b>chti</b> cha zhe chezhè u greni: é fô suivre toute le tralye...
347.	T54.1	Di don, Tintin, é va dezhô oncouzhe lontè?
348.	T54.8	<b>Sèteye</b> , per ézèplou!
349.	T55.3	É fôdra bin qu'on Zhou, zhe me déssida a betô on peu d'èurdre dè <b>chli</b> traquenè...
350.	T55.7	É n'e pô vra?
351.	T56.6	Ma bena Bianca, veli-vou acsèptô <b>chle</b> peuvre reuze, le premizhe de n'èspèssa (...)
352.	T56.9a	Ye <b>sèteye</b> (...)
353.	T56.9b	(...) ye <b>sèteye!</b>
354.	T57.3	<b>Chli</b> co, ye byèn assui!
355.	T57.7a	É n'e pô ma fôta...
356.	T57.7b	Non, é n'e pô la veutra non ple (...)
357.	T57.7c	Non, demon é n'e pô poussiblou...
358.	T57.9	Ye pe <b>sèteye</b> qu'y a tè de maladi de quœur...
359.	T57.12	Touzhou <b>cht</b> 'istouare sè couva no téta de sinzhou voulèur!
360.	T58.1a	Ah! <b>Sèteye</b> qué meusha que l'a pecô, chli carabi? ???
361.	T58.1b	Ah! Sèteye qué meusha que l'a pecô, <b>chli</b> carabi?
362.	T58.3a	(...) vé prézetô mon "Grècolor Politor" u Grè rassèblemè de <b>sèteye</b> de la télévejyon.
363.	T58.3b	Éh bin dete-li tou <b>che</b> que vou veli, mé zhe voutj è prayou!

364.	T58.10	(...) preca nou ne vayon vramè pô <b>che</b> qu'ï pouzhë oncouzhe nouj aprèdre tyë-dessu.
365.	T58.12	Pi <b>sèteye</b> ...
366.	T58.13a	Éh bin <b>sèteye</b> (...)
367.	T58.13b	(...) ye <b>che</b> que zhe vé vou fèzhe va!
368.	T59.2a	U <b>sèteye</b> , è yo?
369.	T59.3a	Dè <b>chli</b> pëublou...
370.	T59.3b	Tou <b>che</b> que zhe vayou, ye on ni!
371.	T59.4	Oua, mé <b>chli</b> ni, ye on ni d'ouyache, capiténou...
372.	T59.6a	Nondezou, y éve don pe grinpô tinqu'a (...)
373.	T59.6b	Nondezou, y éve don pe grinpô tinqu'a <b>chli</b> ni que vouj éte alô quezhi lej argalye (...)
374.	T59.6c	É <b>sèteye</b> mémou!
375.	T59.7	É va alô!
376.	T60.7	Pe ma, y a étô <b>sèteye</b> qu'a fè la lemizhe!
377.	T60.8	Zh'é couzhu va a <b>cht'</b> èdra: y avè on ni!
378.	T60.11	Ye nou choulè que lou rebetron a cha præupriétézha: ye neutra condessyon que vo <b>sèteye</b> !
379.	T60.12a	Ma, <b>che</b> que me la lou mé plézi (...)
380.	T60.12b	Ma, che que me fa lou mé plézi, tyë-dedè, ye de chava que <b>chlé</b> bon Romanô von étrou è defèur de <b>sèteye</b> ...
381.	T60.12c	(...) <b>chlé</b> bon Romanô von étrou è defèur de <b>sèteye</b> ...
382.	T61.2a	Ah! Ye malin <b>sèteye</b> !
383.	T61.2b	É peu arevô a tou lou mondou, non?
384.	T62.3	Ne betô pô lou pyë su <b>chla</b> marsha!
385.	T62.4	Afête-vou, pèdè deu tra zhou, de fèzhe lou pô...que-e-emè <b>sèteye</b> !
386.	T62.10a	<b>Sèteye</b> , ye nchaca!
387.	T62.10b	Ma que reveniva justamè vou dezhe d'atèdre on zhou donbin deu avè de betô lou pyë su <b>chla</b> marsha...